



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE–UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
PROFLETRAS- MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS



CICERA ROSIMERE FERREIRA

**INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ENSINO
FUNDAMENTAL (TCEF) COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

CAJAZEIRAS

2023

CICERA ROSIMERE FERREIRA

**INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ENSINO
FUNDAMENTAL (TCEF) COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* de Cajazeiras (PB), como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

AREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguagem e Letramentos.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca

CAJAZEIRAS

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

F383i Ferreira, Cicera Rosimere.
Iniciação Científica no Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental (TCEF) como prática pedagógica na disciplina de Língua portuguesa / Cicera Rosimere Ferreira. – Cajazeiras, 2023.
204f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca.
Dissertação (Mestrado em Letras - PROFLETRAS) UFCG/CFP, 2023.

1. Prática pedagógica. 2. Pesquisa de ensino. 3. Iniciação científica. 4. Educação básica. 5. Língua portuguesa. 6. Trabalho de conclusão de curso-Ensino fundamental. 7. Escola integral. I. Joca, Alexandre Martins.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.02(043.3)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

CICERA ROSIMERE FERREIRA

O TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL (TCEF) COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Departamento de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande -(UFCG)- *Campus* de Cajazeiras (PB), como requisito parcial para a elaboração da Dissertação do curso de mestrado profissional em Letras .

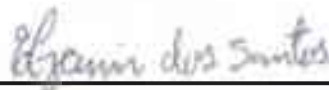
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca

Aprovada em 10 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (UFCG)
Orientador



Profa. Dra. Elzani dos Santos (UFPB)
(Examinador 1)



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes (UFCG)
(Examinador 2)

Dedico esta pesquisa aos meus pais, Sônia Antônia do Nascimento e Manoel Ferreira Neto (in memoriam), por terem me dado a vida, por sempre me instruírem no caminho do bem, por me incentivarem a sempre estudar.

Aos meus filhos Pedro Emanuel Ferreira Cavalcante e Lucas Henrique Ferreira de Alencar, por serem o motivo de toda a minha existência.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui.

Ao meu filho Pedro Emanuel, que compartilhou comigo todas as minhas angústias, os meus choros de cansaço, os afazeres da casa, os cuidados com seu irmão recém-nascido e teve toda paciência de me esperar nos momentos de ausência.

Aos meus familiares que, diretamente e indiretamente, me ajudaram a realizar esse sonho. Em especial, a tia Marina (*in memoriam*), que no momento de dor e sofrimento pela ausência da minha mãe, exerceu a função de avó e ao meu tio “Louro Gago”, que assumiu o papel de pai, quando o meu pai biológico já não estava mais presente.

Aos professores do Profletras, que me incentivaram a acreditar o quanto é possível superar as adversidades que a vida nos impõe.

À professora e amiga Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato, que me levou ao encontro do meu objeto de estudo. Em meio a dúvidas e anseios da escolha do tema, recebi um direcionamento exato que me levou ao tema dessa pesquisa.

Ao meu professor e orientador Alexandre Martins Joca, por aceitar o convite para me acompanhar nesse percurso de me tornar uma professora\pesquisadora.

Aos professores Dorgival Gonçalves Fernandes e Elzanir dos Santos, por aceitarem participar da banca da defesa da dissertação e pelas valiosas contribuições na construção do texto dessa pesquisa.

Aos meus colegas da turma de mestrado, por formar uma verdadeira rede de cooperação, formada com o propósito de melhorar a educação pública brasileira.

Aos meus alunos e a todos os envolvidos nessa pesquisa, que me ajudaram a construir a trajetória dessa dissertação.

“A educação deve ensinar o que a vida significa. A escola deve preparar cidadãos urbi et orbi (para cidade e para o mundo). Agentes da paz, da cultura, da humanidade. Se o objetivo é educar para a verdade para a justiça, para o saber, para a solidariedade. Isso exige educar pessoas, formá-las para viver entre seres humanos e com eles compartilhar preocupações e sonhos a partir de pontos de vida diferentes e mesmo contrários, às vezes. Por isso, é indispensável formar pessoas que aprendem a refletir e a discordar, a descobrir as virtudes do consenso. Só se consegue isso privilegiando a formação de espíritos críticos em liberdade”.

Luis Jaime Cisneros

RESUMO

A presente pesquisa apresenta como objeto de estudo a prática pedagógica da iniciação científica na educação básica. Analiso como material empírico minha experiência pedagógica como professora das disciplinas de Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental TCEF e Língua Portuguesa, realizada com os alunos do 9º ano da Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro (PE). Apresento como objetivo geral, descrever e analisar a experiência de iniciação científica vivenciada com alunos do 9º ano da educação básica, na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro (PE), em 2021. Como objetivos específicos: (i) problematizar a possibilidade de realizar iniciação científica na educação básica; (ii) realizar o levantamento de documentos oficiais no âmbito das políticas educacionais, que destacam a necessidade de uma formação acadêmica-científica desde a educação básica; (iii) identificar desafios e contribuições da prática da pesquisa na escola para o ensino da Língua Portuguesa. O procedimento metodológico desta pesquisa consiste na observação participante da disciplina “Iniciação Científica e TCEF”. É preciso ressaltar que a pesquisa foi aplicada em um cenário pandêmico, por isso, os procedimentos metodológicos foram realizados em espaços virtuais, dada a impossibilidade de encontros presenciais entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica. Iniciação científica. Pesquisa. Educação básica. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present research presents as object of study the pedagogical practice of scientific initiation in basic education. I analyzed as empirical material my pedagogical experience, as a teacher of the subject Completion work of Elementary School TCEF and Portuguese Language carried out with 9th grade students, at the Dom Malan School, in the municipality of Salgueiro/PE. I presented as a general objective: to identify challenges and contributions of the practice of research in the school for the teaching of the Portuguese Language and as specific objectives: to problematize the possibility of carrying out scientific initiation in basic education, to carry out a survey of official documents in the scope of educational policies, which highlight the need for an academic-scientific formation starting from basic education; to describe and analyze the experience of scientific initiation lived with students of the 9th grade of basic education, at the Dom Malan Elementary School, in the municipality of Salgueiro/PE, in 2021. Countless factors awakened me to choose the theme addressed in this research. Among them: the difficulties encountered by teachers in proposing, executing and correcting research carried out by students, while students I tried to analyze the conflict situations experienced by them when they faced activities research. The methodological procedure of this research consists of participant observation of the discipline “Scientific Initiation and TCEF”, in the application of online questionnaires with professors, residents and students. They were carried out in virtual spaces, given the impossibility of face-to-face meetings between the researcher and the research subjects. Regarding the division of the research chapters, I present the following division: in the second chapter I discuss the school as an educational space for teaching and research. Of this research. I also present all the methodological procedures that I used to develop this research, supporting each item with a corresponding theoretical basis.

KEYWORDS: Pedagogical practice. Scientific research. Search. Basic education. Portuguese language.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCEF	Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan

28

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Alunos em Tempo Parcial e Integral na EREF Dom Malan	28
TABELA 02	Índices Escolares da EREF Dom Malan	28
TABELA 03	IDEB - Resultados e Metas do 5º Ano da EREF Dom Malan	29
TABELA 04	Resultados e Metas do 9º Ano da EREF Dom Malan	29
TABELA 05	Resultados do SAEPE da EREF Dom Malan no 9º Ano	29

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Cronograma da disciplina TCEF	68
QUADRO 02	Temas e título das pesquisas discentes dos TCEF	69
QUADRO 03	Conteúdos de Língua Portuguesa para o 9 ^a ano	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A ESCOLA COMO ESPAÇO EDUCATIVO DE ENSINO E PESQUISA	20
2.1	ENSINO E PESQUISA: PERCURSOS FORMATIVOS DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA NA ESCOLA	20
2.1.1	Laboratórios Formativos: do brincar de ensinar ao objeto de estudo, a pesquisa na escola	21
2.1.2	O processo de investigação e a construção do distanciamento de uma professora/pesquisadora	24
2.2	PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PESQUISA NA ESCOLA	25
2.2.1	Os referenciais teóricos sobre a pesquisa na escola e o ensino da Língua Portuguesa	25
2.2.2	Os espaços e o corpus da investigação	26
2.2.3	Procedimentos metodológicos do trabalho de campo	31
2.2.4	A análise Documental	32
2.2.5	Observação Participante	32
3	PESQUISA E ENSINO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	34
3.1	DOIS DEDOS DE CONVERSA SOBRE A PESQUISA COMO MEIO PARA PRODUÇÃO DA CIÊNCIA	34
3.2	OS CONTRATEMPOS DO FAZER PESQUISA NA GRADUAÇÃO	36
3.3	A RELAÇÃO ENTRE O DOCENTE E A PESQUISA	41
3.4	O TRIPÉ DO ENSINO PELA PESQUISA: FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA DOCENTE	44
3.5	A PESQUISA E A LINGUA PORTUGUESA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS	51
3.5.1	O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)	51
3.5.2	O que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS	52
3.5.3	O que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (PCP)	56
4	UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM UMA ESCOLA INTEGRAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA	60
4.1	A PERSPECTIVA DA ESCOLA INTEGRAL E A EXPERIÊNCIA EM PERNAMBUCO	60
4.1.1	O Protagonismo na escola integral	62
4.1.2	Os quatro pilares da educação	63
4.2	O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA DE REFERÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II DOM MALAN	65
4.3	RECONSTRUINDO O PROCESSO DE EXECUÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: A PRODUÇÃO DOS TCEFS E A LÍNGUA PORTUGUESA	67
4.3.1	A disciplina o Trabalho de Conclusão de Curso (TCEF) no Ensino Fundamental II da Escola Referência Dom Malan	67
4.3.2	A Relação entre a Disciplina e Ensino de Língua Portuguesa	72

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO 01: Exemplo de um TCF	94
	APÊNDICE A: Convite aos professores	140
	APÊNDICE B Certificado de apresentação	141
	APÊNDICE C: Grupos de estudo (Whatsapp)	142
	APÊNDICE D: Fotos das apresentações dos TCF's	143

1 INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa apresento como objeto de estudo a prática pedagógica da iniciação científica na educação básica. Trago como material empírico a minha experiência pedagógica, como professora da disciplina ‘Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental (TCEF), realizada com os alunos do 9º ano, na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro (PE).

Há três tipos de pesquisa: acadêmica, escolar e a pesquisa da própria prática pedagógica. Essa pesquisa se caracteriza como sendo a terceira, uma vez que no exercício de sua prática pedagógica, o professor atua em diversos níveis, conduzindo o processo de ensino-aprendizagem, avaliando os alunos, contribuindo para a construção do projeto educativo da escola e para o desenvolvimento da relação da escola com a comunidade.

Logo, por tratar-se de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), dou ênfase a relação pedagógica entre a experiência da pesquisa na escola e o ensino de língua portuguesa, a partir da minha experiência pedagógica. Apresento como objetivo geral, descrever e analisar a experiência de iniciação científica vivenciada com alunos do 9º ano da educação básica, na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro (PE), em 2021. Trago como objetivos específicos: (i) problematizar a possibilidade de realizar iniciação científica na educação básica; (ii) realizar o levantamento de documentos oficiais no âmbito das políticas educacionais, que destacam a necessidade de uma formação acadêmica-científica desde a educação básica; (iii) e por último, identificar desafios e contribuições da prática da pesquisa na escola para o ensino da Língua Portuguesa.

Em minha experiência como professora do Ensino Fundamental, tenho observado que no momento em que o aluno se depara com atividades voltadas à pesquisa, se vê frente a uma situação conflituosa e, por falta de orientação, sem saber como fazer e onde encontrar materiais sobre o tema solicitado, simplesmente deixa de fazer ou apresenta cópias fiéis de partes de obras ou recorte de textos, sem consciência do crime do plágio cometido. Uma hipótese, entre outras, é que essa problemática esteja relacionada com a formação docente. Questiono se a formação precária dos professores em suas graduações e a falta de aprofundamentos sobre o tema na formação continuada dos mesmos, podem resultar na desqualificação da pesquisa no Ensino Fundamental.

No curso superior, disciplinas chamadas “Metodologia do Trabalho Científico” talvez não seja suficiente para que o professor exerça a atividade de orientador, de maneira a se

sentir preparado para acompanhar de pesquisas por seus alunos. Nesse contexto, é muito difícil quando esse professor vai ministrar aulas para 1º e 2º grau, conseguir desenvolver ações voltadas ao ensino, partindo da pesquisa ou articulado à prática da iniciação científica, uma vez que ele não construiu essa perspectiva na sua formação acadêmica. Logo, foram questões como essas que me impulsionaram a discutir o lugar da pesquisa na educação básica.

Diante de questões como essas, ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), resolvi abordar essa problemática tomando como campo de estudo o processo de execução da experiência piloto da disciplina “Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental (TCEF)” na Escola Dom Malan, instituição que desde 2017 foi implantada a modalidade de ensino Integral no Ensino Fundamental II, localizada no município de Salgueiro (PE). Por ser uma escola construída em uma área central da cidade, seu público é bastante diversificado, oriundos de todos os bairros da cidade e de várias comunidades rurais distintas, com condições econômicas e sociais também bastante diversificadas que buscam através da escola suas transformações sociais. Toda essa diversidade impõe à escola diferentes desafios em relação à integração da história e da cultura de todos os seus sujeitos nos projetos do cotidiano escolar.

O TCEF é uma disciplina interdisciplinar que contribui para o crescimento não só intelectual do aluno, mas também cultural, social e político. Os temas podem abordar qualquer problemática e atravessar todas as disciplinas. Quanto aos procedimentos metodológicos, as pesquisas dos alunos podem ser tanto de campo quanto bibliográfica, pois consiste em um processo que envolve as práticas de linguagem, leitura, escrita, oralidade, análise linguística e a produção textual. Assim, compreendo como importante o envolvimento dos professores de língua portuguesa nesse processo, de maneira a articular ensino da língua portuguesa e a iniciação científica.

Logo, no quadro Curricular da Escola Integral é apresentada algumas disciplinas que não fazem parte do currículo da escola regular, são elas: “Projeto de Vida”, “Protagonismo Juvenil”, “Práticas Experimentais”, “Estudo”, “Iniciação científica e TCEF”. Nesse contexto, a pesquisa se deteve a analisar, especialmente, a disciplina TCEF. Levando em consideração que a apresentação do TCEF acontece somente no 9º ano, como pré-requisito de conclusão do ensino fundamental II, os estudos do TCEF são iniciados no 8º ano com a disciplina de “Iniciação Científica”, de modo que nem sempre leciono essa disciplina no 8º ano, geralmente é o professor de ciências. Como a escola integral teve início em 2017, com as três turmas de 6ºanos, a primeira apresentação dos TCEFS aconteceu em 2020, em formato de ensino remoto, devido a Pandemia do Covid-19.

A pandemia de Covid-19 é uma pandemia ainda em curso que, desde 2020, vem causando significativas mudanças nas sociedades ao redor do mundo, visto que a medida mais efetiva no combate ao vírus causador da pandemia durante o ano de 2020 e 2021, foi o distanciamento social. O ensino através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) ganha espaço, pois o distanciamento social impossibilita as aulas no formato presencial. Esse ensino através de TIC's no qual o aluno estuda, em casos, no mesmo tempo, mas não no mesmo espaço, é denominado de ensino remoto.

Desse modo, o procedimento metodológico desta pesquisa consiste na observação participante da disciplina “Iniciação Científica e TCEF”, na aplicação de questionários *online* com professores, residentes e alunos. Em virtude da pandemia da COVID-19, os procedimentos metodológicos foram realizados em espaços virtuais, dada a impossibilidade de encontros presenciais entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

Desse modo, em relação à divisão dos capítulos da pesquisa, apresento a seguinte divisão: neste primeiro capítulo apresento uma visão geral do trabalho, com os objetivos, questões de pesquisa e procedimentos metodológicos; no segundo capítulo, discuto a escola como espaço educativo de ensino e pesquisa. Para amparar essa reflexão, trago trechos da minha autobiografia que refazem o caminho o qual percorri até o encontro do objeto de estudo dessa pesquisa. Apresento também todos os procedimentos metodológicos que utilizei para desenvolver essa pesquisa, respaldando cada item com uma base teórica correspondente.

No terceiro capítulo, intitulado “Pesquisa e ensino: desafios e perspectivas”, trago conceitos pertinentes para pensarmos sobre a importância da execução de pesquisas científicas como meio de transformação social. Por isso, discuto pontos como conhecimento, ciência, as dificuldades de realizar pesquisas científicas no Brasil, desde o momento que ela é apresentada na escola até a sua produção na universidade. Nesse contexto, reflito a relação entre o professor e a pesquisa e; a formação e prática docente dentro dessa realidade; No quarto capítulo, intitulado “Uma experiência de iniciação científica em uma escola integral da educação básica”, discorro acerca do lugar da pesquisa nos documentos oficiais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), relacionando as habilidades e competências de Língua Portuguesa apresentadas na BNCC, que são contempladas na produção das pesquisas dos estudantes analisadas.

Apresento brevemente, a filosofia da educação integral, visando contextualizar melhor a realidade e o espaço escolhido para a execução dessa pesquisa; visito o Projeto Político Pedagógico da escola em estudo, a fim de conhecer e analisar como essa instituição está

propondo a pesquisa. Em seguida, contextualizo a disciplina de “Trabalho de Conclusão do Fundamental (TCEF)”, com o intuito de apresentar como a mesma foi desenvolvida. Analiso a aplicabilidade das habilidades e competências de Língua Portuguesa propostas no currículo de Pernambuco, em especial, aquelas mencionadas na BNCC e nos TCEFs em estudo e, por último, organizo um material educacional, em forma de caderno pedagógico, com orientações sobre pesquisa escolar, para os docentes e discentes.

2 A ESCOLA COMO ESPAÇO EDUCATIVO DE ENSINO E PESQUISA

Toda investigação se inicia por um problema, uma questão, uma dúvida ou uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais. Nesse contexto, também é necessário considerar como pré-requisito para realizar uma pesquisa, que o indivíduo seja inserido no processo de Iniciação Científica-IC. Segundo Houaiss (2007), Iniciação Científica seria o “ato de dar ou receber os primeiros elementos de uma prática ou os rudimentos relativos a uma área do saber”.

Nessa perspectiva, o conceito de IC foi construído no interior das universidades brasileiras como uma atividade realizada durante a graduação, na qual o aluno é iniciado no “jogo” da ciência e vivencia experiências vinculadas a um projeto de pesquisa, elaborado e desenvolvido sob a orientação de um docente (MASSI e QUEIROZ 2010, p. 173).

Esta pesquisa trata de uma experiência de iniciação científica no âmbito das atividades escolares em uma escola da educação básica, mais precisamente, nos anos finais do Ensino Fundamental. No entanto, neste capítulo, trago reflexões sobre o meu próprio processo formativo como sujeito, professora e pesquisadora e apresento como realizo uma pesquisa sobre a IC em uma escola básica na cidade de Salgueiro (PE).

2.1 ENSINO E PESQUISA: PERCURSOS FORMATIVOS DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA NA ESCOLA

Minhas experiências enquanto professora de Língua Portuguesa, desde o ano 2004, a formação acadêmica, os cursos de especialização e a entrada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) me proporcionaram um olhar mais crítico em relação ao sistema educacional, à escola e ao ensino da língua, principalmente, no que diz respeito a atuação do professor de Língua Portuguesa e de como esse profissional, atrelado ao currículo, pode contribuir para desenvolver o ato da pesquisa na escola.

Com a intenção de me localizar no contexto desta pesquisa enquanto sujeito investigador, ou como prefiro me denominar “professora/pesquisadora”, trago recortes da minha autobiografia, em que ressalto questões às quais acredito que tenham sido fundamentais para construir minha formação como professora/pesquisadora, despertando o desejo pela busca do conhecimento.

2.1.1 Laboratórios Formativos: do brincar de ensinar ao objeto de estudo, a pesquisa na escola

Inicia-se com uma citação de Paulo Freire (1989):

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1989, p. 1).

A busca pelo conhecimento sempre fez parte de toda a minha trajetória de vida. Desde muito cedo, percebia a escola como o lugar mais encantador do mundo. Filha de pedagoga e de um pai amante da informação, leitor assíduo de jornais, livros e enciclopédias, tínhamos uma pequena biblioteca na sala de casa. Nesse contexto, revalido o início do meu processo de letramento, corroborando com as afirmações de Soares (2003, p. 21), ao definir que “o letramento é o processo de inserção em práticas sociais de leitura e escrita”. Mais tarde, Soares completa essa questão, quando traz o letramento como sendo “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita, de fazer uso frequente e competente da leitura e da escrita.” (SOARES, 2003, p.36). No seio familiar recebi fortes influências que me levaram ao encontro com o mundo das letras.

Em 1996, mudamos de endereço, naquela ocasião, saímos da zona rural no município de Penaforte (CE) e íamos morar na zona urbana. Era o aniversário de dez anos, minha mãe me presenteou com uma sala de aula completa: um quadro negro, uma mesa com quadro, cadeiras, um caixa de giz e um apagador. Aproveitei os presentes e ministrei aulas de reforço para os vizinhos, durante quatro anos. Nesse momento, inconscientemente, iniciava ali a primeira etapa do meu laboratório em docência. Para contracenar comigo nessa história, trago como pano de fundo, o enredo traçado pelo educador Paulo Freire na obra *A Importância do ato de ler*, quando diz que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989).

Como Paulo Freire, penso que refazer o caminho que percorri nessa linha que fica entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, seja importante, para compreender minha aproximação com o objeto de estudo dessa pesquisa. Nessa época, cursava o ensino Fundamental II e já fazia algumas observações pertinentes do sistema educacional ao qual estava inserida.

No ano 2000, iniciei o ensino médio, no estado de Pernambuco, na cidade de Salgueiro. Ali, o laboratório de observações continuava. Agora, já adolescente, o nível das análises se tornava mais crítico. Minhas inquietações iam, por exemplo, desde as metodologias tradicionais das aulas, até a estrutura das avaliações, pois observava que o horário escolar era preenchido, na maioria das vezes, com aulas que eram uma espécie de “depósito de informações”, copiadas exaustivamente no quadro negro. As atividades eram o transporte delas para uma folha titulada por “Questionário”, assim, ficava fácil obter a média nas avaliações, por que não precisa raciocinar para responder as perguntas, era necessário, apenas decorar a folha do “bendito” questionário.

Esse período, também marcado por inúmeras dúvidas em relação a tantas coisas na vida, e uma delas, seria escolher a área de atuação profissional. Meus pensamentos oscilavam entre ser professora e ser jornalista. Mas, por fatores diria “externos”, acabei na fila de inscrição do Vestibular em Letras. Ingressei na Universidade no ano de 2003, nos últimos meses dos meus 16 anos. Ainda, muito imatura, não entendia bem o que estava fazendo ali, mas desistir de algo nunca foi uma opção. E, aos poucos, fui começando a compreender qual era meu propósito de vida naquele curso de Letras. Ainda na graduação, aceitei o desafio de ministrar aulas de Língua Portuguesa em um cursinho pré-vestibular, na cidade de Jardim (CE), e começava ali outra etapa parte de meu laboratório formativo.

No exercício do processo de planejamento de aulas, sequências didáticas e projetos pedagógicos, sempre busquei base teórica para fundamentar o ensino. Analisava/analiso, também as colocações propostas desde os PCN até a BNCC, mesmo compreendendo que esses documentos apresentam uma série de lacunas. Observando o dia a dia na escola, em conversa com outros professores, durante as formações continuadas, participando das discussões em fóruns de educação com profissionais de outros estados brasileiros, vejo que a maioria desses docentes, ainda não desenvolveram a prática da pesquisa em suas ações escolares. Logo, essa realidade atual me remete a um cenário já visto no passado. Por isso, creio que desde do primeiro dia de aula enquanto docente, senti a necessidade de fazer diferente, mas para fazer a diferença, é preciso se preparar, adquirir conhecimento, construir

base teórica para interferir na realidade e esse processo acontece, em especial, por meio do ato da pesquisa.

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 1320), o termo “pesquisa” significa, “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa “investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de “descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”. Essas definições são importantes para ajudar a compreender a pesquisa como uma ação de conhecimento da realidade, um processo de investigação, minucioso e sistemático, para conhecer a realidade ou alguns aspectos da realidade ainda desconhecidos, seja essa realidade natural ou social.

O ato de pesquisar faz parte do nosso cotidiano, em atividades como: procurar uma casa para alugar, abrir a página de classificados do jornal para procurar emprego, comparar, no comércio, os preços de alguma coisa, enfim, em inúmeras situações do dia a dia, a pesquisa é realizada, contudo, não é dessa pesquisa que a escola deve exatamente tratar. A pesquisa que interessa na vida estudantil é a pesquisa científica, que trata da investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso. A obra de Marcos Bagno (2014) *Pesquisa na escola, O que é, como se faz*, é uma referência nessa discussão. Ele traça um percurso acerca das reflexões mais básicas acerca desse tema. Segundo Bagno, pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim.

Havia em latim o verbo *pesquiro*, que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca” (BAGNO, 2014, p.17). O particípio passado desse verbo latino era *perquisitum*. Por alguma lei da fonética histórica, o primeiro r se transformou na passagem do latim para o espanhol, dando o verbo pesquisar que conhecemos hoje. Os significados desse verbo em latim insistem na ideia de uma busca feita com cuidado e profundidade. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota”. Logo, as experiências citadas até aqui me proporcionaram perceber o quanto algumas práticas da escola contemporânea ainda estão aquém do avanço da sociedade e das teorias propostas por estudiosos e pelos documentos oficiais que orientam o funcionamento do sistema educacional.

Essas observações também me fazem compreender que seja necessário rever a importância do espaço dado ao ato da pesquisa na escola e como essas ações de reconhecimento podem colaborar para desenvolver práticas exitosas no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, resolvi retornar à Universidade e ingressar no Profletras, com o

intuito de buscar investigar possibilidades de atuar na instituição que leciono, não apenas como professora, mas como pesquisadora.

Nesse contexto, a problemática aqui investigada surgiu a partir de minha experiência como a professora de Língua Portuguesa e como ministrante da disciplina TCEF 2020\2021. Tal experiência proporcionou-me questionamentos em torno das dificuldades e possibilidades da escola pública integral em Salgueiro (PE), no que diz respeito ao processo do ato da pesquisa na escola e de como o professor de Língua Portuguesa pode contribuir na formação inicial dos alunos\as do 9º ano como pesquisadores\as.

2.1.2 O processo de investigação e a construção do distanciamento de uma professora/pesquisadora

A decisão de investigar a problemática desta pesquisa no espaço acadêmico gera um desafio até certo ponto complexo, uma vez que é difícil estabelecer um distanciamento entre o ser pesquisador e o ser pesquisado, quando se trata da mesma pessoa. Sou a professora de Língua Portuguesa (da turma analisada) e da disciplina TCEF, logo, estou inserida no contexto da pesquisa pela aproximação e como sujeito da investigação. Para Bortoni-Ricardo (2008), o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores, é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias. É nesse cruzamento de linhas que caminha esta pesquisa, entre a experiência próxima e a experiência distante, conceituada por Geertz (1997) da seguinte forma:

experiência próxima” é, mais ou menos, o que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. e ele próprio entenderia facilmente, se os outros utilizassem da mesma maneira (p. 87).

A experiência próxima “obriga”, na prática investigativa do saber, a uma aproximação entre o intelectual-pesquisador e o praticante usuário em dada cultura, uma vez que para considerarmos o saber enquanto envolvimento entre sujeito e objeto, há de se ter em conta

que o investigador também é parte de seu próprio objeto de pesquisa, mediante a construção de uma dialética “intelectuais-massa”.

É a partir dessa lógica que inicio este capítulo, narrando trechos da minha autobiografia, relatando fatos tanto de caráter pessoal quanto profissional, os quais foram fatores decisivos na minha formação enquanto professora/pesquisadora. Acredito que o ápice da carreira do professor seja essa transformação de professor para professor-pesquisador, pois é através das descobertas feitas pela ciência que a sociedade avança no sentido de melhorar a vida das pessoas.

2.2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A PESQUISA NA ESCOLA

Para realizar uma pesquisa são necessários procedimentos teóricos e metodológicos adequados para atingir os objetivos esperados. A presente dissertação está embasada em uma metodologia que proporciona a investigação do objeto com a intenção de responder adequadamente à questão problema que norteia este estudo. Nesse sentido, neste tópico descreve-se os percursos metodológicos adotados e o contexto de investigação.

2.2.1 Os referenciais teóricos sobre a pesquisa na escola e o ensino da Língua Portuguesa

Esta pesquisa foi realizada através de experiências vivenciadas enquanto docente e estudiosa de questões voltadas para a área da educação. O referencial teórico foi organizado a partir dos seguintes campos de estudo: a relação entre ensino e pesquisa, a formação do professor\pesquisador, a pesquisa relacionada aos conteúdos de Língua Portuguesa. As referências bibliográficas pautadas, principalmente, nas discussões iniciais trazidas por Bagno (2014), definindo e conceituando termos para a contextualização do tema. As perspectivas e limitações em torno do desafio de educar pela pesquisa foram pontuadas, principalmente, pelo o autor Demo (1994; 2006; 2007; 2011), de modo que a discussão acerca da formação de professores pesquisadores tem como linha de raciocínio as ideias da autora Soares (2003), entre outras, a serem abordados no decorrer da pesquisa. E, por último, os documentos oficiais com a apresentação das habilidades e competências em Língua Portuguesa voltadas para a pesquisa em sala de aula.

Para os procedimentos metodológicos da investigação, a metodologia qualitativa foi priorizada por tratar-se de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores

e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.). A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los.

2.2.2 Os espaços e o corpus da investigação

Este estudo parte da premissa de que a pesquisa na escola seja importantíssima para o desenvolvimento da autonomia do aluno e, conseqüentemente, possa contribuir como uma experiência significativa para a sua vida acadêmica. No entanto, enquanto professora, tenho observado que a grande maioria dos professores de 1º grau não estão muito preparados para assumir essa tarefa de orientadores.

Durante muito tempo, o tema da pesquisa foi tratado como de exclusividade dos estudantes dos cursos superiores, sendo que na Educação Básica, especificamente, no Ensino Fundamental, onde se inicia a escolarização, pouca ênfase ou orientações vêm sendo disponibilizadas aos educandos quanto ao encaminhamento dos trabalhos de pesquisa escolar. Por isso, para investigar os fatores que fomentam essa problemática, escolhi como espaço de investigação, a Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, na cidade de Salgueiro (PE)¹.

A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, está localizada à Rua Carlos Soares de Brito s/n, Bairro Santo Antônio, Salgueiro (PE), e administrada pela Secretaria Municipal da Educação. Fundada em 25 de abril de 1956, pelo Padre Domingos, foi criada com o nome Escola Dom Malan, em homenagem ao bispo da diocese de Petrolina (PE), na qual pertencia a Paróquia de Salgueiro. Em sua trajetória, passou por diversas modificações e diferentes mantenedoras, desde a Igreja Católica, a sua vinculação à Autarquia Educacional de Salgueiro, e finalmente, a municipalização.

No ano 2017 sofreu uma nova modificação na sua estrutura de funcionamento: pelo Decreto Municipal nº 45/2018, foi transformada em Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, passando a oferecer ensino em Tempo Integral para os estudantes do 6º ao 9º ano, modalidade essa que vem sendo implementada de forma gradativa,

¹ Salgueiro é um município brasileiro do interior de Pernambuco, região nordeste do país. Pertencente à mesorregião do sertão central de Pernambuco e a microrregião de salgueiro. Localizando-se a oeste da capital estadual, estando distante dela 513 km. Possui uma extensão territorial de 1 733,7 km², sendo 6,75 km², sendo 6,75 km² seu perímetro urbano. Sua população estimada em 2021 era de 61 561 habitantes.

sendo a partir de 2017 para as turmas de 6º ano, 2018 para as turmas de 6º e 7º anos, e em 2019 para as turmas de 6º, 7º e 8º anos, e em 2020 para o 9º ano.

A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, devido a sua localização central, recebe e acolhe diferentes comunidades em seu ambiente, trazendo para seu interior os conflitos, as aflições e as mais diversas demandas sociais que influenciam o seu cotidiano, exigindo de professores e gestores, propiciarem espaços para que as crianças e os adolescentes discutam e opinem sobre suas inquietações e aspirações pessoais e coletivas.

Nesse sentido, discussões sobre violência urbana, meio ambiente, cultura de paz, diversidade cultural, equidade de gênero, entre outros temas, precisa ser vivenciadas de forma interdisciplinar no contexto da escola. Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, a escola conta com uma estrutura de pessoal formada por diferentes segmentos que exercem suas funções no cotidiano, composta por: Equipe Gestora (Diretor, Diretora Adjunta, Secretária e Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais – 1º ao 5º ano), Corpo Docente (17 professores efetivos e 04 professores contratados), Desse total, quatro docentes são da área de Língua Portuguesa, sendo que uma delas optou por não participar da pesquisa. Em relação a situação de estabilidade dos professores, quanto ao quadro de profissionais da escola, 09 professores são efetivos e quatro temporários.

No que diz respeito ao grau de instrução, o quadro se apresenta da seguinte forma: um com doutorado, um com mestrado e 11 com curso de especialização em suas respectivas áreas de atuação. Há também uma professora de AEE, professora brailista, 03 professores readaptados, 11 mediadores (contratados), 03 agentes administrativos, auxiliar de serviços gerais (04 efetivos e 01 contratado), 05 merendeiras (Contratados), 02 vigilantes (Contratados), 02 porteiros (Contratados), 3 vigilantes 3 merendeiras 1 auxiliar de cozinha 2 porteiros 2 auxiliares efetivos e 2 contratados e 1 readaptado 2 administrativos 17 professores do integral 8 efetivos do integral 9 contratados 3 professores do 5º ano.

Devido a sua localização na área central e de fácil acesso da cidade e contar com uma equipe de profissional bastante comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes, a escola lida diariamente com uma grande procura da comunidade por matrícula, dificultando o atendimento de toda a sua demanda:

FIGURA 01: A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan



FONTE: arquivo do pesquisador (2022).

Atualmente, oferece a Educação Básica no nível de Ensino Fundamental, sendo de 1º ao 5º ano em Tempo Parcial, e de 6º ao 9º ano em Tempo Integral, conforme quadro abaixo:

TABELA 01: Alunos em Tempo Parcial e Integral na EREF Dom Malan

ANO	ENS. FUNDAMENTAL 1º AO 5º ANO (REGULAR)	ENS. FUNDAMENTAL 6º / 9º ANO (INTEGRAL)	TOTAL
2019	310	209	519
2020	313	272	585
2021	352	331	686
2022	180	375	555

FONTE: Censo Escolar

TABELA 02: Índices Escolares da EREF Dom Malan

ANO	MATRICULADO	APROVADO	REPROVADO	TRANSFERIDO	EVADIDO
2019	530	489	14	27	0
2020	585	583	00	02	0
2021	686	625	45	16	0
2022	555	523	10	22	0

FONTE: Censo Escolar

É com esse entendimento de que o papel da escola é favorecer um ambiente propício à aprendizagem, que a equipe de profissionais vem desenvolvendo suas ações ao longo dos anos, sempre na busca de ampliar as possibilidades dos estudantes e superar desafios, para

que todos e todas possam desenvolver suas potencialidades, melhorando a qualidade e a progressão das aprendizagens. Essa busca vem sendo corroborada anualmente pelos resultados das avaliações externas (SAEPE e IDEB), conforme dados divulgados pelos entes federados responsáveis apresentados nos quadros a seguir:

TABELA 03: IDEB - Resultados e Metas do 5º Ano da EREF Dom Malan

Município: Salgueiro							Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan									
Rede de Ensino: Municipal							Série/ano: 5º ano									
Escola	Ideb Observado						Metas Projetadas									
Escola Dom Malan	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
	4.2	4.1	4.6	4.8	4.8	5.9	6.4	5.8		4.4	4.7	5.0	5.3	5.5	5.8	6.1

FONTE: IDEB - Resultados e Metas (2019)

TABELA 04: Resultados e Metas do 9º Ano da EREF Dom Malan

Município: Salgueiro							Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan									
Rede de Ensino: Municipal							Série/ano: 9º ano									
Escola	Ideb Observado						Metas Projetadas									
Escola Dom Malan	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
	2.8						4.8		2.8	3.0	3.2	3.6	4.0	4.3	4.5	4.8

FONTE: IDEB - Resultados e Metas (2019)

TABELA 05: Resultados do SAEPE da EREF Dom Malan no 9º Ano

ANO	LINGUA PORTUGUESA	PADRÃO DE DESEMPENHO	MATEMÁTICA	PADRÃO DE DESEMPENHO
2016	-	-	-	-
2017	-	-	-	-
2018	260,4	Básico	245,0	Básico
2019	-	-	-	-
2020	-	-	-	-
2021	267	Desejável	266	Desejável
2022	-	-	-	-

FONTE: SAEPE (2021)

Avaliar o sistema educacional, o currículo, a escola, a prática pedagógica e as práticas de avaliações vivenciadas no dia a dia por professores, se constitui uma necessidade eminente para a educação. Os resultados obtidos pelas avaliações externas dão visibilidade aos aspectos macros, os avanços e dificuldades de aprendizagens, que possibilitam aos sistemas de ensino e as gestões escolares orientarem a construção de outras estratégias de ação e/ou políticas públicas que favoreçam a melhoria da educação na sua rede ou escola.

Analisando os resultados oficiais, observa-se que nos anos iniciais, especialmente o 5º ano, vem apresentando avanços significativos em seus resultados, inclusive, superando as metas estabelecidas ano a ano pelo IDEB. Os mesmos avanços observam-se também em relação às avaliações do SAEPE, nesse mesmo ano, tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática, sinalizando que os caminhos e estratégias utilizadas vêm surtindo os efeitos esperados. As mesmas avaliações também apresentam os limites e desafios que precisam ser enfrentados nos 9º anos para superação das dificuldades, que devem ser convertidas em metas de trabalho para os próximos anos.

A Escolha do espaço para a realização da pesquisa ocorre pelo fato de ser professora da instituição que realiza uma experiência piloto no município. Uma vez que, desde 2017, ela foi implantada de forma gradativa com a modalidade Integral do Ensino Fundamental II, tendo como princípio norteador a ampliação do tempo pedagógico dos estudantes, buscando sempre a construção e resgate de valores positivos ao convívio social, a difusão dos conhecimentos e sua reelaboração crítica, o aprimoramento da prática pedagógica, com fins a elevação cultural e científica das diversas camadas sociais presentes na escola (SALGUEIRO, 2017, p. 2018).

A familiaridade com o ambiente escolar escolhido para a realização da pesquisa me proporcionou momentos importantes de interação e reflexão com o corpo docente da escola, composto por 13 professores, sendo que, naquele momento, a direção e a 9 coordenação estavam em sala de aula (Por falta de professores para completar o quadro, aguardando o resultado da seleção de temporários). Desse total, quatro docentes são da área de Língua Portuguesa, sendo que uma delas optou por não participar da pesquisa. Em relação a situação de estabilidade dos professores quanto ao quadro de profissionais da escola, 09 professores são efetivos e quatro temporários. No que diz respeito ao grau de instrução, o quadro se apresenta da seguinte forma: um com doutorado, um com mestrado e 11 com curso de especialização em suas respectivas áreas de atuação.

No seu Projeto Político Pedagógico (PPP) ela defende uma prática pedagógica norteada nos princípios de Educação Humanista, devendo ser um espaço de construção do

saber e integração do indivíduo na sociedade, bem como a construção, junto aos estudantes, de uma cultura de solidariedade na perspectiva de um mundo mais humano. Por ser uma escola localizada em uma área central da cidade, seu público é extremamente diversificado, oriundos de todos os bairros da cidade e de várias comunidades rurais distintas, com condições econômicas e sociais também bastante diversificadas que buscam através da escola suas transformações sociais.

A grade Curricular da Escola Integral é apresenta algumas disciplinas que são consideradas diferenciais da escola regular, são elas: Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil, Eletiva, Práticas Experimentais, Estudo, Iniciação científica e TCEF. Nesse contexto, a pesquisa se deteve a analisar, especialmente, a disciplina TCEF, levando em consideração que a apresentação do TCEF acontece somente no 9º ano, como pré-requisito de conclusão do ensino fundamental II. Mas, os estudos do TCEF são iniciados no 8º ano com a disciplina de Iniciação Científica. No intuito de alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa consistiu na realização de duas atividades e procedimentos metodológicos distintos que, sejam:

- A etapa I - A análise dos documentos oficiais (PPP, BNCC, PCNS, LDB) consistiu na leitura do PPP da escola para compreender qual é a perspectiva da instituição quanto ao reconhecimento da importância da pesquisa na escola. Comparar as propostas apresentadas pelos PCN, correlacionando com as discutidas na BNCC. No que diz respeito como esses documentos, propõe um ensino que valorize a formação do aluno pesquisador. Ressaltar como a LDB prescreve a informação sobre a pesquisa na educação.
- B. A etapa II – Observação/Participante/Acompanhamento das atividades e o diário de campo. As ações dessa etapa aconteceram concomitantes ao meu exercício enquanto professora e iniciante no desafio de tornar-me pesquisadora. Os registros no diário de campo começaram em março de 2021 e foram até novembro do mesmo ano.

2.2.3 Procedimentos metodológicos do trabalho de campo

A coleta de dados inicia-se com o momento da inserção do pesquisador nos espaços investigados, no contato direto do pesquisador com os sujeitos pesquisados em seus ambientes naturais. Nesse caso, o processo investigativo desta pesquisa teve como referencial teórico-metodológico os princípios da pesquisa qualitativa. Logo, os registros realizados no período de observação e o estudo teórico dos temas, alcançados pela discussão que traz essa pesquisa, contribuíram de forma significativa para traçaram a discussão teórica deste trabalho.

A observação é uma das técnicas de pesquisa em ciências humanas e sociais mais usadas, mas está mais diretamente ligada à pesquisa de campo. Embora seja uma técnica, até certo ponto, espontânea, é preciso, ao tomar a observação como técnica de pesquisa, sistematizá-la, para que se torne um recurso metodológico: “o observador, munido de uma listagem de comportamento, registra a ocorrência destes comportamentos em um determinado período de tempo, classificando-os em categorias ou caracterizando-os por meio de sinais” (CHIZZOTTI, 1998, p. 53).

Nesse sentido, a pesquisa de campo é uma modalidade de pesquisa, como o próprio nome indica, tem a fonte de dados no “campo” onde ocorrem os fenômenos, no caso da pesquisa em educação, esse campo configura-se nos espaços educativos. A literatura sobre pesquisa em educação elegeu, durante Construção Coletiva de Diretrizes Teóricas. No entanto, a riqueza dos processos educativos ocorridos em outros espaços que não os escolares, fez com que, mais recentemente, o campo de ação e de investigação da educação, se expandisse também para fora da escola. Como campo de pesquisa em educação, os espaços educativos escolares e não escolares, a pesquisa de campo em educação se caracteriza pela ida do pesquisador a esses espaços educativos para coleta de dados com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem e, pela análise e interpretação desses dados, contribuir, pela produção de conhecimentos, para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos.

2.2.4 A análise Documental

A análise documental “constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Com base na técnica da análise documental, refiz uma trajetória histórica de como a pesquisa é tratada pelos documentos oficiais da educação, desde da década de 1960 até os dias atuais. Analiso a Lei de Diretrizes de Base (LDB) da 1ª edição até a última; em seguida, realizo uma leitura dinâmica dos Parâmetros Nacionais Curriculares; na sequência, pontuou as habilidades e competências propostas pela Base Nacional Comum Curricular, que trazem a pesquisa nos campos de atuação e ressalvo também os conteúdos de Língua Portuguesa que são contemplados nas práticas de pesquisa propostos pela disciplina de TCEFs aqui analisados (BRASIL, 1996; 1998; 2017).

2.2.5 Observação Participante

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados. Para Morin (2015), o conhecimento é pertinente quando se é capaz de dar significado ao seu contexto global, ver o conjunto complexos. Assim, a pesquisa participante que valoriza a interação social, deve ser compreendida como o exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e, assim, o efeito é ao mesmo tempo a causa. Outro princípio importante na observação é integrar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento.

Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar que não tive dificuldades de me inserir no espaço em questão, pois atuei como pesquisadora no mesmo ambiente o qual exerço a função de professora. Utilizei como instrumentos para observação, um diário de campo e um celular para criação dos grupos de *Whatsapp* e registro das fotos. Para investigar o processo de acompanhamento das atividades no processo de formação do pesquisador na escola, realizei o método de observação participante com anotações durante toda a aplicação da pesquisa.

Inicie em março as aulas da disciplina de TCEF, em que no diário de campo escrevi sobre os planejamentos de aula da disciplina, a participação dos alunos nas aulas, as movimentações nos grupos de *Whatsapp*, os encontros específicos dos grupos em modelos presenciais e remoto, a atuação dos residentes nesse processo como orientadores, as falas e posturas dos professores enquanto orientadores e avaliadores. E, com o celular fiz *print's* das reuniões pelo *Meet* com os convidados das entrevistas, as fotos das visitas realizadas em algumas instituições, fotos nos dois dias das apresentações.

3 PESQUISA E ENSINO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Discuto nesse capítulo, a pesquisa na educação, apresentando o caminho da iniciação científica como meio para produção da ciência, conceituando os termos teoria e conhecimento. Em seguida, reflito os fatores históricos culturais que construíram o lugar da pesquisa no imaginário social brasileiro; analiso questões políticas que direcionam a iniciação científica no Brasil. Discorro também acerca da importância da formação do professor com base pautada numa perspectiva para a pesquisa e, por último, apresento como os documentos oficiais propõem o ensino da pesquisa desde a educação básica ao ensino superior.

3.1 DOIS DEDOS DE CONVERSA SOBRE A PESQUISA COMO MEIO PARA PRODUÇÃO DA CIÊNCIA

Como ponto de partida, para abrir a discussão sobre a pesquisa em educação, é necessário refletir sobre a compreensão que seja educação. Há várias concepções acerca desse significado. Porém, neste texto, disserto com duas concepções que se completam: a educação como um instrumento de libertação e educação como instrumento de transformação social, com base nas ideias defendidas por Freire (1989) e Luckesi (1993). Para compreender a ligação entre o ato de pesquisar e a produção de conhecimento, é pertinente entender que o ato de pesquisar é a atividade básica da Ciência, na sua indagação e construção da realidade, é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação, pois nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, inicialmente, um problema da vida prática.

As questões da investigação estão relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, encontrando suas razões e seus objetivos. Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais. Esse conhecimento anterior, construído por outros estudiosos e que lançam luz sobre a questão de nossa pesquisa, é chamado teoria. Para

Freire “a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]” (2003, P.40).

Primeiramente, é interessante refletir sobre o conceito da palavra teoria, conhecimento e, por último, teoria do conhecimento. A palavra teoria tem origem no verbo grego *theorein*, cujo significado é “ver”. A associação entre “ver” e “saber” é uma das bases da ciência ocidental. A teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato. Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-los, buscando interconexão sistemática entre eles.

Já o conhecimento, segundo Luckesi (1985), surge em meio a inúmeras ações vivenciadas pelo movimento humano, como por exemplo, observar, sentir, agir e, principalmente, pensar “temos como pressupostos básicos que o conhecimento só nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências e que o conhecimento só tem seu sentido pleno na relação com a realidade” (LUCKESI, 1985, p. 49). Contudo, há também uma ação prática, pois a definição elaborada no pensamento conduz à ação, ao modo de agir sobre o mundo compreendido. Assim, o conhecimento é uma capacidade disponível em nós seres humanos, para que processemos de forma mais adequada a nossa vida, com menos riscos e menos perigos.

O conhecimento tem o poder de transformar a realidade em caminhos “iluminados”, de tal forma que nos permite agir com certeza, segurança e previsão (LUCKESI, 1985, p. 51). Nesse sentido, buscamos conhecer, significar e compreender todas as situações vividas, desde uma simples ação cotidiana, como tomar um banho ou cozinhar uma refeição, até as mais sofisticadas, realizadas por complicadas operações e procedimentos científicos, para desvendar os mistérios do funcionamento da vida em suas mais diversas dimensões. Todo conhecimento tem como objetivo a convivência dos sujeitos com o mundo e as coisas que o cercam, uma convivência compreendida, significada.

No entanto, nossa atividade como educadores, em que o conhecimento ocupa um papel de destaque, exige que tratemos do conhecimento – e de sua produção – de forma mais sistematizada. No mundo acadêmico, em particular, dedicamo-nos a uma prática de pesquisa bastante sistematizada, mais organizada, com objetivo de produzir conhecimentos elaborados e sistematizados, conhecimento científico, ao alcance de todos os pesquisadores. Porém, a história mostra que a universidade sempre foi um lugar para os “privilegiados” socialmente.

Atualmente, os dados indicam que uma pequena parcela das classes populares já tem acesso a esses espaços acadêmicos, porém há uma necessidade urgente que mais pessoas devam ter acesso ao ensino superior e que possam sim, produzir ciência.

3.2 OS CONTRATEMPOS DO FAZER PESQUISA NA GRADUAÇÃO

Para refletir acerca dos contratempos que perpassam os graduandos no “fazer” pesquisa, acredito que seja imprescindível considerar algumas questões para contextualizar melhor essa discussão. Ressalto aqui dois aspectos que considero iniciais para compreender essa problemática: primeiro, o pertencimento e o significado do lugar da pesquisa no imaginário social brasileiro; segundo, o distanciamento dos graduados em atividade que envolva a produção de ciência.

Historicamente, os sujeitos de classes populares ficaram a margem do acesso à educação, direito esse concedido a uma pequena parcela da sociedade, a elite:

em uma sociedade colonial, escravocrata, patriarcal, capitalista e industrial, marcada por profundas desigualdades sociais - de raça/etnia, de gênero e de classe - o sentimento de pertença (ou não) a determinados espaços e/ou tarefas sociais, ainda se fazem bastante presente. Sob a lógica do pensamento liberal, a divisão do trabalho na sociedade moderna demarcou (ou predestinou) para muitos o chão da fábrica, entendido como trabalho, exclusivamente braçal, e para poucos a tarefa da produção intelectual (JOCA; SANTOS 2020).

A universidade, como instituição responsável pela produção de ciência, tornou-se, durante muito tempo, inacessível à parcela significativa da população brasileira. Atualmente, os dados mostram que o ensino superior ainda se encontra restrito a uma pequena parte da população. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2019, apenas 20% da população entre 25 e 34 anos possuía um diploma de nível superior no Brasil. Logo, com o mesmo estudo, 40% dos ingressantes em universidades no mesmo ano pertenciam aos 20% da população com maior poder econômico. Porém, segundo a última pesquisa da Associação Brasileira de Estágios (Abres), em 2021, em torno de 686 mil pessoas no Brasil possuem ensino superior. Assim, é possível notar que não é um grande número quanto à população brasileira, ou mesmo em comparação com a capacitação dos cidadãos de países mais desenvolvidos.

Consequentemente, descrever um panorama do ensino superior no Brasil não é uma tarefa muito fácil. Isso se deve à sua complexidade e estrutura de organização diversa. É preciso compreender o contexto educacional brasileiro, sempre pensando nas ordens econômica, social e cultural. O ensino superior surgiu no Brasil relativamente tarde, apenas no começo do século XIX, com a finalidade de formar as elites que, anteriormente, buscavam educação superior apenas em faculdades europeias.

Logo, é preciso repensar políticas públicas para inserir mais pessoas no ensino superior e essas ao chegarem nos campos universitários, serem aproximadas de práticas de pesquisas científicas: “na cultura acadêmica, a pesquisa está situada como uma atividade eminentemente intelectual, elitizada, privilegiada e distante do horizonte de muito (a)s estudantes, para os quais adentrarem a (ou passar pela) universidade já é um grande privilégio” (JOCA; SANTOS, 2020).

É preciso desmitificar o discurso de que produzir ciência seja algo quase inatingível, que apenas pessoas superinteligentes são capacitadas para desenvolver conhecimento científico. A sociedade partilha de um discurso que reforça a prática da pesquisa e seus desdobramentos, como algo difícil, que não é “para todo mundo”, mas exclusiva a “ilustrados”, a experts e/ou professores universitários, os quais estão legitimados socialmente enquanto tal. (MATOS E VIEIRA, 2002, p.23). Por isso, acredito que a universidade deve acolher seus graduandos e incentivá-los a desenvolver pesquisas acadêmicas, estimular o sentimento de pertencimento à área da produção intelectual, de modo se crie uma “cultura da pesquisa” na escola básica, pois há a possibilidade do aluno avançar no sistema educacional, com a perspectiva da pesquisa.

Por isso, é pertinente considerar nessa discussão os primeiros passos da iniciação científica no cenário intelectual no do nosso país. Massi e Queiroz (2010) afirmam que as primeiras práticas com as características, do que mais tarde seria chamado de iniciação científica, datam da década de 1930, com a fundação de universidades com ideal de pesquisa. Mas foi a partir da criação, em 1951, do que hoje é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que a iniciação científica no ensino superior passou a ser financiada, com a concessão de bolsas a professores e alunos. Em 1990, esse financiamento cresceu significativamente, além de expandir-se de modo um pouco mais democrático para regiões como Norte e Nordeste. Mais recentemente, o CNPq também passou a financiar programas de iniciação científica na educação básica.

A iniciação científica trata-se de uma prática de introdução de indivíduos no fazer científico em uma determinada área da ciência, almejando fazê-los participar, mesmo que periféricamente, dessa comunidade. Nas palavras de Neves e Leite (2002, p. 177):

O exercício da ciência exige uma preparação que se dá no ambiente em que é produzida, em contato com os diversos materiais da pesquisa, humanos ou não. O próprio emprego do termo iniciação (sic) revela o caráter cultural da ciência, o que significa que novos membros tenham de ser introduzidos nas práticas quotidianas específicas de determinada comunidade, para mais tarde serem tomados como seus membros (NEVES e LEITE, 2002, p. 177)

A iniciação científica depende diretamente de sistemas e instituições que gerenciam a produção e a circulação da ciência e da tecnologia, a incluírem também a escola ou a universidade como instituições formadoras. De acordo com a Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura (UNESCO, 2005), são “[...] redes de instituições, recursos, interações e relações, mecanismos e instrumentos políticos e de atividades de C&T, que promovem, articulam e materializam processos de inovação e difusão de tecnologia no âmbito da sociedade [...]” (UNESCO, 2005, p. 16).

São essas instituições que criam e coordenam políticas e estratégias no campo da ciência e da tecnologia, como estabelecer centros, programas e avaliação de projetos de ciência e tecnologia, criar e fortalecer capacidades científicas, assim como financiar ações nesse sentido, oferecer formação e treinamento em ciência e tecnologia, popularizar a ciência e a tecnologia desde o ensino primário, promover igualdade de gênero nas atividades científicas. Além de financiar, faz-se necessário também realizar análises e avaliações sobre as políticas de ciência e tecnologia implementadas por tais instituições.

Sendo o ato de pesquisar instrumento de educação e de desenvolvimento científico, social e econômico, torna-se tarefa essencial construir diagnósticos de como se concebem e implantam tais políticas, no sentido de otimizar seus efeitos positivos e/ou de efetuar mudanças de curso neles. Outrossim, os governos, pela responsabilidade que têm com educação e o desenvolvimento científico e tecnológico, também devem comprometer-se com políticas de educação, de formação científica e tecnológica. Conforme texto da “Declaração sobre a ciência e o uso do conhecimento científico”:

Os governos, através das políticas científicas nacionais e atuando como catalizadores, a fim de facilitar a interação e a comunicação entre as partes interessadas, devem reconhecer o papel-chave desempenhando pela pesquisa científica na aquisição de conhecimento, na formação de cientistas e na educação do público. [...] (UNESCO, 2005, p. 22). Esse papel-chave da formação, com base na pesquisa educacional e científica, é mencionado em vários

estudos que tratam da iniciação científica. Massi e Queiroz (2015, p. 8), ao introduzirem livro que trata de experiências de pesquisa no ensino superior, já ressaltam a importância dessa atividade para a formação universitária: “[...] a IC representa uma experiência de sucesso na complementação da formação acadêmica e pessoal do universitário e no encaminhamento para a pesquisa e a formação profissional [...]”. Calazans (2002) reúne um conjunto de artigos que relatam experiências de desenvolvimento de projetos de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento no ensino superior. Essas experiências, de modo geral, ressaltam a importância da iniciação científica para a aprendizagem dos alunos (metodologia científica, fazer pesquisa, criatividade, curiosidade, atitude crítica, melhoria nos estudos, socialização dos resultados da prática da pesquisa) e seu ingresso na pós-graduação; e para docentes e universidades quanto à consolidação de bases de pesquisa e do fazer científico na universidade.

O formar-se pesquisador/a e o fazer pesquisa na graduação em educação envolve desejos, cansaços e satisfações, mas requer, antes de tudo, considerando-se o panorama da prática da pesquisa nos cursos de graduação em educação no Brasil, oportunidade e disponibilidade. As ideias acerca da pesquisa em educação produzida por educadores/as no campo próprio da educação, são relativamente novas (FERNANDES, 2020). É interessante ressaltar a primeira referência nesse movimento que é O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932:

A educação superior ou universitária [...] deve tender, de fato, não somente à formação profissional e técnica, no seu máximo desenvolvimento, como à formação de pesquisadores, em todos os ramos de conhecimentos humanos. Ela deve ser organizada de maneira que possa desempenhar a tríplice função que lhe cabe de elaboradora ou criadora de ciência (investigação), docente ou transmissora de conhecimentos (ciência feita) e de vulgarizadora ou popularizadora, pelas instituições de extensão universitária, das ciências e das artes (HISTEDBR, 2006, p. 12).

Logo, esse documento apresenta duas questões que norteiam a possibilidade de desenvolvimento da pesquisa no campo educacional: a associação entre a formação do/a pesquisador/a e a formação profissional na educação superior; a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e a extensão. Porém, essas ideias não têm sido desenvolvidas com tanto sucesso como se esperava.

No Brasil, a primeira universidade criada foi a Universidade de São Paulo (USP), em 1934, outras surgiram na década de 40. Porém, mesmo com a criação de diversas instituições de ensino superior, construídas sob a ideia de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e

extensão, de fato, até o tempo presente, ainda não acontece a contento, pois acredita-se que requer investimentos maciços. A primeira condição de possibilidade para haver pesquisa na graduação é que existam professores/as com formação para tal atividade, o que acontece Inferências sobre a (e na) graduação, nos cursos de mestrado e de doutorado, e que estes tenham interesse e possibilidades para desenvolver pesquisa na graduação.

Neste caso, se sobressaem a regionalidade dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, que tem início na região sudeste e lá se expandem, e a área de conhecimentos a qual pertencem, a educação, até hoje, não figura como uma área prioritária dos investimentos na produção de pesquisa. Podemos tomar como referência para pensarmos as possibilidades de pesquisa na graduação em educação o fato de que o primeiro curso de Mestrado em Educação ter sido criado na PUC do Rio de Janeiro, em 1965, e na Paraíba, em 1977, na UFPB (FERNANDES,2020)

Nesse contexto, ressalvo três fatores históricos que possam ter contribuído para compor esse cenário atual e desfalcado de pesquisadores no país (FERNANDES, 2020). O primeiro fator é a carência de Cursos de Doutorado em Educação no Nordeste, de modo que é preciso viajar para o sudeste do País ou para o Exterior. O contingente de professores/as doutores/as nos cursos de graduação em educação, até a década de 1980, era bastante reduzido. O segundo fator é a falta de uma política sistemática de pesquisa por parte do CNPq, até o final dos anos 1980, destinada aos docentes universitários, e assim, a falta de uma cultura de pesquisa.

O terceiro fator se refere ao fato de que, apenas em 1988, o CNPq desenvolve uma política sistemática de pesquisa, em que instituiu o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). Este programa tem promovido ampliação, difusão e alicerçado certa cultura de práticas de pesquisa na graduação, ou seja, a cultura de iniciação científica, envolvendo docentes e estudantes da graduação. Segundo dados obtidos pelo site UOL (2022) via Lei de Acesso à Informação, revelam queda de 17,5% no número de bolsistas contemplados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e de 16,2% pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Enquanto as bolsas do Capes buscam expandir os cursos de pós-graduação a professores brasileiros e formar "recursos humanos de alto nível" —como gestores de alta qualificação para os setores público e privado—, as bolsas do CNPq são destinadas a pesquisas científicas em diferentes áreas de formação. A média anual de bolsistas do CNPq caiu de 88,9 mil no governo Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB), de 2015 a 2018, para 73,3 mil na atual gestão. Uma redução de 17,5%, na comparação com o primeiro governo Dilma (91,4 mil), a

queda é de 20%. O CNPq já atribuiu a redução de bolsas ao corte orçamentário após o fim do programa Ciências sem Fronteiras, que financiou cerca de 93 mil bolsas de estudo para estudantes brasileiros no exterior de 2012 a 2016.

O acesso à educação sempre foi restrito a minoria, entrar na universidade representa romper fronteiras, quebrar regras e fazer a diferença. As classes populares sempre estiveram às margens dos espaços acadêmicos, e participar desses lugares é uma luta constante. Porém, é imprescindível que a educação seja um direito assistido a todos, que a academia possa criar possibilidades de receber esses jovens e aproximarem da prática da pesquisa. O governo deve ampliar as políticas públicas de acesso as instituições de ensino superior e a partir daí amparar melhor a pesquisa no Brasil.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE O DOCENTE E A PESQUISA

A maioria dos professores tem contato com pesquisa de caráter científico apenas nos campos das universidades, nos cursos de graduação e pós-graduação. Muitos enxergam a prática da pesquisa como algo restrito aos ambientes acadêmicos, outros ainda acreditam que realizar uma pesquisa científica, seja somente uma atividade de “prestação de contas” para terminar o curso superior. Muitos graduandos se sentem “aliviados” quando entregam o trabalho de conclusão de curso, sendo que, muitas dessas pesquisas, apresentam temas que muitas vezes não abordam questões do cotidiano dos professores, esse pode ser um fator que ajuda a distanciar o interesse do estudante com o ato da pesquisa. Para Santos (2001), outra questão que deve ser considerada nessa discussão é o fato de que grande parte dos bons pesquisadores das universidades, dedicar-se muito mais aos cursos de pós-graduação do que aos de graduação. Some-se a isso que muitos pesquisadores que trabalham na graduação não conseguem estabelecer uma relação adequada entre seu campo de investigação e as disciplinas que lecionam, deixando de lado importantes tópicos dos programas desses cursos para centralizarem seu trabalho em torno apenas de sua temática de pesquisa, o que também traz sérios prejuízos para esses cursos. Os graduandos, muitas vezes, não conseguem reconhecer a importância da pesquisa científica no curso de graduação, de modo que, quando terminam o curso superior, não continuam seus estudos.

Os estudantes que seguem na busca pela ampliação do seu conhecimento, entra no campo das pós-graduações. Há duas classificações para os cursos de pós-graduação: *Lato Sensu* e *Stricto sensu*. O primeiro significa “sentido amplo”, ou seja, são os cursos de pós-graduação que ampliam os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Geralmente, esses conhecimentos se aproximam mais do mercado de trabalho. Já o termo *stricto sensu* significa

“Sentido estrito”. É utilizada para se referir aos cursos de pós-graduação focados em áreas mais específicas relacionadas ao meio acadêmico. Essas duas expressões foram introduzidas no Brasil para diferenciar os diferentes tipos de ensino de pós-graduação de maior ou menor duração e que possuem finalidades diferentes.

Os cursos de mestrado e doutorado se classificam como sendo *strito sensu*, no caso do mestrado ainda há outra classificação que é: acadêmico e profissional. O Mestrado Acadêmico (MA) prepara um pesquisador e professor, que deverá continuar sua carreira com o doutorado. Já o Mestrado Profissional (MP) enfatiza estudos e técnicas diretamente voltadas ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional. Esta ênfase é a única diferença em relação ao acadêmico. Ambos os cursos de mestrado conferem graus e prerrogativas idênticos, inclusive, para o exercício da docência, e, como todo programa de pós-graduação *stricto sensu*, tem a validade nacional do diploma condicionada ao reconhecimento prévio do curso.

O MP responde a uma necessidade socialmente definida de capacitação profissional de natureza diferente da propiciada pelo MA, mas não se constitui, de forma alguma, em uma alternativa para a formação de mestres segundo padrões de exigência mais simples ou mais rigorosos do que aqueles tradicionalmente adotados pela pós-graduação. O MP não pode ser entendido como um mestrado facilitado, ele pertence à pós-graduação *stricto sensu*, avaliada pela Capes, diferentemente da pós-graduação *lato sensu*, ou especialização, que não passa pelos critérios rigorosos da Capes. A especialização é uma atualização de conhecimentos. Já o mestrado, de qualquer espécie, exige que a pessoa pesquise.

O MP pode ser entendido como um título final, que objetiva imergir um pós-graduando na pesquisa, fazer que ele a conheça bem, mas não necessariamente que ele depois continue a pesquisar, o que também não o impede de ingressar em um doutorado. O que importa é que o aluno: (1) conheça por experiência própria o que é pesquisar; (2) saiba onde localizar, no futuro, a pesquisa que interesse a sua profissão; e (3) aprenda como incluir a pesquisa existente e a futura no seu trabalho profissional. Existem dois eixos de prioridades nos mestrados profissionais. O primeiro é o que agrega competitividade e produtividade a empresas, públicas ou privadas; o segundo é o que melhora a gestão dos setores sociais do governo e, por que não, de ONGs e de outras organizações de espírito público, ainda que não estatais.

Com isso, acrescenta qualidade, seja à produção de bens e serviços, seja ao esforço da sociedade para reduzir a injustiça social e acabar com a miséria. Em função do seu impacto social, a Diretoria da Capes e vários de seus representantes têm procurado estimular a

apresentação de propostas na modalidade MP. Mas elas são sempre apreciadas com o mesmo rigor de qualquer outro projeto.

Nesse sentido, a proposta do programa Profletras (Programa de Mestrado Profissional em Letras), por exemplo, é uma possibilidade de aproximar os conhecimentos adquiridos na universidade à realidade das salas de aulas, na modalidade da Educação Básica. Esse programa é oferecido em rede Nacional, de forma presencial, e conta com a participação de Instituições de Ensino Superior, no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), tendo sua sede na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele reúne 42 universidades públicas das cinco regiões brasileiras, totalizando 49 unidades, tendo em vista que há quatro universidades que oferecem mais de uma unidade.

O Programa visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País. O ingresso no curso se dá através do Exame Nacional de Acesso ao PROFLETRAS, que se constitui de prova com questões objetivas e discursivas e que atenda aos requisitos previstos em edital.

No final do curso, o programa propõe que o mestrando crie um produto educacional desenvolvido com base na pesquisa realizada pelo aluno, a maioria delas, caracterizadas como pesquisa de campo. A presente pesquisa é resultado de pesquisa desenvolvida na instituição a qual sou professora, analiso e investigo a minha própria prática, como suporte para realização de uma pesquisa que contemple as necessidades para obtenção do título de mestre. Mesmo assim, acredito que programas como esses, mesmo com todas as dificuldades que os ingressos enfrentam, pois eles têm que ministrar aulas e realizarem pesquisas acadêmicas, sejam de suma importância para contribuir com as mudanças que o sistema educacional necessita.

É nesse sentido que tem sido defendida a ideia de que o professor deve trabalhar como pesquisador, identificando problemas de ensino, construindo propostas de solução com base na literatura e em sua experiência, colocando em ação as alternativas planejadas, observando e analisando os resultados obtidos, corrigindo percursos que se mostram pouco satisfatórios. É uma forma de desenvolvimento profissional dos docentes e também uma estratégia para a melhoria do ensino. Estas são questões que estão tanto na agenda dos que discutem os problemas da educação básica, como daqueles que estudam e pesquisam no campo da formação docente. Zeichner (1993) discute a formação dos docentes como profissionais reflexivos, enfatiza a dupla necessidade de tornar os alunos-mestres consumidores críticos das pesquisas produzidas no campo educacional bem como participantes de projetos de pesquisa, na formação dos futuros professores tanto a realização de estudos etnográficos como também

a pesquisa-ação. Entretanto, o autor também recomenda outras estratégias que podem ser empregadas na formação do professor reflexivo, tais como a leitura de material produzido por professores do ensino básico, a análise do próprio trabalho realizado, tais como: a leitura de material produzido por professores do ensino básico, a análise do próprio trabalho realizado em sala de aula pelos alunos-mestres e o estudo de casos, dentre outros.

Dessa forma, fica claro que a pesquisa, neste caso, é apenas um dos valiosos elementos utilizados na formação do professor reflexivo. Além disso, Zeichner (1993) mostra que a proposta do professor investigador faz parte da prática inovadora de educação: “a proposta do professor investigador faz parte da agenda de diferentes tendências no campo da formação docente, sendo essa proposta, hoje, defendida tanto pela chamada tradição da eficiência social, como pela tradição “desenvolvimentista” e a tradição da reconstrução social”.

A primeira tradição está voltada para a produção de conhecimentos que possam ser aplicadas na prática docente, tornando-a mais científica. A segunda tradição, denominada desenvolvimentista, busca preparar o professor para compreender e monitorar o processo de desenvolvimento do aluno. A investigação docente teria a função de preparar o futuro professor para ter uma atitude experimental em relação à prática. A terceira tradição, a da reconstrução social, visa preparar os alunos-mestres para serem consumidores críticos e pessoas capazes de participar da criação e do desenvolvimento de pesquisas.

No entanto, a proposta de curso de pós-graduação nesse formato é de certa forma polêmico. Estudos de Foster (1999), citado por Santos (2001), realizado na Inglaterra, serve para corroborar que a pesquisa educacional tem sido criticada, tanto por produzir trabalhos cujos resultados não têm relevância para a prática docente, como também por não ter acumulado um corpo estruturado de conhecimentos. Ele considera que a avaliação desse conjunto de pesquisas vem mostrar que, mesmo professores altamente motivados, têm dificuldades em conduzir pesquisas de bom nível. Para ele, isso é decorrente do fato de que pesquisar e ensinar são atividades distintas, que dependem de diferentes tipos de conhecimentos, habilidades e disposições. Em suas palavras, “esperar que os professores assumam a tarefa de realizar pesquisa educacional subestima a dificuldade desta tarefa e a competência que ela requer; e também subestima as consideráveis demandas que o trabalho de ensinar já coloca para eles”. (SANTOS, 2001, p. 15). Assim, fazer pesquisa acadêmica e, ao mesmo tempo, ministrar aulas na educação básica, é uma tarefa árdua, porém, possível. É necessário repensar políticas educacionais que ampare os professores que desejam realizar pesquisas nos ambientes escolares os quais estão inseridos.

3.4 O TRIPÉ DO ENSINO PELA PESQUISA: FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA DOCENTE

Segundo Perrenoud (1994), a relação da pesquisa com a formação docente apresenta alguns aspectos positivos, mas essa relação não pode ser tomada como algo em si mesmo, benéfico e imprescindível ao processo de formação dos professores. Os benefícios da pesquisa para a formação docente estão relacionados com o tipo e a finalidade de pesquisa desenvolvida e com a forma de participação do docente nesse processo. Para ele, o docente que faz uso de uma prática reflexiva, acaba desenvolvendo um trabalho próximo ao do investigador, sem considerar, contudo, que só através da realização de pesquisas é que o docente pode se tornar um profissional reflexivo. Perrenoud (1994) alerta para o fato de que a prática reflexiva não é uma metodologia de pesquisa, uma vez que tem havido uma certa confusão entre a natureza dessas duas atividades, havendo dificuldades de identificar seus pontos comuns e a especificidade de cada uma delas. Huberman (1999), apesar de discutir os benefícios para os pesquisadores, de um trabalho cooperativo com professores, aponta também algumas vantagens que esse tipo de colaboração traz para os docentes que nele se engajam.

Segundo o autor, esse trabalho permite aos pesquisadores refinar seus conceitos, sua metodologia, seu ensino e seu modo de compartilhar seus resultados com diferentes audiências. Ele afirma também que o objetivo não é que pesquisadores e professores venham a compartilhar a mesma percepção sobre os fenômenos estudados, mas que cada um desses grupos se aproprie das experiências vivenciadas de acordo com suas próprias representações, o que leva a diferentes níveis de internalização desse processo. Para Magda Soares (1993), é necessário que o docente não esteja informado apenas sobre a produção de distintas áreas do conhecimento, mas conheça as próprias pesquisas, não só para utilizar o conhecimento produzido, mas também “para valer-se dos processos de produção desses conhecimentos”.

A literatura específica e até a legislação relativa à formação de professores já admitem a importância da pesquisa na preparação e no trabalho do professor. A ideia não é recente, já tendo sido proposta na obra Stenhouse (1975) sobre o desenvolvimento do currículo, e recebido um grande impulso no trabalho de Schon (1983) sobre o *reflective practitioner*, como anteriormente tive oportunidade de comentar (LUDKE, 2001). A enorme difusão de ideias de Schon levou toda a comunidade educacional uma onda na direção da imagem de um professor mais ativo, crítico e autônomo em relação às suas escolhas e decisões,

contrariamente àquela de aplicador de soluções prontas, emanadas de esferas externas, sobretudo as marcadas com o selo racionalidade técnica. Hargreaves (1998) aborda uma questão interessante, quando ele discute como a própria instituição escolar pode estar presa a mecanismos externos e superiores, que a tornam refém de um processo de plantação de medidas e valores decididos à sua revelia, mas insinuados com eficácia, em uma prática de “colegialidade artificial”. Essa colegialidade, sem se dar conta, acaba assumindo como a sua a responsabilidade de proceder àquela implantação.

Jonh Elliott (1994) fala de uma filosofia voltada para a sabedoria entre os professores da educação básica, e de uma filosofia voltada mais para o conhecimento, entre os professores do ensino superior. Beillerot (1991) faz uma distinção pertinente entre “estar em pesquisa, fazer pesquisa e ser pesquisador”. O fato de participar de um trabalho de pesquisa pode permitir a uma pessoa sentir-se ligada a essa atividade, e declarar-se como tal. Já a expressão “fazer pesquisa” indica uma responsabilidade maior sobre essa atividade que, se for realizada com regularidade e autonomia, pode conduzir um indivíduo ao *status* de pesquisador, com a distinção e o reconhecimento correspondentes, sobretudo na academia.

Os professores se encontram, em geral, em uma situação aproximada à de “estar em pesquisa”, indicada de um modo bastante amplo por um “projeto”, nem sempre identificável como projeto de pesquisa. Pode tratar-se do projeto de um curso, ou de uma unidade específica dele, no qual o professor procura experimentar um novo *design*, ou novos materiais e estratégias de ensino, às vezes, em conjunto com seus alunos, num trabalho semelhante ao que propõe Stenhouse (1975) através da figura do “professor artista”, que vai experimentando em sua sala de aula. Outra questão interessante é a pesquisa necessária à educação básica. Mergulhados nos problemas do dia a dia das escolas, eles percebem que para enfrentá-los não é possível, nem conveniente, seguir os passos sistematizados pelo modo acadêmico.

Embora reconheçam a “superioridade desse modelo”, que continua aparecendo em suas falas como uma espécie de tipo ideal de pesquisa, quando se trata de apontar aquela que deveria servir às necessidades da escola, não é a acadêmica que é lembrada. Demo (2015) diz que o que melhor distinção entre educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer na e pela pesquisa. A própria vida como tal é um espaço naturalmente educativo, à medida que induz à aprendizagem constante, burila a têmpera das pessoas, forma no sofrimento e na experiência acumulada. A família, mais do que ninguém, educa todo dia e toda hora, sendo a instância mais responsável pelas condições de emancipação dos filhos. A roda de amigos, a reunião no bar, o ambiente de trabalho etc., também são lugares

possivelmente educativos. Entretanto, todos esses espaços e agentes educam através de outros expedientes que não seja a pesquisa. Podem recorrer a ela ocasionalmente, mas não como propriedade específica, como seria o caso da escola. Demo (2011) afirma ainda que para manter a proposta de que a base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o Mero contato Entre professor e aluno. Para a pesquisa assumir este papel, precisa desbordar a competência formal forjada pelo conhecimento inovador, para alojar-se, com mais absoluta naturalidade, na qualidade política também. Não basta a qualidade formal, marcada pela capacidade de inovar pelo conhecimento, é essencial não perder de vista que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, carece ainda orientar -se pela ética dos fins e valores.

A aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento (PENIN, 1990; VASCONCELLOS, 1985). É equívoco fantástico imaginar que o “contato pedagógico” se estabeleça em ambiente de repasse e cópia, ou na relação aviltada de um sujeito copiado. A aula copiada não constrói nada de distintivo, por isso, não educa mais do que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa Festa animada.

A partir de Demo (2006), pode-se entender pesquisa como um sentido macro, quando ele se refere a pesquisa como sendo uma atitude questionadora que permeia todos os agentes envolvidos no processo educativo, mas destacando professores e alunos. Essa capacidade questionadora é, inclusive, um dos pontos que analiso na produção das pesquisas discutidas nesse trabalho, por reconhecer que seja preciso aguçar essa competência de questionadora que todo aluno tem, basta ser despertado. Acredito que uma das principais metas a serem conquistadas na trajetória escolar e acadêmica dos estudantes, seja apresentá-lo a escola como espaço para se tornar um cidadão com formação social e política.

Os temas dos TCEFS versam exatamente por temas que os estudantes realizaram questionamentos acerca das realidades que os cercam. Ainda com base em Demo (2006, p. 84) pode-se ver que a inserção social da pesquisa e do fazer científico, é entendida como “[...] espaço político de instrumento de acesso ao poder, a níveis críticos da consciência social, a domínio tecnológico diante do dado social e natural, a cultura própria. [...]”. O autor trata a pesquisa como tendo interesses sociais claros, quanto à formação do cidadão, primando pela consciência crítica, mediante a construção e a socialização de conhecimentos e de atitude investigativa.

Nesse sentido, a pesquisa deve estar articulada com a prática e visar o enfrentamento de problemas e de desigualdades sociais, porque inserida num processo mais amplo de questionamento, de interpretação da realidade e de intervenção responsável nela. Por fim, Demo (2006, p. 84): “[...] [a pesquisa] está na raiz da consciência crítica questionadora, desde a recusa de ser massa de manobra, objeto dos outros, matéria de espoliação, até a produção de alternativas com vistas à consecução de sociedade pelo menos mais tolerável”. Percebe-se a partir disto a importância da curiosidade, a inquietude; o desejo de descoberta e criação, destacando a atitude política emancipatória de construção social competente e organizado.

O autor apresenta os elementos essenciais que compõem a formatação da pesquisa, são eles: o conhecimento técnico científico aliado a prática do questionamento e o resultado de uma pesquisa como uma ação direta no meio social, agindo como agente de transformação social. Com essas características, a pesquisa torna-se possível na educação básica como formação educativa, mas que não deixa de ser, por extensão, uma formação também científica, pois ambas as dimensões são inseparáveis. Nas palavras de Demo (1994, p. 33): “na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como a instrumentação teórico-metodológica para construir conhecimento. Como princípio educativo, pesquisa perfaz um dos esteios essenciais da educação emancipatória, que é o questionamento sistemático crítico e criativo. [...]”. Assim, há duas dimensões, que, apesar de complementares, apresentam certas diferenças, que procuraremos evidenciar.

A pesquisa como princípio educativo focaliza mais o ambiente da escola e da atuação do professor da educação básica. Isso não significa que ela não seja possível nem desejável também na educação superior, tanto que o próprio desenvolve a sugestão de um currículo intensivo para a universidade, o qual tenha como base a pesquisa em sua dimensão também educativa. Assim se posiciona o autor:

Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca. [...] (DEMO, 2006, p. 16).

Em Demo (2007, apud LEITE, 2020) identifica-se que há a necessidade de que na educação básica, esteja sempre presente o desafio da ciência, o que, a nosso ver, já está no cerne de qualquer processo investigativo que prime pela qualidade formal e política, tal como advoga o autor. São pressupostos básicos da pesquisa como princípio educativo:

- a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica;
- o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa;
- * a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno;
- e a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana. (DEMO, 2007, p. 5).

O primeiro pressuposto defende que a base da educação escolar é a pesquisa e não a aula (esta deve ser apenas instrumento auxiliar daquela), com qualidade formal e política, com criatividade e criticidade; a pesquisa desenvolve a capacidade de questionamento e de (re) construção do conhecimento por parte dos indivíduos, contra a ignorância, a manipulação, a cópia e a condição de objeto; o segundo, que é preciso dessacralizar a pesquisa de seus estágios sofisticados, tomando-a atitude cotidiana, cuja essência, tanto no doutor quanto na criança da educação básica, é a mesma postura de questionamento reconstrutivo, embora os resultados concretos de ambos sejam muito distintos, de modo que é preciso considerar um horizonte de expectativas do que se pode fazer num ou noutro nível (DEMO, 2007, *apud* LEITE, 2020).

O terceiro concebe e valoriza a pesquisa como atitude cotidiana, que consiste em ler criticamente a realidade e intervir nela, para além de obtenção de resultados específicos, como a elaboração de produtos concretos, apesar de as duas perspectivas não serem excludentes; o quarto, que é necessário praticar a pesquisa visando à formação humana dos educandos, dotando-os de conhecimentos que os capacitem a saber pensar e fazer nas mais diferentes esferas sociais, com consciência, responsabilidade, ética e solidariedade.

Para tornar exequíveis tais pressupostos, Demo (2011) sugere algumas alternativas para estimular essa atitude questionadora e reconstrutiva da pesquisa em professores e alunos, especialmente na educação básica. No que concerne aos alunos, elenca os seguintes pontos:

- Criação de um ambiente positivo em sala de aula, que motive a participação do aluno. Neste caso, reivindica-se para o aluno uma postura ativa e participativa no processo de construção do conhecimento por meio da pesquisa, como parceiro do professor; como corolário dessa condição do aluno, o professor passaria a ser também um parceiro mais experiente, um orientador, o que transformaria a aula num momento de trabalho conjunto, mais do que repasse de instruções;

- Equilíbrio entre trabalho individual e coletivo. Além de proporcionar momentos de integração, cooperação e solidariedade, convém desenvolver no aluno o esforço, a responsabilidade e a capacidade de pensar e realizar tarefas individualmente; da junção entre ambos os trabalhos, surge, para Demo, a qualidade do trabalho de pesquisa;
- Incentivo à procura de materiais: concerne ao estímulo à iniciativa do aluno como agente no processo de aprendizagem, ao selecionar fontes e recursos que lhe sejam mais adequados à execução da(s) tarefa(s) proposta(s); ao mesmo tempo, torna-se uma maneira de combater a receita pronta, quer vinda do livro didático, quer do professor instrutor;
- Realização de interpretações próprias: trata-se do primeiro passo para a (re) construção de conhecimentos, pois implica compreensão ativa de textos, relação com outros textos e conhecimentos, capacidade de posicionar-se e, por conseguinte, de construir elaboração própria;
- Reconstrução do conhecimento: incentivar a elaboração própria, que não deve confundir-se com a proposição de algo necessariamente original, já que há também, no processo de pesquisa, a necessidade de transmissão e apropriação do conhecimento historicamente acumulado. Compreende atividades como “contralar, reelaborando a argumentação; refazer com linguagem própria, interpretando com autonomia; reescrever criticamente; elaborar texto próprio, experiência própria; formular proposta e contraproposta” (DEMO, 2011, p. 36), que demanda principalmente conhecimentos de escrita;
- Implementação de estratégias didáticas, como exemplos, o autor cita motivações lúdicas, científicas e culturais, como feiras de ciência, exposições, impulsionamento do hábito da leitura no aluno e do manejo de novas tecnologias, além do uso intensivo do tempo escolar e de apoio familiar ao aluno, o que não descarta a realização de trabalho fora do ambiente de aula (uso da biblioteca, produção de textos);
- Cuidados propedêuticos: refere-se a investir na construção de conhecimentos que são basilares na formação da capacidade questionadora e reconstrutiva do aluno ou, nas palavras de Demo (2011, p. 39), que “[...] cercam e fecundam o conhecimento [...]”, como, por exemplo, expressar-se de maneira fundamentada, exercitar sempre o questionamento reconstrutivo cuidadoso e a formulação própria, reconstruir autores e teorias, tornar cotidiana a pesquisa, compreender a utilidade social do conhecimento;
- Reorganização curricular: sugere-se, nesse ponto, a implementação de um currículo intensivo e mais flexível, que prefira o aprofundamento por temas à exposição horizontal, ritmo sustentado de trabalho às aulas curtas, o que significa, em termos gerais, nova organização do tempo e do trabalho escolar;

- Proposição de novas alternativas de avaliação: reivindica o primado dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, o que se reflete na enumeração de indicadores de desempenho processuais que diagnostiquem a evolução do aluno – interesse pela pesquisa, elaboração própria, participação ativa – e sirvam como componente estratégico e prognóstico para a melhoria da qualidade do trabalho implementado.

Ainda analisando a literatura de Demo (2011), destaca-se cinco desafios da pesquisa:

- (Re) construção de projeto pedagógico próprio: requer do professor autonomia para a elaboração de uma proposta pedagógica própria, constantemente atualizada e comprometida com o desempenho do aluno;
- (Re) construção de textos científicos próprios: sugere capacidade de elaboração própria do professor, a fim de que seja ele um pesquisador em sentido amplo, quanto à escolha de temas e concentração de esforços para pesquisar e escrever sobre eles, integrando teoria e prática;
- (Re) construção de material didático próprio: contra a cópia ou o uso indiscriminado de material didático pronto, como apostilas e manuais, propõe que seja o professor também um elaborador de (parte de) seu material didático, adequando-o a seus interesses e às necessidades do aluno;
- Mudanças didáticas: recomenda a superação da aula como momento meramente expositivo e transmissivo de conceitos, da construção do conhecimento como cópia de instruções dadas, da avaliação como verificação da assimilação das informações;
- Formação continuada: diz respeito à necessidade do professor de inserir-se em ações de formação inicial e continuada consistentes.

Esses pontos, em conjunto, vão de encontro à tradição do professor e do aluno da educação básica – instrutor e instruído, respectivamente, ao propor-lhes uma condição de pesquisadores em sentido amplo, ainda que não necessariamente profissionais da pesquisa. Além disso, embora sejam o professor e o aluno os principais agentes do processo educativo, é sabido que há ainda questões didáticas e até de currículo, que estão implícitas ou claramente presentes nas orientações apresentadas acima. Outrossim, a concepção e a implementação de uma proposta de educação pela pesquisa têm influência também de outros fatores, não abordados diretamente pelo autor, que se referem, por exemplo, a questões de infraestrutura, de condição de trabalho docente, de políticas de acesso e de permanência dos estudantes na escola. Demo (2011), ainda percebe que o mesmo traça uma proposta pedagógica que tem a pesquisa como cerne do processo educativo, o que demanda a realização de profundas mudanças na postura de estudantes e professores, na organização curricular e em questões didáticas, em prol de uma aprendizagem que se torne criativa, construtiva, produtiva e crítica,

como fica claro nas orientações que primam pelo questionamento reconstrutivo e, em seu bojo, a necessidade do conhecimento inovador e renovado, da interpretação, da elaboração própria, do saber pensar e fazer. Compreende-se que esses pressupostos e características da pesquisa como princípio educativo permeiam não somente o fazer pedagógico em sala de aula, mas pode aplicar-se a outras ações, como a iniciação científica na educação básica, cuja essência é a pesquisa.

3.5 A PESQUISA E A LINGUA PORTUGUESA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Os documentos oficiais apresentam o lugar da pesquisa desde da 1ª Edição das Leis Diretrizes e Bases LDB (1961) até a Base Nacional Comum Curricular BNCC (BRASIL, 2017), mostrando a importância de desenvolver as atividades de pesquisa na durante toda a trajetória escolar.

3.5.1 O que diz a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB)

O Presidente João Goulart sancionou em 1961, após treze anos correntes para a aprovação da Lei nº 4.024/61, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB). Esse documento passa, naquele momento histórico, a ser um “divisor de águas” no que diz respeito a qualidade na educação no Brasil. Dez anos depois, a LDB passou por algumas mudanças. O Projeto de Lei 9/1971 chegou ao Congresso em regime de urgência. Em 40 dias, foi analisado por uma comissão, a discussão e a votação no Plenário do Congresso Nacional ocorreram em um único dia, em julho de 1971. O texto apresentava uma proposta para implantar o ensino profissionalizante no ensino médio. Uma das justificativas do governo seria que o país precisava urgente de mão de obras e investir numa educação voltada para a busca do ensino superior não era eficaz, naquele momento.

Em 20 de dezembro de 1996, foi aprovada a última versão da LDB (Lei 9394/96), sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da educação Paulo Renato. A LDB de 1996 veio para substituir sua versão anterior, de 1971, e ampliar os direitos educacionais, a autonomia de ação das redes públicas, das escolas e dos professores e deixar mais claras as atribuições do trabalho docente. De maneira inovadora para a época, não foi o Executivo quem iniciou as discussões, e sim um grupo de educadores. A pesquisa é tema que aparece nos documentos oficiais desde da 1ª publicação da LDB 4024/1. A Lei sempre indicou a preparação do educando para o desenvolvimento dos procedimentos da pesquisa

escolar, mas se observa até hoje a existência de um descaso sobre sua utilização. Segue o conteúdo das Leis (BRASIL, 1996).

- Lei 4024/61 – No capítulo “Dos fins da Educação”, art.1º, no item e: “o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer a dificuldade do meio;
- Lei 5692/71 – Item sobre objetivos na disciplina de Ciências trata do “desenvolvimento do pensamento lógico e a vivência do método científico...”
- Lei 9394/96, seção III, “Do Ensino fundamental”, art. 32, parágrafo 3º, trata do “desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades”.

A prática da pesquisa na escola já era pré-requisito na grade curricular dos estudantes desde a década de 1960. A cada edição, a LDB apresentada pesquisa de forma mais condensada e específica, com o intuito de contemplar os anseios intelectuais de cada época a qual ela se apresenta reformulada. Mas, infelizmente, em minhas experiências como docente tenho observado que muitos professores demonstram dificuldades para exercitar práticas pedagógicas nortadas pela pesquisa na escola.

Na 1ª edição, a LDB propõe que a escola seja o espaço para dar subsídios ao estudante, no sentido de prepará-lo para dominar os recursos científicos e tecnológicos que fazem parte da vida cotidiana. Essa “nova” orientação dada à educação, nessa época, representava a preocupação com o aprimoramento técnico e o incremento da eficiência e maximização dos resultados e tinha como decorrência a adoção de um ideário que se configurava pela ênfase no aspecto quantitativo, nos meios e técnicas educacionais, na formação profissional e na adaptação do ensino as demandas da produção industrial. Cada redação jurídica referente à LDB é possível perceber que o documento se estabeleceu tendo como base a reestruturação e “renormatização” do sistema educacional ao longo do tempo.

Na 2ª edição, a LDB valoriza a questão de Ciências ter se apresentado como uma das três entidades representativas do currículo do núcleo comum da Educação Geral, de certo modo, também inferiu importância ao conhecimento científico. Os objetivos almejados com o ensino dos conteúdos dessa matéria também pareceram reforçar esse ideário educativo com foco no ensino técnico-científico, pautado nas ações de desenvolvimento da ciência e na atividade dos cientistas: “o desenvolvimento do pensamento lógico e a vivência do método científico, sem deixar de pôr em relevo as tecnologias que resultam de suas aplicações”. (BRASIL, 1971, p. 177). Pretendeu-se para o estudante, o desenvolvimento do “espírito de

investigação, invenção e iniciativa, o pensamento lógico e a noção da universalidade das leis científicas e matemáticas. [...]”. (BRASIL, 1971, nº 132, p. 179).

Na 3ª edição, a LDB, nº 9.934/96 assume a característica indicativa, de modo a permitir o aperfeiçoamento de questões educacionais amplamente discutidas. Essas discussões proporcionaram autonomia por parte das instituições de educação e suas respectivas secretárias de educação (municipal ou estadual), descentralizando o poder de decisões da União, definindo assim as ações que devem ser realizadas e quais os objetivos a serem atingidos conforme a realidade nas diferentes localidades.

Finalmente, observa-se que a LDB assume um caráter inovador, todavia, ainda insuficiente para atender as necessidades de melhorias do sistema educacional, no sentido de melhoria da qualidade de educação brasileira frente às tendências econômicas do país, porém mostrando-se eficaz no que tange a regulamentação da educação nacional.

3.5.2 O que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS

O Sistema Educacional Brasileiro passou por uma série de transformações internas e externas ao longo dos últimos séculos. Em cada época da história, a escola procurou desempenhar a função social de educar as pessoas para viver em sociedade. Houve uma época em que a única função da escola era passar conhecimento, o conteúdo era a base para viver plenamente em sociedade. Atualmente, a escola que realmente tem preocupação em contribuir para formar cidadãos que sejam capazes de exercer suas funções sociais com autonomia, passou a trabalhar de forma integral. O professor passou de mero transmissor de conhecimento para assumir a função de mediador desse.

E para atender as novas exigências da sociedade, o governo Federal criou um documento que serviu como base para direcionar o sistema Educacional brasileiro. Em 1998, Os Parâmetros Curriculares Nacionais surgiram no cenário educacional como sendo uma proposta de reestruturação de todo um sistema de ensino. Desde o início da década de 1980, esse assunto já era pauta de discussão entre especialistas, pois a escola tinha sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação. Os PCN são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com a função principal de orientar os educadores através da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem tanto a rede pública, como a rede privada de ensino, conforme o nível de escolaridade dos alunos. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Embora não sejam obrigatórios, os

PCN servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais. Os PCN nada mais são do que uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino. Por abrangerem inúmeros fatores, os Parâmetros Curriculares Nacionais podem ser utilizados com objetivos distintos, conforme o contexto em que a escola está inserida. A forma como foi estruturado esse documento possibilita aos profissionais da educação iniciarem a sua leitura por diferentes partes, sem seguirem uma ordenação. No entanto, com o tempo, os educadores devem conhecê-lo, na íntegra, para poderem compreendê-lo e se apropriarem de sua proposta.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa se deteve a analisar como os PCN orienta a ação da prática da pesquisa na escola, mais especificadamente, como os conteúdos de Língua Portuguesa podem contribuir na construção do aluno pesquisador. A pesquisa, por ser um importante instrumento didático no âmbito escolar, foi contemplada também nos PCN referentes ao Ensino Fundamental Ciclo I e II (1ª a 8ª séries).

Neste item, os PCN sugerem que os professores deem base, ou seja, desenvolvam no educando habilidades para utilizar fontes bibliográficas e de multimeios, com objetivo de transformar a informação pesquisada em sua trajetória escolar, em conhecimento. Os PCN fazem referências implícitas e explícitas à palavra “pesquisa”, especificando nos itens: 1. Objetivos gerais das disciplinas por ciclos; 2. Objetivos por ciclos das disciplinas; 3. Subsídios complementares das disciplinas; 4. Critérios de avaliação em cada uma dessas áreas.

Com relação aos objetivos, por ciclos, das disciplinas de Ciências Naturais, Geografia, História e Língua Portuguesa, observa-se que os PCN também reforçam os objetivos gerais e fornecem ao educador sugestões para elaboração de atividades práticas, propondo intervenção na realização dos trabalhos escolares. Com relação aos subsídios de Língua Portuguesa, Os PCN propõem o mesmo conteúdo em todos os ciclos e a criação de atividades práticas. Enfatizam também que o professor deve orientar o aluno para a elaboração de texto próprio, visando a articulação linguística e gramatical para a construção de um discurso próprio.

O documento segue a divisão dos ciclos e seus respectivos objetivos no que diz respeito aos conteúdos de Língua Portuguesa, que contribuem para construir a expectativa de pesquisador no aluno. Os PCN propõem nos 1º e 2º ciclos (1ª/4ª séries do Ensino Fundamental), que “utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas no texto e nos 3º e 4º ciclos (5ª/8ª séries do Ensino Fundamental) “sendo capaz de operar sobre o conteúdo representacional dos textos, identificando aspectos relevantes, organizando notas, elaborando roteiros, resumos, índices, esquemas, etc.” (BRASIL, 1998).

Observa-se que, nestes itens, os PCN sugerem que o educando saiba interpretar o texto, destacando as palavras-chave e que construa índices, resumos, esquemas e textos concisos, ou seja, que o educando consiga ler e interpretar, transformando o discurso alheio utilizando os procedimentos adequados da Língua Portuguesa. No entanto, é um desafio para o docente fazer com que o estudante consiga realizar todas essas ações com êxito, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa é longo e complexo. Mas, é preciso buscar caminhos para superar essas dificuldades, pois, ao passo que o aluno consegue aprender o que propõe os PCN em Língua Portuguesa, ele terá muito mais facilidade para percorrer o caminho da prática pesquisa na escola.

Familiarizando-se com estas questões de pesquisa escolar e tendo o professor adquirido os procedimentos propostos, deverá desenvolver no educando o processo de ensino/aprendizagem no que se refere a esta competência – trabalho escolar, levando-o a conhecer, no decorrer de sua trajetória estudantil, resultados também de pesquisas diversificadas. Com relação aos objetivos, por ciclos, das disciplinas de Ciências Naturais, Geografia, História e Língua Portuguesa, observa-se que os PCN também reforçam os objetivos gerais e fornecem ao educador sugestões para elaboração de atividades práticas, propondo intervenção na realização dos trabalhos escolares.

3.5.3 O que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (PCP)

A Base Nacional Comum Curricular foi homologada em 14 de dezembro de 2018, pelo ministro da Educação Rossieli Soares. O processo de formulação desse documento difere dos PCN, pois houve uma consulta pública através de uma mobilização entre Professores, gestores e técnicos da educação, que criaram comitês de debate e preencheram um formulário online, sugerindo melhorias para o documento. Esse documento normativo define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País, por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito.

A BNCC norteia a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares de todo o Brasil, indicando as competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. O documento está estruturado em Textos introdutórios (geral, por etapa e por área); Competências gerais que os alunos devem desenvolver ao longo de todas as etapas da Educação Básica; Competências específicas de cada área do conhecimento dos componentes curriculares; Direitos de Aprendizagem ou Habilidades relativas a diversos objetos de conhecimento (conteúdos, conceitos e processos) que os alunos devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica — da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Os Parâmetros Curriculares de Pernambuco apresentam o Currículo “como sendo um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências” (PERNAMBUCO, 2019, p.23). Nessa direção, a BNCC foi uma referência imprescindível para a elaboração curricular. A BNCC define uma série de orientações que direcionaram os partícipes na elaboração do Currículo de Pernambuco. Logo, esse documento se apresenta como um elemento que integra a dimensão humana aos requisitos necessários para a vida em sociedade, buscando ofertar uma formação integral aos sujeitos do processo educativo, possibilitando a estudantes e professores compreenderem diferentes dimensões da vida e do ser social. O Currículo de Pernambuco tem como perspectiva estar atrelado às práticas sociais dos estudantes, de modo a permitir-lhes (res) significar seus próprios saberes, a partir do diálogo com aqueles socialmente construídos pela humanidade; e garantir a todos a igualdade de acesso aos conhecimentos no espaço escolar.

Dessa forma, faz-se necessário que as práticas pedagógicas promovam o desenvolvimento integral dos estudantes e sua preparação para a vida, para o trabalho e para a cidadania, a fim de que se tornem, progressivamente, sujeitos sociais e protagonistas aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária.

Nesse sentido, o ensino de Língua portuguesa assume a concepção de língua enquanto forma de interação social, como sendo uma atividade de intervenção, de produção de sentido, como meio de atuação e de exercício de poder, resultante da visão sociodiscursiva de linguagem. Assim como na BNCC e em documentos curriculares estaduais anteriores (BCC, OTM, PCE3), os objetos de conhecimento e as habilidades, neste currículo, estruturam-se dentro das práticas de linguagem: leitura/escuta, produção escrita, oralidade e, agora, multissemiótica e análise linguística/semiótica (que envolve os conhecimentos sobre o

sistema alfabético de escrita, a norma padrão, os aspectos textuais, discursivos, gramaticais, os modos de organização e os elementos de outras semioses, entre outros).

Desse modo, [...] a língua somente poderá ser entendida como uma ação contextualizada e historicamente situada, inserida numa situação particular de interação e, portanto, nunca inteiramente despregada das condições concretas de uma determinada prática social, não podendo, assim, ser avaliada senão em situação. (BRASIL, 2017). Dentro da concepção de língua aqui defendida, as práticas de linguagem/os eixos de ensino se materializam em práticas historicamente situadas/contextualizadas, isto é, em campos/esferas discursivas; relacionam-se às práticas de uso e reflexão, e são influenciadas pelas condições de produção e recepção dos textos da língua é a produção/compreensão dos discursos (usos).

Para tanto, tal qual a BNCC, cinco campos foram selecionados – campo da vida cotidiana, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública – considerando a importância deles para o uso da linguagem dentro e fora da escola, para o exercício da cidadania, para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, para elaboração/consolidação de um projeto de vida e sociedade, para apreciação/fruição estética e simbólica da linguagem, para o exercício da empatia e do diálogo, entre outras dimensões formativas não menos importantes.

Adotando esses pressupostos e alinhada às competências gerais e previstas neste documento e às competências específicas da área de linguagens, o componente curricular de Língua Portuguesa visa garantir o desenvolvimento das seguintes competências específicas:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como meio de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em

relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, de diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (PERNAMBUCO, 2019)

O Currículo de Pernambuco, no componente de Língua Portuguesa, ensino fundamental, organiza-se estruturalmente por quatro práticas de linguagens: leitura, produção de texto (orais e escrito), oralidade e análise linguística/semiótica. As práticas de linguagem estão intrinsicamente ligadas aos cinco campos de atuação: campo da vida cotidiana, campo de atuação na vida pública, campo jornalístico-midiático, campo das práticas de estudo e pesquisa e campo artístico-literário, conforme explicitado anteriormente. Esses campos possibilitam a atuação do sujeito nas práticas sociais que se realizam nos gêneros textuais, entretanto, nem os campos de atuação nem os gêneros são engessados, podendo um gênero textual migrar de um campo de atuação para outro, dependendo de sua funcionalidade e de suas especificidades.

Nessa perspectiva estrutural, as práticas de linguagem articulam-se aos objetos de conhecimento e suas habilidades específicas, apontando para as competências gerais e específicas. O presente documento divide-se também por ano (com organizadores do 1º ao 9º ano de escolarização). A opção por essa organização objetiva facilitar a leitura, a interação e o manuseio do documento pelo professor, como também facilitar a identificação da progressão de conhecimentos em cada ano e o modo como as habilidades foram agrupadas e selecionadas para propiciar o desenvolvimento das competências do componente curricular, da área e, principalmente, das competências gerais.

No tocante às habilidades, as mesmas são codificadas por etapa (EF-Ensino Fundamental), ano (do 1º ao 9º), Componente Curricular (LP), número da habilidade e PE (validadas por Pernambuco), por exemplo: EF01LP02PE (Ensino Fundamental, 1º Ano, Língua Portuguesa, Habilidade 02) ou mesmo EF69LP02PE (Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, Língua Portuguesa, Habilidade 02). Há competências e habilidades que apresentam a

pesquisa como prática de ensino desde do 1º ano do ensino fundamental I até 9º ano do ensino fundamental II, apresentando uma sessão com o título “Campo das práticas de estudo e pesquisa”. Portanto, é possível observar que a BNCC traz em todo o currículo, habilidades e competências que orientam a pesquisa na escola e pontua como o acervo dos conteúdos são utilizados nesse percurso da pesquisa.

4 UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM UMA ESCOLA INTEGRAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A escola integral surge com uma perspectiva de formar o ser humano com habilidades e competências básicas, para que este possa atuar como um cidadão crítico perante ao meio social o qual está inserido. A grade curricular dessa modalidade de ensino se difere das escolas regulares, logo, a iniciação científica se apresenta como uma das bases essenciais desse modelo educacional.

Nesse capítulo, reflito brevemente sobre a metodologia da escola integral, ressalvo como o protagonismo juvenil é importante no processo educacional, visito o PPP (Projeto

Político Pedagógico) da Escola de Referência Dom Malan, a fim de relacionar sua perspectiva com a do aluno pesquisador e, por último, descrevo e analiso uma experiência científica com alunos do 9º ano da Educação Básica.

4.1 A PERSPECTIVA DA ESCOLA INTEGRAL E A EXPERIÊNCIA EM PERNAMBUCO

O século XX foi marcado por inúmeras transformações que mudaram a história da humanidade, todas as áreas sofreram modificações. Na educação, não seria diferente, várias reformas aconteceram, a fim de corresponder às necessidades exigidas a cada contexto histórico-cultural que a sociedade vivenciava. Entre muitos que ocorreram, acredito que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, tenha sido de suma importância para embasar um dos princípios do que se transformaria mais a diante na Escola Integral. No governo de Getúlio Vargas, um grupo de intelectuais brasileiros defensores das ideias de John Dewey e Durheim (Estados Unidos -1920) se aliam e promulgam o Manifesto dos Pioneiros. Fernando de Azevedo, Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971) são os principais representantes desse movimento.

O manifesto dos pioneiros representou uma nova perspectiva para o ensino e como tal, alvo de críticas por vários estudiosos da época, enquanto o escolanovismo desenvolvia-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. Inclusive teve como ponto favorável a inexistência no país, de um plano nacional de educação que sistematizasse e divulgasse a Pedagogia Tradicional, defendida principalmente pela Igreja Católica. Este foi o ambiente ideal para a Escola Nova construir sua hegemonia, tomando a frente do movimento denominado Otimismo Pedagógico.

Nesta época, marcada por conflitos e pela busca de modernização, quando ocorreram movimentos como a Semana e Arte Moderna e o Tenentismo, os liberais e escolanovistas encontraram clima propício para desenvolver seus ideais, que combinavam com as do setor ascendente da burguesia nacional: moderno, urbano e industrial. Pairava na sociedade um questionamento quanto à estrutura conservadora e atrasada, de uma economia agrária, entrada no campo e sob o domínio das oligarquias.

Neste contexto, o terreno da modernização era fértil às propostas do novo movimento de escolarização, que ganhava adeptos entre os setores burgueses, como: a burguesia industrial, camadas médias da população e intelectuais progressistas. Estes últimos, mais identificados com a Escola Libertária, viram-se forçados pela pressão política a aderirem ao escolanovismo, já que os constantes ataques à liberdade de organização social e política e as

repressões acabaram por dismantelar o movimento de vanguarda com que se identificavam. Este fato só viria ampliar e fortalecer a nova proposta.

O Manifesto representou “um divisor de águas entre educadores progressistas e conservadores”, pois, em 1961 esse projeto de ideias foi transformado em Lei, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº. 4024 –, pelo Presidente João Goulart, com veto a 25 dispositivos, que foram posteriormente aprovados pelo Congresso Nacional. A partir de 1961, com base na “velha” Lei, assim chamada por ter permanecido em discussão tão longo tempo, as escolas brasileiras passaram a ter maior liberdade na elaboração de programas e no desenvolvimento de conteúdos de ensino. Foi propiciada a criação de setores especializados nas escolas para coordenar suas atividades. Esta dualidade persistiu até a promulgação da LDB nº. 4024/61. A partir de então, ficou estabelecida a equivalência entre os cursos propedêutico e profissionalizante, abrindo-se, também este, para o Ensino Superior. Logo, os anos seguintes foram de adaptações a essas mudanças e posteriormente surgiram novos projetos educacionais, como por exemplo: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), A Base Comum Curricular (BNCC) e a implantação do Programa de Educação Integral.

No Brasil, o modelo de Educação Integral começa sendo implantado em Pernambuco, em Recife, no ano de 2004. Mas, somente quatros anos depois desses primeiros passos, é que foi criada a Lei Complementar Nº 125, de 10 de julho de 2008. O Programa de Educação Integral é baseado na Educação Interdimensional, que teve como mentor o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa (2001), o qual desenvolveu esse modelo de educação no início dos anos 2000, com base em vivências em centros de ressocialização de menores infratores em Minas Gerais. De acordo com Costa (2001), esse modelo de Educação considera os quatro pilares da educação: Aprender a ser, Aprender a fazer, Aprender a conviver e a Aprender a conhecer.

Nas escolas integrais em Pernambuco, gestores e professores têm recebido formação presencial em Educação Interdimensional, visando a apropriar-se da proposta que incentiva os estudantes a ser protagonista do seu desempenho e auferir sucesso escolar, além de prepará-los para a vida acadêmica e profissional. Segundo Costa (2001), a Educação Interdimensional propõe que os professores respeitem e incentivem a autonomia dos estudantes, pois, assim como em Freire (1996, p.59), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Logo, essa metodologia tem dado frutos positivos ao cenário da educação no Brasil.

Os dados mostram um aumento nas matrículas em escolas de tempo integral no ensino médio e também um salto crescente em aprovações em Enem e nos vestibulares de todo país.

Em 2017, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), realizou o Censo Escolar, apresentando que o percentual de alunos matriculados nesse regime de ensino saltou, também na rede pública, de 6,7%, em 2016, para 8,4%, ano passado. Além do ensino médio, o levantamento aponta que as matrículas em tempo integral do ensino fundamental na rede pública voltaram a crescer, saltando de 10,5%, em 2016, para 16,2%, no ano passado.

O percentual de alunos, contando as redes pública e privada, passou de 9,1%, em 2016, para 13,9% em 2017. A carga horária da escola em tempo integral é um pouco maior que a escola regular, os estudantes têm cerca de 7 horas diárias de aula. O currículo, também, é mais diversificado, proporcionando ao aluno o contato com disciplinas que trabalham as habilidades socioemocionais, como por exemplo: projeto de vida. O fortalecimento do vínculo entre professor e aluno é intensificado a partir da Pedagogia da Presença.

Nesse contexto, é possível entender que esse modelo de educação tem sido uma possibilidade importante para melhorar a educação desse país, que já anda a passos tão lentos, apesar de tanto avanço que a história da humanidade já apresentou. Por isso, uma das metas do governo é aumentar o percentual de estudantes e de escolas com oferta de educação em tempo integral no Brasil, através do Plano Nacional de Educação, Lei 13.005/2014, que estabelece metas e estratégias para a educação até 2024. Pela lei, a educação em tempo integral deve chegar à metade das escolas públicas e atender a um quarto dos estudantes.

4.1.1 O Protagonismo na escola integral

A palavra Protagonismo, de origem grega, usada no teatro, na literatura e, mais recentemente, na sociologia e na política, para ilustração dos atores sociais como agentes principais dos seus respectivos movimentos, cede também à educação o seu uso. Os educadores passam a chamar de Protagonismo os processos, movimentos e dinamismos sociais e educativos, nos quais os adolescentes e jovens, apoiados ou não pelos seus educadores, assumem o papel principal das ações que executam.

Antonio Carlos Gomes da Costa conceitua Protagonismo Juvenil como sendo a designação para a “participação de adolescentes atuando como parte da solução, e não do problema, no enfrentamento de situações reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”. A vida aspira a mais vida e é esse o recado dos jovens de todo o mundo quando declaram que querem participar da vida social de maneira plena. Na perspectiva do Protagonismo, tratar o adolescente e o jovem como solução do problema, significa extrapolar

os modelos adotados e considerar uma concepção mais ampla do ser humano, que abrange o próprio desenvolvimento do seu potencial. Essa perspectiva se alinha com os fundamentos que nortearam a concepção do Modelo e ratifica a afirmação de que todo ser humano nasce com um potencial e que tem o direito de desenvolvê-lo. Para isso, é preciso ter oportunidades que efetivamente desenvolvam potencialidades, e estas se encontram nas Metodologias de Êxito e Práticas Educativas.

O Protagonismo tem grande importância no Modelo da Escola da Escolha. Ele se apresenta como Premissa no Modelo de Gestão e Princípio Educativo, Metodologia de Êxito e Prática Educativa no Modelo Pedagógico. Como Metodologia de Êxito, é oferecido como um dos componentes curriculares da Parte Diversificada do currículo para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Como Princípio Educativo, se torna prática no “chão da escola” por meio de um conjunto de Práticas Educativas de Vivências em Protagonismo realizadas pelos estudantes de variadas maneiras, em níveis diferenciados de autonomia, nas distintas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

4.1.2 Os quatro pilares da educação

No início da década de 1990, a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI da UNESCO, criou uma agenda de debates relacionando educação e sociedade. Tinha em vista concepções e práticas pedagógicas frente ao nascimento do novo século, que renunciava a intensificação da oferta e meios para circulação de conhecimentos, armazenamento de informações e comunicação. O relatório convida a pensar na educação ao longo da vida como uma maneira de lidar e viver no mundo contemporâneo marcado por transformações rápidas e profundas. Esse documento apresenta os quatro pilares da educação, que são as aprendizagens fundamentais para que uma pessoa possa se desenvolver plenamente, considerando a progressão das suas potencialidades, ou seja, a capacidade de cada um de fazer crescer algo que traz consigo ou mesmo que adquire ao longo da vida.

O professor Antonio Carlos Gomes da Costa realizou esforços desde meados dos anos 1990 nessa direção. Nos seus estudos, nos baseamos para compreender como tratar dessas aprendizagens do campo teórico para o campo da prática pedagógica, ou seja, a sala de aula. Baseados nos seus estudos, podemos migrar da teoria e trazer os Quatro Pilares da Educação para a prática pedagógica, baseado em Costa (2001):

- Pilar do Aprender a Conhecer: essa aprendizagem vai além do domínio do conhecimento e não se limita à aquisição de um acervo de saberes propriamente ditos. Ela se estende ao

domínio da forma como se adquire o conhecimento e das diversas maneiras como cada um irá lidar por meio do acesso ou da sua produção;

- Pilar do Aprender a fazer: essa aprendizagem é muito mais do que aprender como é feito. É também construir os modos e os instrumentos da ‘feitura’. Os Pilares Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer guardam uma relação importante entre si, ainda que Aprender a Fazer esteja mais ligado ao âmbito da formação profissional, mas não restrito a ele. As mudanças na geografia do mundo do trabalho contemporâneo alteram as qualificações exigidas pelos processos produtivos. Caracteriza-se um movimento que a literatura intitula “desmaterialização do trabalho”;

- Pilar do Aprender a Conviver: a aprendizagem de que trata esse pilar é a de desenvolver a compreensão e aceitação de si próprio e do outro, e a percepção da interdependência entre os seres humanos no sentido do convívio, do trato, da realização de projetos comuns, da preparação para aprender a gerir conflitos respeitando valores plurais, da compreensão mútua e da convivência pacífica;

- Pilar do Aprender a Ser: a parte mais importante dessa aprendizagem é a afirmação de que Aprender a Ser é dispor de um conjunto de competências que possibilitem alguém a se relacionar melhor consigo mesmo, como condição para se relacionar com os outros e com as suas circunstâncias naturais, sociais, econômicas, políticas e culturais, além de se relacionar com a dimensão transcendental, de natureza religiosa ou não.

Nesse contexto, é possível compreender que a escola integral apresenta um modelo de educação diferenciada. O currículo da escola da escolha propõe que os estudantes tenham uma perspectiva baseada no protagonismo, nos quatros pilares da educação entre outras questões. Passar mais tempo na escola e participar de atividades como teatro, dança e reforço escolar, aumenta a chance de estudantes do ensino médio serem aprovados no vestibular. Além disso, eles terão, em média, um salário maior do que os demais, ao ingressar no mercado de trabalho

De acordo com o levantamento, alunos formados em escolas de tempo integral têm 63% de chance de entrar no ensino superior, enquanto os de escolas de tempo parcial têm 46%. A diferença é de 17 pontos percentuais: “uma educação em tempo integral obedece ao currículo regular e traz ainda outros elementos, como assessoria aos alunos, que passam a contar com um professor como tutor”. Eles pensam sobre o querer ser e como chegarão lá, entre outros”, disse o diretor de projeto do Instituto Sonho Grande, Rangel Barbosa: “esses elementos, juntos, fazem com que a escola seja mais completa”, acrescentou.

4.2 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA DE REFERÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II DOM MALAN

Devido a sua localização na área central e de fácil acesso da cidade, e contar com uma equipe de profissional bastante comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes, a escola lida diariamente com uma grande procura da comunidade por matrícula, dificultando o atendimento de toda a sua demanda. Atualmente, a instituição oferece a Educação Básica no nível de Ensino Fundamental, sendo de 1º ao 5º ano em Tempo Parcial, e de 6º ao 9º ano em Tempo Integral.

Nesse sentido, o PPP foi desenvolvido para suprir as necessidades da escola, dos alunos, dos pais e da comunidade em geral. A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan objetiva sua ação educativa, fundamentada nos princípios da universalização da igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da educação básica e da gratuidade escolar. A reflexão sobre quais diretrizes pedagógicas a escola deve trilhar nos remete a pensar qual tipo de currículo será priorizado na unidade escolar, currículo este que inclui mais do que os conteúdos a serem ensinados e apreendidos:

Nele as relações humanas na sala de aula e na escola, as metodologias de ensino e as formas de avaliação fazem parte do currículo desenvolvido seja de forma explícita ou oculta. Assim, o “currículo é compreendido como fruto de uma construção coletiva que envolve diversas etapas, sujeitos, intenções e finalidades”. (PERNAMBUCO, 2019, p. 71)

Nesta perspectiva, é que a equipe de profissionais que compõem a escola, compreendendo o currículo como um retrato da cultura e do conhecimento instalado e modificado cotidianamente por todos os sujeitos que transitam no espaço escolar, defende que a Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental EREF Dom Malan tem como função social promover aos estudantes o acesso ao conhecimento sistematizado e, a partir deste, a produção de novos conhecimentos, preocupando-se com a formação de um cidadão consciente e participativo na comunidade onde está inserido.

Outra referência adotada pela escola para embasar seus fazeres, foi o Currículo de Pernambuco, documento orientador do trabalho pedagógico para as escolas públicas em todo estado. Este documento expressa a defesa de uma prática pedagógica ancorada na construção de competências e desenvolvimento de habilidades que favoreçam a progressão das aprendizagens em todo ensino fundamental, respeitando a transição dos anos iniciais para os

anos finais e amenizando os processos naturais de ruptura que existe entre essas duas etapas de ensino, a fim de garantir um processo continuado e progressivo de construção e consolidação das aprendizagens:

O processo de ensino e aprendizagem passou a exigir das práticas pedagógicas a organização de um currículo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, novas formas de apropriação e compreensão de conhecimentos e saberes que possibilitem a formação dos sujeitos numa perspectiva integral, dinâmica e contemporânea. (PERNAMBUCO, 2019, p. 23).

Tudo isso, em concordância com as mudanças ocorridas na sociedade que exigem novas práticas, novos olhares e, sobretudo, novas posturas no campo educacional, que possibilite desenvolver nos estudantes competências e habilidades para enfrentar desafios e resolver problemas no cotidiano.

Excepcionalmente no ano de 2020, devido a pandemia provocada pelo novo Corona Vírus (COVID-19), a escola adotou um regime de aulas remotas, fazendo uso da competência 05 da BNCC, que se refere a utilização das tecnologias digitais na Educação, usando ferramentas como *Whatsaap* e a plataforma *Google Classrom*. Foi também adotado o caderno de atividade preparado pelos professores de acordo com o proposto pelo Currículo de Pernambuco, para cada etapa do Ensino, buscando dá assistência aos alunos, que não tem acesso à internet. Portanto, o PPP da Escola de Referência em Ensino Fundamental II Dom Malan, mostra como a Educação Integral deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural, e como ele se constitui enquanto projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais.

4.3 RECONSTRUINDO O PROCESSO DE EXECUÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: A PRODUÇÃO DOS TCEFS E A LÍNGUA PORTUGUESA

A construção de qualquer trabalho acadêmico requer um intenso esforço em pesquisa, seja pesquisa direcionada a ação, seja pesquisa em material bibliográfica. Não se constrói um trabalho sem bibliografia, assim a disciplina de TCEF na EREF Dom Malan seguiu algumas bases e sendo pioneira, pode vir a ser base de outras.

4.3.1 A disciplina o Trabalho de Conclusão de Curso (TCEF) no Ensino Fundamental II da Escola Referência Dom Malan

No quadro Curricular da Escola Integral, é apresentada algumas disciplinas que não fazem parte do currículo do ensino regular, são elas: Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil, Práticas Experimentais, Estudo, Iniciação científica e TCEF. Nesse contexto, a pesquisa se deteve a analisar, especialmente, a disciplina TCEF, levando em consideração que a apresentação do TCEF acontece somente no 9º ano, como pré-requisito de conclusão do ensino fundamental II. Mas os estudos do TCEF são iniciados no 8º ano com a disciplina de Iniciação Científica. É preciso ressaltar que, geralmente, é o professor de ciências que leciona essa disciplina no 8º ano. Como a escola integral teve início em 2017, com as três turmas de 6ºanos, a primeira apresentação dos TCEF's aconteceu em 2020. Infelizmente, por conta da Pandemia do COVID -19, as apresentações aconteceram de forma remota, por uma série de problemas que o ensino remoto condicionou, apenas 50% dos estudantes conseguiram realizar as pesquisas.

Em 2021, aconteceu a segunda apresentação dos TCEFS, no universo total de 60 alunos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, participaram 78,3 % desse total, eles se dividiram em 12 grupos distintos. Apenas um estudante realizou a pesquisa sozinho, os outros títulos foram divididos entre duplas e trios de estudantes. A faixa etária dos discentes varia entre 14 a 16 anos, houve a participação da direção, coordenação e demais professores da escola.

Nesse ano, a produção das pesquisas aconteceu em dois formatos: remoto e presencial. Seguindo a seguinte divisão: no primeiro semestre do ano letivo, as aulas da disciplina TCEF aconteceram uma vez por semana pelo aplicativo *Meet*, seguindo o horário solicitado pela escola. Nesse primeiro momento, eram dadas as orientações teóricas para a produção da pesquisa, como: conceitos de cada parte da produção de um trabalho acadêmico, apresentação das regras da ABNT, a escolha de temas, através de debates acerca dos mais diversos assuntos, divisão dos grupos, leitura de textos e exibição de vídeos sobre o assunto de interesse de cada grupo.

Destaca-se que o *Google Meet* é uma das TIC's da educação ofertada pelo serviço de comunicação *Google*. É um aplicativo de videoconferência que permite reuniões com até 100 pessoas em sua versão simples e gratuita, mas a partir do *Gsuite* pode ter inúmeros outras possibilidades também gratuitas, no caso, a serviço da educação, desde que a escola solicite.

Esse aplicativo é de grande relevância, pois ele permite o compartilhamento de tela e assim a apresentação de slides, planilhas e documentos.

No segundo semestre, as aulas aconteceram nos formatos remoto e presencial. Uma vez que a aula semanal continuou pelo aplicativo *Meet*, de modo que os estudantes criaram grupos de *WhatsApp* para manter a comunicação e se organizarem. Mas, os estudantes junto com os professores orientadores e que auxiliaram na elaboração dos TCEF's, realizaram reuniões na escola para estudo dos temas e elaboração das pesquisas. A apresentação também foi em formato presencial, no mês de novembro nos dias 23 e 24. A porcentagem foi positiva, pois eram duas salas de 9º ano A, sala A e a sala B, 60 alunos no total e, desses, 47 estudantes apresentaram os TCEF's em 2021.

As pesquisas foram tanto de campo quanto bibliográfica. Cada tema foi contextualizado na história até fazer uma ponte com o presente. As entrevistas sobre os temas aconteceram através de enquetes no status do *WhatsApp* e em páginas pessoais no *Instagram* de cada discente. As enquetes proporcionaram uma excelente atividade de análise de dados, utilizando conhecimentos da matemática. Alguns grupos realizaram entrevistas tanto pelo aplicativo *Google Meet* quanto em caráter presencial com direito a visita a algumas instituições as quais foram escolhidas pelos grupos de acordo com cada temática. A produção dos Trabalhos de Conclusão do Ensino Fundamental (TCEFS) aconteceram desde o primeiro dia de aula da disciplina do ano de 2021, sendo que as orientações começaram em março. A disciplina tem uma carga horária de 40hs anual, as aulas eram na quarta-feira, o planejamento das aulas foi elaborado da seguinte maneira:

QUADRO 01: Cronograma da disciplina TCEF

Nº	MÊS/2020	ATIVIDADES DA DISCIPLINA TCEF
01	Março	Apresentação do conceito e características da pesquisa científica, análise dos TCEF's apresentados em 2020
02	Abril	Debates de possíveis temas para a produção das pesquisas em 2020, escolhas dos temas e divisão dos grupos
03	Maio	Redefinição e aprofundamento dos temas para produção dos textos, Leitura e análise de artigos científicos sobre os temas escolhidos pelos grupos
04	Junho	Fichamentos e resumos dos textos pesquisados sobre os temas das pesquisas. Debates das informações obtidas nos textos. Atividade realizada em grupo
05	Julho	Escolha do título, definição dos objetivos, escrita da justificativa e construção do sumário
06	Agosto	Escrita e reescrita do 1º Capítulo
07	Setembro	Escrita e reescrita do 2º Capítulo
08	Outubro	Construção das enquetes –Execução das entrevistas
09	Novembro	Escrita e reescrita do 3º Capítulo

10	Dezembro	Correção do texto escrito, organização dos slides e apresentação dos TCEFS
----	----------	--

FONTE: autoria própria.

Mesmo diante de todas as dificuldades encontradas na execução da pesquisa, os resultados foram considerados de certa forma positivos, pois, foi possível observar como os alunos se envolveram com a disciplina desde a escolha do tema, divisão dos grupos, pesquisa e estudo do tema, escrita do trabalho e apresentação. O TCEF é uma disciplina interdisciplinar que contribui para o crescimento não só intelectual do aluno, mas também cultural, social e político, uma vez que os temas podem abordar qualquer problemática e atravessar todas as disciplinas.

Quanto aos procedimentos metodológicos, as pesquisas dos alunos podem ser tanto de campo quanto bibliográfica, pois consistem num processo que envolve as práticas de linguagem: leitura, escrita, oralidade, análise linguística e a produção textual. É importante ainda, o envolvimento dos professores de língua portuguesa nesse processo, de maneira a articular ensino da língua portuguesa e a iniciação científica. O quadro abaixo mostra a diversidade de temas dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos:

QUADRO 02: Temas e título das pesquisas discentes dos TCEF

Nº	TEMAS DOS TCEFS	TÍTULOS DOS TCEFS
01	Feminismo no Brasil	A Trajetória do Feminismo no Brasil
02	Violência contra a mulher	A luta pela liberdade da mulher
03	Relacionamento abusivo	Relacionamentos abusivos: causas e consequências
04	Trabalho infantil	Um Raio-x do Trabalho Infantil em Salgueiro/PE
05	Moradores de rua	A situação dos Moradores de rua em Salgueiro/PE
06	Racismo na polícia	Vidas Negras Importam! Pra Quem?
07	Briga de galo	Briga de galo: Legalizar ou não?
08	Doação de órgãos	A polêmica da Doação de órgãos no Brasil
09	Gordofobia	Minha Melhor Versão é GG!
10	Ansiedade masculina na Pandemia	O Lado B também sofre!
11	A história de Lampião	A Figura do Cangaceiro Lampião no Sertão Pernambucano
12	A vida dos caminhoneiros	Caminhoneiros: O lado escuro das rodovias

FONTE: autoria própria.

A seleção dos temas aconteceu por diversos fatores, entre eles: identificação pessoal, vivências na família acerca das problemáticas abordadas, experiências pessoais, curiosidade sobre determinados assuntos.

O tema sobre “O feminismo” foi discutido por um grupo de estudantes que durante todo o ano letivo, fizeram parte de debates relacionados ao papel da mulher na sociedade. Elas se auto denominavam feministas, e a orientadora foi uma professora de história, que enfrenta

debates relacionados a questões de igualdade de gêneros. Esse TCEF apresentou uma série de entrevistas com algumas mulheres que exercem profissões distintas, como por exemplo: uma servidora pública (Área do direito) uma policial penal (área da segurança pública) Médica (Área da saúde), uma advogada (Atua na área de crimes contra a mulher) e uma jornalista (Área da comunicação) esse grupo de mulheres se autodenominam feministas.

O segundo grupo, com o tema “Violência contra a mulher”, partiu de uma vivência pessoal de uma das participantes. Logo após relatos em aula, outros estudantes despertaram o interesse para debater essa problemática tão presente no cotidiano de inúmeros lares brasileiros. A professora orientadora é da área de ciências. Esse TCEF realizou uma entrevista com a coordenadora do Programa de proteção à mulher do município. A conversa foi através do *Google Meet*, esse encontro via *internet* possibilitou que membros das famílias dos estudantes acompanhassem a entrevista que foi muito proveitosa.

O terceiro tema “Relacionamentos abusivos: causas e consequências”, foi uma equipe composta somente por meninas que, segundo as mesmas, já tinham sido vítimas de relacionamentos abusivos, que já tinham presenciado casos em suas famílias ou com pessoas próximas. Em 2021, também, esse tema estava sendo muito abordado pelas mídias sociais, pois tiveram muitos casos envolvendo pessoas famosas e tomaram repercussão. Por considerar que o tema sobre relacionamento abusivo é um tema que está atrelado as causas da violência contra a mulher, esse grupo participou da entrevista realizada com a convidada do grupo sobre violência contra a mulher.

O quarto tema “Trabalho infantil” foi escolhido por que os estudantes presenciavam nas ruas da cidade de Salgueiro (PE), crianças que trabalhavam na feira livre, nos postos de gasolina e em vários outros lugares públicos e privados. A orientadora foi uma professora de geografia, considerando que a mesma já trabalhou na secretaria de desenvolvimento social do município e, por isso, detinha de muito conhecimento acerca dessa problemática. A equipe dos estudantes junto com a orientadora e a professora da disciplina, fizeram uma visita ao prédio onde funciona o Conselho Tutelar, realizaram uma entrevista com a coordenadora dessa instituição.

O quinto tema “Moradores de rua” foi escolhido a partir de uma situação específica: a escola em questão é situada no prédio que fica vizinho a prefeitura da cidade, e por cerca de dois meses, uma família ficou acampada em frente à prefeitura. Porém, mesmo com as aulas sendo remotas, os estudantes iam até a escola, quinzenalmente, para receber a merenda escolar. Logo, um grupo de alunos percebeu a existência dessas pessoas em situação de rua, optaram por pesquisar sobre essa família e abordar a questão dessa problemática que percorre

todo o país. A orientadora foi uma professora de geografia a mesma que orientou o grupo sobre o trabalho infantil. Os alunos visitaram a secretaria de Desenvolvimento Social, realizaram entrevistas com a equipe que compõe essa secretaria, são eles: assistente social, psicóloga e psicopedagoga.

O sexto tema “Racismo na polícia” partiu da notícia da morte do afro-americano George Floyd, que foi assassinado em 25 de maio de 2020, depois que Derek Chauvin, então policial de Minneapolis, ajoelhou-se no pescoço dele durante oito minutos e quarenta e seis segundos, enquanto estava deitado de bruços na estrada. Os estudantes levaram uma reportagem sobre esse caso para debater em sala de aula (remota). A partir dessa explanação resolveram realizar uma pesquisa sobre a temática. As entrevistas aconteceram via *Google Meet* com três polícias, foram eles: um sargento da PM aposentado, um policial civil em exercício e uma policial em exercício. O orientador é um professor de Educação Física.

O TCEF que discutiu o tema “Briga de Galo” estava composto por dois estudantes. A escrita dessa pesquisa aconteceu de forma peculiar, pois eles tinham pouco acesso à *internet*, apresentavam dificuldades em atividades relacionadas à compreensão e interpretação textual, escrita e apresentação oral. Para facilitar a produção da pesquisa, tiveram como ponto de partida, uma experiência pessoal de um componente do grupo. Esse tinha um “galo de briga” que utilizava em práticas das “Rinhas” para ajudar na renda da família, o outro aluno participava dessas atividades, apenas, como expectador. Diante das limitações, principalmente, intelectuais, o processo da escrita desse trabalho, passou por várias fases.

A produção escrita aconteceu a partir das reproduções das falas dos estudantes sobre o conhecimento de mundo que eles tinham sobre esse tema. Em seguida, foram enviados textos escritos e vídeos que abordavam esse assunto. Mesmo com dificuldades, eles foram lendo e escrevendo, na apresentação oral, debateram com propriedade, e ainda conduziram uma discussão polêmica levantada entre a professora de história que defendia a prática das “Rinhas” como sendo uma manifestação cultural importante, enquanto o professor de biologia se posicionava contra essa prática, defendendo que os animais sofrem violência no ato desse exercício. O professor é de ciências.

O grupo que abordou o tema “Doação de órgãos” apresentava um interesse em comum. Entre os membros do grupo, elas demonstravam desejo em fazer faculdade na área da saúde. O orientador foi o professor de ciências.

O nono tema “Gordofobia” partiu de uma experiência pessoal, uma das componentes estava acima do peso e, por diversas vezes, tinha sido vítima de *bullying* na escola e em outros lugares. O orientador é professor de ciências, também estava acima do peso. O TCEF foi

desenvolvido com pesquisa de campo, foi entrevistada a proprietária de uma loja especializada com modelos *Plus size*, e algumas das modelos dessa loja responderam perguntas sobre o tema. Para isso, foi realizado um formulário *online* através da ferramenta *Google* formulário, o qual algumas pessoas tinham sofrido algum tipo de discriminação em relação ao sobrepeso.

O tema “Ansiedade masculina na Pandemia” foi uma temática muito relevante para discussão. Esse TCEF foi composto por apenas um componente. A motivação do tema partiu de uma situação vivida pelo escritor dessa pesquisa, ele passou por um problema de ansiedade na pandemia. Segundo relatos da mãe, ele passou um ano sem sair de casa e só teve motivação de sair do quarto no dia da apresentação do TCEF.

O 11º tema abordou a história de Lampião, os estudantes tinham uma admiração pela trajetória de Lampião, eles afirmavam que gostariam de recontar a história de Lampião de forma mais criativa. De fato, eles conseguiram trazer de forma bem interessante esse enredo. O orientador foi um professor de ciências, a pesquisa foi de cunho bibliográfico.

O 12º tema “A vida dos caminhoneiros” foi uma pesquisa muito interessante. Os estudantes realizaram entrevistas com os pais dos alunos da própria escola que eram caminhoneiros, os entrevistados se sentiram muito valorizados. Na semana da apresentação, aconteceu um grave acidente com dois caminhoneiros bem conhecidos na cidade e os alunos fizeram uma homenagem para as vítimas e familiares dos meninos.

4.3.2 A Relação entre a Disciplina e Ensino de Língua Portuguesa

O ensino de Língua de Portuguesa sofreu modificações ao longo dos anos. Houve uma época em que a língua era ensinada apenas como exercícios de transcrição de letras e repetição de palavras, através de ditados totalmente descontextualizados. Atualmente, depois das políticas públicas voltadas para a melhoria da educação, alguns documentos nortearam esse novo ensino. Em 1997, o governo federal lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e em 2017 é apresentado em todo o país a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo que esses documentos serviram de base para direcionar o ensino da língua de forma mais contextualizada. O trabalho com os TCEFS é importante para desenvolver uma série de competências e habilidades da Língua Portuguesa. Nessa pesquisa, cito algumas dessas que foram pertinentes para a produção de uma pesquisa numa escola de educação básica.

O quadro 03, mais a frente, mostra as atividades realizadas para a produção das pesquisas e as habilidades e competências de Língua Portuguesa correspondentes para cada

uma. A escrita da pesquisa passa por etapas que vão desde as aulas teóricas sobre iniciação científica, a oficinas de produção textual que seguem todos os passos iniciais do texto científico. Identifica-se que alguns conteúdos curriculares são usados com maior frequência, como é o caso da “Construção composicional dos gêneros de divulgação científica”. Esse está correlacionado com a habilidade (EF69LP29PE) que reflete sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica, apresenta os gêneros pertencentes ao mundo impresso e digital que servem como base para a construção da pesquisa.

Os conteúdos curriculares relacionados à estrutura, características e produção do texto argumentativo são bastante contemplados na produção dos TCEFS, como por exemplo: o Gênero textual artigo de opinião, características composicionais, tipos de argumentos, estrutura do texto argumentativo, defesa de ponto de vista, estratégias argumentativas, Levantamento de dados, informações e seleção de argumentos; Contexto de produção e circulação do texto, relação entre teses, argumentos e posicionamentos; posicionamento crítico e fundamentado e Coesão sequencial.

Além disso, o gênero entrevista é muito utilizado na produção das pesquisas. Os conteúdos “Condição de produção de uma entrevista oral e recorte temático” apresentam orientações para o estudante conseguir realizar uma entrevista satisfatória com seu entrevistado. Em relação a formatação do texto científico, alguns conteúdos curriculares versam por tratar das regras desse tipo específico de texto, entre eles, estão: Formas de citação: literal e paráfrase, regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, organização de referência bibliográfica e ressaltando, também, a importância do uso correto das estruturas sintáticas da língua portuguesa.

É necessário ressaltar as habilidades e competências relacionadas à apresentação oral de textos. Uma vez que os conteúdos permeiam do momento da produção do *slide* de apresentação à postura do estudante, no momento da exposição da pesquisa. Tendo em vista, até mesmo os recursos paralinguísticos e cinésicos usados na produção dos gêneros orais. E, por último, a divulgação das pesquisas é um momento muito importante tanto para estudante quanto para todos os envolvidos na pesquisa. O conteúdo “Divulgação de pesquisa” traz como habilidade e competência a função de divulgar, após revisão e edição, o resultado de pesquisas, por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc. Portanto, é imprescindível reconhecer a importância da produção dos TCEFS com o ensino de Língua Portuguesa:

QUADRO 03: Conteúdos de Língua Portuguesa para o 9^a ano

N	ATIVIDADE	CONTEÚDO CURRICULAR LP	HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DA LP
1	Apresentação do conceito e características da pesquisa científica;	Condições de produção e recepção dos gêneros de divulgação científica; Construção composicional dos gêneros de divulgação científica	(EF69LP29PE) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica (texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia impresso e digital, esquema, infográfico estático e animado, relatório, relato multimidiático de campo, podcasts, vídeos de divulgação científica etc.) e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.
2	Análise dos TCEFs apresentados em 2021.	Construção composicional e estilo de gêneros de divulgação científica Construção composicional e estilo de gêneros de divulgação científica. Formas de citação: literal e paráfrase Regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases Organização de referência bibliográfica Planejamento e condição de produção e circulação de textos de divulgação científica	(EF69LP42PE) Analisar e avaliar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou links; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc., como forma de contribuir para a construção efetiva de sentido. (EF69LP42APE) Compreender traços da linguagem dos textos de

		<p>divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns podcasts e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.</p> <p>(EF69LP43PE) Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados (“Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, penso/amos que”...) e os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.</p> <p>(EF69LP35PE) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo ou de dados/informações extraídos de entrevistas e enquetes, tendo em vista seus contextos de produção (objetivo comunicativo, leitores/espectadores, gênero, veículos e mídia de circulação</p>
--	--	---

			etc.), que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.
3	Debates de possíveis temas para a produção das pesquisas em 2021.	Defesa de ponto de vista; Estratégias argumentativas. Gênero textual: Debate regrado; Formas e estratégias de participação.	(EF69LP15PE) Apresentar, através de textos argumentativos (debate, resenha crítica, podcasts de opinião, comentários, vlogs etc.), argumentos e contra-argumentos coerentes, respaldando-se, inclusive, em conhecimentos do campo da vida pública e de práticas de estudo e pesquisa e assumindo uma postura respeitosa em relação aos turnos de fala, aos posicionamentos diferentes, aos interlocutores, aos diretos humanos, quando na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos, relativos a problemas próximos à realidade do estudante e/ou de relevância social. Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados (EF89LP12PE) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e, em grupo, a participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido, tendo em vista as condições de produção (interlocutores pretendidos, os objetivos comunicativos e características composicionais do gênero).
4	Escolhas dos temas e divisão	Gênero textual: artigo de opinião	(EF89LP10PE) Planejar artigos de opinião, a partir da escolha do

	dos grupos.	Levantamento de dados, informações e seleção de argumentos; Estratégias argumentativas; Contexto de produção e circulação do texto.	tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, dos argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores pretendidos, veículos e mídia de circulação etc
5	Redefinição e aprofundamento dos temas para produção dos textos.	Seleção de informações Defesa de ponto de vista Tomada de nota Produção de síntese final	(EF69LP14PE) Formular perguntas e avaliar tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas (inclusive no campo da vida pública e de práticas de estudo e pesquisa) informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma. (EF89LP28PE) Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimídias, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.
6	Leitura e análise de artigos	Texto de opinião; Curadoria	(EF89LP03PE) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, de

	científicos e outros textos de gêneros diversos sobre os temas escolhidos pelos grupos.	informações/fatos; Sentido global do texto; Posicionamento crítico e fundamentado	editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.), mobilizando informações e conhecimentos sobre o assunto/fato que é objeto de crítica, de modo a posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos. (EF89LP30PE) Compreender a estrutura de hipertexto e hiperlinks em textos de divulgação científica que circulam na Web, reconhecendo a função dessas estruturas e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de links, avaliando a veracidade dessas fontes científicas
7	Fichamentos e resumos dos textos pesquisados sobre os temas das pesquisas.	Finalidade da leitura: Seleção de informações e Produção de textos de apoio à compreensão; Retextualização.	(EF69LP34PE) Selecionar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura e produzir marginálias ou notas em outro suporte, sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido com ou sem comentário/análise, mapa conceitual etc., como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento crítico, se for o caso, frente aos textos.
8	Debates das informações obtidas nos textos. (Atividade realizada em grupo).	Textos argumentativos Relação entre teses, argumentos e posicionamentos; Posicionamento crítico e fundamentado.	(EF89LP04PE) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos distintos (explícitos e implícitos), argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos (tais como carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.
9	Escolha do título	Recursos persuasivos em	(EF89LP06PE) Analisar o uso de

	e organização do sumário	textos argumentativos; Construção composicional e estilo de gêneros de divulgação científica	recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido. (EF69LP42PE) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou links; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc., como forma de contribuir para a construção efetiva de sentido.
10	Escrita da problemática	Coesão sequencial	(EF08LP11PE) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.
11	Definição e escrita dos objetivos;	Tipos de argumentos	(EF69LP23PE) Planejar, produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em

			conta seu contexto de produção local, as características dos gêneros em questão e os aspectos multissemióticos presentes para a construção de sentidos e a pesquisa de campo.
12	Escrita da justificativa.	Tipos de argumentos	(EF69LP23PE) Planejar, produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção local, as características dos gêneros em questão e os aspectos multissemióticos presentes para a construção de sentidos e a pesquisa de campo.
13	Escrita e reescrita do 1º Capítulo.	Gênero textual: artigo de opinião Características composicionais; Tipos de argumentos. Gênero textual: debate regrado Operadores argumentativos; Estrutura do texto argumentativo.	(EF09LP03PE) Produzir, revisar/editar e reescrever artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse gênero textual, utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc. (EF89LP15PE) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc., além de expressões/marcadores que assinalem introdução, acréscimo, conclusão, contraposição, explicação
14	Escrita e reescrita do 1º Capítulo.	Gênero textual: artigo de opinião Características composicionais; Tipos de argumentos.	(EF09LP03PE) Produzir, revisar/editar e reescrever artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de

		<p>Gênero textual: debate regrado</p> <p>Operadores argumentativos; Estrutura do texto argumentativo.</p>	<p>tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse gênero textual, utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc.</p> <p>(EF89LP15PE) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc., além de expressões/marcadores que assinalem introdução, acréscimo, conclusão, contraposição, explicação.</p>
15	Escrita e reescrita do 2º Capítulo.	<p>Gênero textual: artigo de opinião</p> <p>Características composicionais</p> <p>Tipos de argumentos</p> <p>Operadores argumentativos</p> <p>Gênero textual: debate regrado</p> <p>Operadores argumentativos</p> <p>Estrutura do texto argumentativo</p>	<p>(EF09LP03PE) Produzir, revisar/editar e reescrever artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse gênero textual, utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc.</p> <p>(EF89LP15PE) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc., além de expressões/marcadores que assinalem introdução, acréscimo, conclusão, contraposição, explicação.</p>
16	Escrita e reescrita do 3º Capítulo	<p>Gênero textual: artigo de opinião</p> <p>Características composicionais</p> <p>Tipos de argumentos;</p> <p>Gênero textual: debate regrado</p>	<p>(EF09LP03PE) Produzir, revisar/editar e reescrever artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse gênero textual, utilizando</p>

		Operadores argumentativos Estrutura do texto argumentativo	diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc. (EF89LP15PE) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc., além de expressões/marcadores que assinalem introdução, acréscimo, conclusão, contraposição, explicação.
17	Construção e execução das enquetes e das entrevistas;	Condição de produção de uma entrevista oral Recorte temático Gêneros textuais, condição de produção e circulação, características composicionais e variedade linguísticas dos diferentes gêneros jornalísticos/midiáticos. Pesquisa de opinião; Seleção de informações para fundamentação de textos propositivos.	(EF69LP39PE) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado e levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista (com o objetivo de usá-la como instrumento para coletar dados no interior de uma pesquisa), elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer novas perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos. (EF89LP13PE) Planejar, realizar e editar, em áudio ou vídeo, entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, publicizando a

			<p>entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática.</p> <p>(EF89LP21PE) Realizar enquetes e pesquisas de opinião, de forma a levantar prioridades, problemas a resolver ou propostas que possam contribuir para melhoria da escola ou da comunidade local, evidenciar demanda/necessidade, documentando-a de diferentes maneiras por meio de diferentes procedimentos, gêneros e mídias e, quando for o caso, selecionar informações e dados relevantes de fontes pertinentes (sites, impressos, vídeos etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, que possam servir de contextualização e fundamentação de propostas, de forma a justificar a proposição de propostas, projetos culturais e ações de intervenção, favorecendo a construção do protagonismo juvenil.</p>
18.	<p>Produção do texto da Consideração final</p>	<p>Condições de produção e circulação de textos normativos e legais</p> <p>Elementos estruturais/composicionais dos gêneros normativo e legal</p> <p>Discussões orais de temas controversos</p>	<p>(EF89LP20PE) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes, reconhecendo coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder compreender e posicionar-se criticamente sobre os dados e as informações usados e analisar a coerência entre os elementos, possibilitando tomar decisões fundamentadas.</p>

			(EF69LP13PE) Engajar-se e contribuir com a busca de soluções relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social, preferencialmente questões/problemas próximos à realidade do estudante, mobilizando ainda conhecimentos do campo da vida pública e de práticas de estudo e pesquisa.
19	Produção do texto da Consideração final	Gêneros textuais, condição de produção e circulação, características composicionais e função sociocomunicativa de textos de divulgação científica	(EF69LP33APE) Retextualizar do discursivo para o esquemático (infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc.) e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em textos orais e escritos, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos, como também analisa as características. (EF69LP36PE) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, reportagem científica, verbete de enciclopédia impressa e digital, infográfico, infográfico animado, podcast ou vlog científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando seus contextos de produção (objetivo comunicativo, leitores/espectadores, gênero, veículos e mídia de circulação etc.) e suas características composicionais e estilísticas regulares características das multissêmioses e dos gêneros em questão.
20.	Organização das referências bibliográficas	Curadoria de informação	(EF89LP24PE) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões de forma crítica e

			ética, usando e referenciando fontes abertas e confiáveis.
21.	Apresentação dos TCFS.	Recursos paralinguísticos e cinésicos Divulgação de pesquisa	(EF69LP19PE) Avaliar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. (EF89LP25PE) Divulgar, após revisão e edição, o resultado de pesquisas, por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, vlogs científicos, vídeos de diferentes tipos etc.

FONTE: (PERNAMBUCO, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se deteve a analisar uma experiência de iniciação científica de alunos do Ensino Fundamental II. Partindo do pressuposto de que a iniciação científica, em virtude de sua característica de introdução no fazer científico, pode, ao ser desenvolvida na educação básica, transpor e adaptar a ela algumas práticas de linguagem do domínio acadêmico. Alunos do ensino fundamental II da educação básica, podem vivenciar em certas situações e práticas de iniciação científica, embora não estejam no ambiente mais convencional, onde elas geralmente ocorrem.

Escolhi como campo de pesquisa o meu ambiente de atuação profissional, haja vista a necessidade de criar situações para discutir a importância da implantação do contato com a pesquisa, escrita e apresentação de trabalhos de cunho acadêmico, desde a educação básica. O lugar que a ciência ocupa no imaginário da sociedade, geralmente, não é algo que seja presente nos anos finais do ensino fundamental II. Por isso, a definição do meu objeto de estudo foi um desafio, uma vez que iria tratar de pesquisa com um grupo de estudantes que não está muito acostumado em tratar essa temática.

As escolhas teórico-metodológicas foram condicionadas por autores que defendem o ensino com práticas de pesquisa. Em relação a metodologia aplicada, procurei, enquanto professora da disciplina de TCEF, observar todo o desenvolvimento interno e externo dessa escrita e apresentação das pesquisas, obtendo dados de fontes diversas (análise de documentos oficiais, observação participante, escrita de um diário de bordo e pesquisas produzidos pelos alunos).

O meu encontro com o tema dessa pesquisa, deu-se a partir de reflexões acerca da educação pela pesquisa, ao destacar seus atores, o processo de (re)construção do conhecimento científico e aspectos formativos que a permeiam, seja ela compreendida como princípio educativo, seja como princípio científico. Embora muitos dos postulados voltados para a iniciação científica refiram-se à educação superior, ambiente tradicional da prática de pesquisa, compreendo que eles também podem aplicar-se, guardadas as devidas proporções, ao contexto da educação básica.

E nesse caminho, primeiramente, me questioneei acerca da necessidade que a escola deve ter no que diz respeito a organização de um material adequado para orientar a prática da pesquisa na educação básica. A disciplina de Iniciação científica faz parte curricular da escola integral e, com a reforma do novo ensino médio, também faz parte da grade curricular dessa modalidade de ensino. Logo, é possível reconhecer, a partir desse percurso, que práticas de pesquisa já devem fazer parte permanente do currículo escolar, mas nem sempre as

instituições de ensino disponibilizam material específico para auxiliar a comunidade escolar no desenvolvimento de atividades relacionadas à pesquisa.

Em um segundo momento, analisei as motivações dos alunos e professores no que diz respeito a realizarem atividades relacionadas à pesquisa, observei que os discentes se deparavam com inúmeros obstáculos em todas as fases da construção da pesquisa, desde a escolha do tema à apresentação dos resultados. As dificuldades percorrem todo o caminho da escrita, pois eles sentem dúvidas em escolher o tema, delimitar o tema, criar um título, especificar o que querem com a pesquisa, delimitar os objetivos, retirar os textos de apoio, as informações que de fato ficaram no texto final, fazer citações diretas e indiretas, expressar através da escrita sua opinião acerca da informação redigida no texto, formular as perguntas das entrevistas, escolher os entrevistados, criar propostas de solução para a problemática abordada no decorrer da pesquisa e por último a formatação do texto. Contudo, é imprescindível ressaltar que os estudantes demonstram oralmente habilidade e competência para discussão acerca dos temas pesquisados, em algumas apresentações, o conhecimento de mundo possibilitou a ampliação da discussão acerca da temática abordada no TCEF.

Entretanto, os alunos vivenciaram uma série de eventos que se traduzem em práticas de iniciação científica. Na condição de participantes que assumem um lugar institucional de pesquisadores iniciantes, eles interagem com orientadores e, num contexto mais amplo de sua comunidade de prática, com outros parceiros, lendo, escutando e produzindo textos pertencentes a gêneros do domínio acadêmico, seja para cumprir uma função institucional no dia a dia da pesquisa, seja para a publicação dos resultados: ler textos acadêmicos para elaborar fichamentos, resumos e sínteses de referencial teórico, tomar notas de campo e laboratório para construir metodologia da pesquisa, elaborar artigos científicos, resumos, pôsteres, relatórios entre outros gêneros.

Associados entre si, esses gêneros formam conjuntos e, mais articuladamente, sistemas de gêneros que definem etapas típicas do processo de (re)construção do conhecimento científico: construção de referencial teórico, geração de dados, análise dos dados, conclusão da pesquisa e publicitação dos resultados. Evidentemente, esse processo está permeado pelas idiosincrasias de cada comunidade: os gêneros mais tipicamente utilizados numa ou noutra nas suas práticas de leitura/escuta e produção textual, os métodos de construção do conhecimento, os objetos de investigação, suas convenções e regras de funcionamento.

Nesse contexto, ressalto que a prática de pesquisa contempla várias habilidades e competências do currículo de Língua Portuguesa. Os estudantes, quando realizam a pesquisa, desenvolvem mais o hábito da leitura, conseguem produzir mais textos tanto orais e escritos,

aprendem a correlacionar conteúdos de outras áreas do conhecimento em suas pesquisas. Por exemplo, ao fazer uma enquete e analisar os dados, estão desenvolvendo habilidades da disciplina de matemática; quando contextualizam um tema, utilizam conhecimentos de História; ao trazer dados de pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), utilizam informações da área de geografia; quando apresentam discussões relacionadas a área da saúde, são utilizados conhecimentos da ciência e de educação física. Nos TCEFS analisados em 2021, não foram utilizados conhecimentos da disciplina de Artes e Inglês, mas é possível utilizar conhecimentos de todas as disciplinas. Por isso, acredito que atividades como a produção dos TCEFS sejam contribuidoras para recontextualizar o ensino da língua portuguesa.

No que diz respeito aos professores, compreendi que há dificuldades em reconhecer o seu papel enquanto orientador e avaliador. Alguns docentes tiveram desafios quanto a exercer essas funções de orientadores e avaliadores, uma vez que essas ações requerem dos docentes um entendimento mais amplo acerca de procedimentos metodológicos que envolvem fazer pesquisa científica. Acredito que essas dificuldades apresentadas pelos docentes sejam frutos de questões analisadas no terceiro capítulo dessa dissertação, que vão desde a formação desses profissionais na graduação até a forma como pensam a prática de pesquisa no seu cotidiano escolar. As pesquisas foram desenvolvidas de forma interdisciplinar, questão essa que muitas vezes não era compreendida pelo professor. É necessário ressaltar também que as pesquisas foram realizadas de forma remota, fator esse que pode ter contribuído para acentuar as dificuldades na relação entre orientando e orientador e, com isso, dificultar o percurso da escrita dos estudantes.

É necessário propor discussões sobre o lugar da pesquisa nas escolas, nas reuniões pedagógicas e nas formações de professores. É preciso abrir espaço nas aulas para discutir a importância da pesquisa científica para a humanidade, como as descobertas científicas modificaram a vida do ser humano, como essas descobertas ajudaram na evolução da espécie humana. É preciso falar mais sobre o fazer pesquisa, como fazer pesquisa, quem faz pesquisa, quem pode fazer pesquisa, onde é possível fazer pesquisa, desmistificar esse estereótipo que fazer pesquisa não pode fazer parte da educação básica, e que pesquisa é uma realidade apenas da universidade.

Nessa perspectiva, desenvolvi dois cadernos pedagógicos que foram estruturados para orientar professores e alunos na prática da pesquisa em sala de aula. O caderno voltado para os professores é estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo, discuto as dificuldades de fazer pesquisa na escola e as deficiências na formação para a pesquisa escolar; no segundo

capítulo, trago orientações sobre a pesquisa escolar sob a perspectiva da autora Carol Kuhlthau, reflito acerca das fontes de informação na Educação básica, estruturação dos trabalhos de pesquisa, características, motivação e interesse dos estudantes envolvidos no processo de pesquisa e, por último, contextualizo a perspectiva da educação integral, destacando o papel do protagonismo juvenil junto ao lugar do pesquisador na Educação integral.

No caderno voltado para os alunos, organizo da seguinte forma: no primeiro capítulo, discuto o conceito e características acerca da iniciação científica, apresento a estrutura do projeto de pesquisa e o passo a passo para fazer um projeto de pesquisa. Ressalvo que um dos objetivos centrais desses cadernos seja oferecer aos docentes e discentes um material que propõe um direcionamento para que sejam desenvolvidas atividades de iniciação científica na educação básica, levando em consideração que uma das problemáticas abordadas por essa pesquisa seja exatamente a falta de um material específico para o desenvolvimento de atividades relacionadas a pesquisa. Assim, considero que esses cadernos possibilitam um suporte para toda a comunidade escolar envolvida em atividades de iniciação científica.

Faz-se necessário refletir, do ponto de vista de políticas educacionais, práticas pedagógicas, formação e condições de trabalho docente, sobre os motivos do decréscimo na submissão de projetos de iniciação científica nos anos pesquisados, assim como sobre as causas e as consequências da grande quantidade de projetos não concluídos e cancelados (cerca de um terço daqueles a que tivemos acesso quando da constituição dos dados), já que analisamos somente as práticas que, de modo geral, correspondem às expectativas institucionais. Nesse contexto, a disciplina TCEF traz para a educação integral a possibilidade de pensar sobre essas questões.

O TCEF é uma excelente atividade da prática da pesquisa. Através dessa disciplina, os estudantes têm a possibilidade de conseguirem desenvolver habilidades e competências necessárias para se tornarem cidadãos atuantes na sociedade a qual estão inseridos. Nesse processo formativo de construção dos alunos como pesquisadores iniciantes pelas práticas letradas, eles adquirem tanto conhecimentos gerais, relativos à pesquisa como princípio educativo, quanto específicos, relativos à pesquisa como princípio científico. Eles desenvolvem concepções sobre o fazer científico e conhecimentos sobre usos da leitura/escuta e da produção de textos do domínio acadêmico, conforme epistemologias, convenções, tradições e valores legitimados em cada comunidade de prática, em que atuam como participantes primários.

Acredito também que seja interessante que os estudantes apresentem primeiro o resumo das pesquisas em uma feira de conhecimento na própria escola, para que eles possam ir se apropriando do tema, da apresentação oral das suas pesquisas. Em seguida, há possibilidades desses alunos apresentarem suas pesquisas em eventos municipais e estaduais. Esses TCEFS devem ter um retorno social, pois o texto, além de ficar na biblioteca com espaço reservado, incentivado pelos outros professores, para utilizarem em suas aulas, como fonte de pesquisa, devem retornar aos setores sociais. Essa atividade de pesquisa deve ser usado como um recurso pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa, levando em consideração que um usuário da língua deve ter habilidades e competências para utilizar sua língua como formas de comunicação e atuação social em todas as áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: O que é, como se faz**, São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- BEILLEROT, J. **La “recherche”, essai d’analyse**. Recherche et Formation, Paris, n. 9, 1991
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. Lei de nº 9394/1996, Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Terceiro e quarto ciclos. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1.º e 2.º graus e dá outras providências, 1971.
- CALAZANS, Julieta (Org.) **Iniciação científica: construindo pensamento crítico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
- COSTA, Antônio Calos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Demográfica**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo** (Biblioteca de educação. Série 1. Escola; volume 14). 12ª Ed. Editora Cortez, São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Coleção Educação contemporânea. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.
- ELLIOT, Jonh. **Action researt for educational change**. Filadélfia: Open University Press, 1991.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Fazer-se pesquisador\va na graduação em educação**, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**, 1986.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. Alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 1997.

HARGREAVES, Andy. **Professores em tempo de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna**. Alfragide: McGraw-Hill, 1998.

HISTED. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932)**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, ISSN: 1676-2584, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ed. Objetiva, 2007.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vidas de professores**. 2ª Ed. Porto: porto, 1999.

JOCA, Alexandre Martins; SANTOS, Elzani. Desafios iniciais do fazer-se pesquisador (a): (Des)encontros que fazem caminhos. In: **A Pesquisa na Graduação: reflexões, Experiências e Saberes do Do(Dis)centes**(recurso eletrônico). Cajazeiras: AINPGP,2020.

LEITE, Evandro Gonçalves. **Letramento acadêmicos na Iniciação Científica de alunos do ensino médio do campus Pau dos Ferros do Instituto Federal do Rio grande do Norte**. 2020. 736 f. Tese (Doutorado em programa de pós-graduação em letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2020.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1985.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Editora pedagógica e universitária, 1986.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. A. **O professor, seu saber e sua pesquisa**. Educação & sociedade, Campinas: Cedes, n. 74, 2001.

MASSI, LUCIANA; QUEIROZ Salete Linhares. Estudos sobre Iniciação Científica no Brasil: Uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p.173-197, jan./abr. 2010.

MATOS, Socorro Lopes; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed. rev. Atual- Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método III. O conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEVES, Rosa; LEITE, Siomara. Iniciação Científica: Vocação de genialidade ou prática cultural? In: CALAZANS, Julieta (org.) **Inicia o científica: construindo pensamento crítico**. São Paulo: Cortez, 2002.

PENIM, Sonia T. de Souza. **Cotidiano escolar e ensino: conhecimento e vivência**. Revista ANDE, 1990.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e forma o: perspectivas sociológicas**. Lisboa: D. Quixote, 1994.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educa o e Esportes, **Curriculo de Pernambuco: Ensino Fundamental**, Recife: A Secretaria, 2019.

SALGUEIRO, **Lei Municipal n  8.666/93** que instituiu o Programa de Educa o Integral do Município de Salgueiro, 20 de dezembro de 2017.

SALGUEIRO, **Decreto Municipal n  45/2018** transforma a Escola Dom Malan em Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, 13 de agosto de 2018.

SANTOS, Lucíola C. P. Dilemas e perspectivas na rela o entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, Marli. **O papel da pesquisa na Forma o de Professores**. São Paulo: Papirus, 2001.

SCH N, Donald. **The reflective practitioner**. Nova York: Basic Books, 1983.

SOARES, Magda. **Alfabetiza o e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. São Paulo: Pátio, 2003.

STENHOUSE, Lawrence. **Na introduction to curriculum research and development**. Londres: Heinemann, 1975.

UOL. Jornal UOL: Educa o. **Número de bolsas para pesquisas científicas cai 17,5% na gestão Bolsonaro**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/04/22/bolsas-de-pesquisa-educacao-cnpq-capes-governo-bolsonaro-dilma-temer.htm> Acesso em: 20 de out. de 2022.

UNESCO. Organiza o das Na es Unidas para Educa o, Ciência e Cultura. **Conven o sobre a prote o e promo o da diversidade das expressões culturais**. Paris, 2005.

VASCONCELOS, Celso dos S. Possibilidade e necessidade do planejamento. In: **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo, Libertad, 1985.

WIKIPEDIA. **Salgueiro** in: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: Salgueiro (Pernambuco) – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em março de 2023.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. 2ª Ed. Reimp. Florinópolis: Departamento de Ciências da administração/UFSC, 2013.

ZEICHENER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

ANEXOS

ANEXO 01 - Exemplo de um TCF

ESCOLA DE REFERÊNCIA DE ENSINO FUNDAMENTAL DOM MALAN

MINHA MELHOR VERSÃO É GG!

Rayssa Vitória Matias de Souza
Jeovana Thayna Soares Balieiro
Aline Nascimento Silva
Sarah Arielly de Souza Vilela

SALGUEIRO

2021

Rayssa Vitória Matias de Souza
Jeovana Thayna Soares Balieiro
Aline Nascimento Silva
Sarah Arielly de Souza Vilela

Minha melhor versão é GG!

Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental II
apresentado como requisito para a obtenção de nota
na disciplina TCF do 9º ano na Escola de Referência
Dom Malan.

ORIENTADOR:

Profº: Cicera Rosimere Ferreira

Prof: Alípio Henrique Guimarães Leal

Salgueiro-PE
2021

Minha melhor versão é GG!

Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental apresentado em _____

Avaliado pela banca composta por:

Prof^ª: Ana Maria Góes

OBSERVAÇÕES:

Aprovado com nota: _____

Professor (a) da disciplina TCF

Orientador (a)

DEDICATÓRIA

Dedicamos essa pesquisa para todos os homens e mulheres que estão cima do peso. Para aqueles que já foram, também, vítimas de gordofobia. Mas, que mesmo assim são felizes e tentam não ligar para o que os outros falam sobre seu peso.

Sumário

INTRODUÇÃO	101
I. CAPÍTULO	101
1.1 Conceito do termo Gordofobia	101
1.2 Leis sobre a Gordofobia	104
1.3 Gordofobia: o que fazer após ser vítima?	105
1.4 Criminalização da gordofobia	106
II. CAPÍTULO	107
2.1 Padrão do corpo ideal	107
2.2 Causas e contribuintes para o estigma do peso	108
2.3 Consequências da saúde física e mental do estigma do peso	109
2.4 Qualidade da assistência e utilização da assistência à saúde	109
III. CAPÍTULO	111
3.1 Entrevistas e Loja E Modelos Plus Size (Salgueiro-PE)	111
3.2 Entrevistas No Google Formulário:	115
3.3 Loja Plus Size	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

O estigma social da obesidade refere-se à assunção preconceituosa de características de personalidade baseada no julgamento de uma pessoa por ter excesso de peso ou por ser obesa. É também conhecido como fat-shaming ou gordofobia. Ativistas alegam que o preconceito contra gordos pode ser encontrado em muitas facetas da sociedade,[1] e culpam os média pela penetração deste fenómeno.[2][3]

Este viés tem criado impactos psicossociais negativos e causado desvantagens para pessoas com sobrepeso ou obesas. Estigma de peso é similar e tem sido amplamente definido como viés ou comportamentos discriminatórios direcionados a indivíduos por causa de seu peso. Tais estigmas sociais podem estender-se durante a vida de alguém, contanto que o excesso de peso esteja presente, a começar de uma idade jovem e a durar até a vida adulta.

A gordofobia está em todas as esferas da sociedade, desde a pessoa que chama alguém de “gorda” em tom de xingamento até as marcas de roupa que só fazem calças até o tamanho 42. Passando também pelos assentos apertados nos ônibus e as cadeiras com braços nos restaurantes. Todos os dias, milhares de pessoas gordas passam por esses e outros inúmeros constrangimentos simplesmente por não poderem agir confortavelmente e naturalmente em situações corriqueiras. Logo, escolhemos falar sobre gordofobia nessa pesquisa, por entender que é um tema muito importante para debater tanto na escola como em toda sociedade.

I. CAPÍTULO

1.1 Conceito do termo Gordofobia.

O estigma social da obesidade refere-se à assunção preconceituosa de características de personalidade baseada no julgamento de uma pessoa por ter excesso de peso ou por ser obesa. É também conhecido como *fat-shaming* ou *gordofobia*. Ativistas alegam que o preconceito contra gordos pode ser encontrado em muitas facetas da sociedade, e culpam os média pela penetração deste fenómeno.

Este viés tem criado impactos psicossociais negativos e causado desvantagens para pessoas com sobrepeso ou obesas. Estigma de peso é similar e tem sido amplamente definido como viés ou comportamentos discriminatórios direcionados a indivíduos por causa de seu peso. Tais estigmas sociais podem estender-se durante a vida de alguém, contanto que o excesso de peso esteja presente, a começar de uma idade jovem e a durar até a vida adulta.

Vários estudos de todo o mundo (ex. Estados Unidos, Universidade de Marburgo, Universidade de Leipzig) indicam que indivíduos com sobrepeso ou obesos experienciam níveis mais altos de estigma em relação a indivíduos mais magros. Ademais, casam-se menos frequentemente, experienciam menos oportunidades educacionais e de carreira, e em média possuem uma renda menor que a de indivíduos de peso normal.

Embora o apoio público quanto a serviços de deficiência, direitos civis e leis antidiscriminatórias no ambiente de trabalho tenham ganhado apoio ao longo dos anos indivíduos com sobrepeso e obesos ainda experienciam discriminação, o que pode ter implicações na saúde fisiológica e psicológica. Estas questões são combinadas com os significativos efeitos fisiológicos negativos associados a obesidade.

De acordo com o artigo “joint international consensus statement for ending stigma of obesity”, divulgado pela revista Nature Medicine em 2020, pessoas obesas são comumente associadas à preguiça, gula, falta de “força de vontade” e autodisciplina. Essas associações se dão pelo fato de sociedades ocidentais contemporâneas entenderem a saúde como uma questão moral individual e que a “obesidade” é uma escolha pessoal que pode ser revertida por decisões voluntárias de alimentação e exercício físico. Essa percepção social tem impacto negativo na criação de políticas públicas, no acesso a tratamentos e em pesquisas:

Nos últimos tempos, a obesidade vem sendo amplamente discutida nas redes sociais, conversas em família e grupos de amigos. Afinal, ser obeso é sinal de doença? Ser gordo é sinônimo de feiura? Esse tipo de pensamento ganhou força na década de 90 e início dos anos 2000, quando ser magra tornou-se o principal objetivo das mulheres, graças à expansão da comunicação e do corpo “ideal”.

Na década de 90, a obesidade passou a ser vista como um mal a ser combatido pela medicina e o corpo magro começou a ser reconhecido como sinônimo de beleza e saúde, pensamento que perdura até os dias atuais. A ditadura da magreza trouxe consigo um preconceito contra as pessoas gordas. Intitulado de **gordofobia**, o preconceito contra obesos surge de atitudes onde o acusador inicia uma série de argumentações e chacotas na tentativa de ridicularizar e causar mal-estar naquelas pessoas que estão acima do peso.

A expressão **gordofobia** e a temática ganharam força no Brasil em 2009, quando surgiu a personagem gorda Perséfone, interpretada pela atriz Fabiana Karla, na novela “Amor à Vida”. O objetivo da personagem na trama era perder a virgindade já na fase adulta.

Perséfone tinha uma vida financeira e profissional estável, mas para se manter incluída na sociedade e conseguir um relacionamento amoroso, ela tinha o objetivo de emagrecer.

Uma situação parecida aconteceu na vida real com a modelo *plus size*, Bia Gremion. Antes de se aceitar como gorda, Bia conta que tentou fazer várias dietas, inclusive a dieta do TIC TAC. “A minha vida inteira eu fiz dieta. Teve uma dieta que eu só comia TIC TAC, outra dieta que eu só comia sopa, a dieta para fazer a cirurgia bariátrica, que eu comia apenas bolacha e chazinho”, comentou. O fato ocorre em todas as partes do mundo e nas mais diversas esferas. Em 2016, Dani Mathers, modelo da revista Playboy, envolveu-se em uma polêmica após fotografar uma mulher nua em uma academia e ter compartilhado a foto nas redes sociais, ridicularizando-a por ser gorda.

Por meio de dietas, cirurgias, procedimentos estéticos, muitas vezes, o ser humano tenta se incluir na sociedade e encontrar sua identidade, entretanto, ao mesmo tempo, pode entrar em uma ditadura do corpo ideal. A mídia também entra como contribuinte e agravante para com o preconceito da **gordofobia**. Ao associar magreza à vida saudável, os meios de comunicação se referem ao corpo magro como sinônimo de perfeição. Diversas revistas fazem, frequentemente, matérias com mulheres magras e musculosas, e, dessa maneira, contribuem para que as pessoas que estão acima do peso se sintam obrigadas a mudar seu estilo de vida para se encaixarem nos padrões de beleza impostos.

Esses canais comunicativos também estimulam o emagrecimento quando citam dicas de dieta para emagrecer rapidamente e exercícios de academia buscando a diminuição de peso. Muitos filmes também alimentam uma visão deturpada das mulheres gordas, colocando-as em situações humilhantes e criando uma imagem pejorativa destas. Um exemplo disso é a trama ‘O Amor É Cego’, em que o personagem principal Jack Black é visto como herói por ter escolhido namorar com Rosemary, uma mulher gorda. Durante todo o filme, ele a enxerga como uma mulher magra. Além do título e da história serem completamente ofensivos para com a figura feminina da mulher gorda, em diversas situações a personagem passa por situações constrangedoras – como o episódio em que ela quebra uma cadeira por conta do seu peso – que solidificam ainda mais o preconceito da **gordofobia** na sociedade.

Para a filósofa Márcia Tiburi, vivemos em um mundo que considera o corpo sem gorduras como ideal. As mulheres estão fazendo exercícios para eliminar as gorduras do corpo, a fim de ter o corpo magro e musculoso. Os padrões atuais se aproximam do padrão geométrico da racionalidade da Grécia Antiga. Outra vertente a ser discutida é a moda. Isso porque o corpo também é influenciado pelas tendências da moda. Antigamente, as mulheres

gordas precisavam vestir maiô na praia, roupas pretas que “escondessem as gorduras” ou roupas que as deixassem mais magras.

Na atualidade, com base na moral da boa forma, são ditadas as noções do que é decente e indecente ou do que é considerado apropriado ou não com relação ao vestuário, com isso o ser humano assume como parâmetro a adequação física aos padrões estéticos. Em outras palavras, o Coletivo Gordas Livres explica o que a **gordofobia** significa na visão da mulher gorda. **Gordofobia** é o sentimento de medo, não só do indivíduo gordo, mas da gordura, o medo irracional de se tornar gordo, isso é lipofobia,

A **gordofobia** é o nojo, o asco, o sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, da gordura e de tudo que a cerca. Ainda existem poucos coletivos de mulheres gordas no Brasil, apesar de estar em crescente ascensão e as vertentes políticas como o feminismo ainda não conseguem administrar muito bem a problemática. Infelizmente, a **gordofobia** não está presente apenas nas redes sociais e nem é feita somente por desconhecidos. Na maioria das vezes, até os próprios familiares contribuem para essa prática do preconceito, quando obrigam seus filhos a fazerem dietas, quando reproduzem frases do tipo “você é muito bonita de rosto filha, mas deveria emagrecer para ficar mais bonita ainda”.

1.2 Leis sobre a Gordofobia

O número de pessoas obesas tem aumentado expressivamente no Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE), em 2019, 61,7% da população adulta brasileira estava com excesso de peso. Esse índice era de 43,3% entre os anos de 2002 e 2003. Embora esta coluna incentive práticas saudáveis de alimentação e atividades físicas, que ajudam no controle do peso, é preciso ressaltar que os obesos sofrem preconceito e combater esse comportamento é necessário. Com isso, as Leis 18.831 e 18.832 que versam sobre a criação do Dia Municipal de Luta contra a Gordofobia e a adoção de medidas para assegurar a inclusão e a proteção da pessoa gorda nos estabelecimentos de ensino localizados no município do Recife podem ser consideradas um vitória na luta com o preconceito contra gordos.

A aprovação das leis foi publicada dia 16 setembro de 2021, no Diário Oficial do Município e tornou o Recife a primeira capital brasileira a contar com leis antigordofobia. As legislações, sancionadas pelo prefeito João Campos no dia 13 de setembro, são de autoria da vereadora Cida Pedrosa e visam promover a conscientização e combate ao preconceito, além de proporcionar a inclusão de pessoas acima do peso. A Lei 18.831/2021 institui que data 10 de setembro, já conhecida informalmente como o Dia do Gordo, será agora o Dia Municipal

de Luta contra a Gordofobia. Com isso, passará a integrar o Calendário Oficial de Eventos do Município. A ideia é que ao instituir a data para o combate a gordofobia, haja um momento específico no calendário para levantar debates acerca dessa discriminação que atinge parte significativa da população.

Já a Lei 18.832/2021 assegura às pessoas gordas carteiras escolares adequadas aos seus biotipos corporais nas instituições de ensino básico e superior do Recife, seja de instituições públicas ou privadas, além garantir o ensino livre de discriminação ou práticas gordofóbicas. A mesma medida já foi implantada, no Brasil, em ônibus e cinemas, por exemplo.

1.3 Gordofobia: o que fazer após ser vítima?

A bailarina Thais Carla venceu o processo judicial que moveu contra o humorista Leonardo Lins após sofrer gordofobia, que é a discriminação contra as pessoas gordas. Para ativistas da área, a sentença é um marco para essa população, pois foi a primeira vez que um juiz deferiu diretamente a condenação por violação de gordofobia em primeiro plano. A prática não é crime, mas pode ser enquadrada por injúria e danos morais, que são da esfera criminal e cível, respectivamente, explica a advogada, Co-Fundadora do projeto Gordas na Lei e Membro da Comissão de Direitos Sociais da OAB/ES, Mariana Vieira de Oliveira.

A advogada Mariana afirma que após identificar que foi vítima de gordofobia, a pessoa deve analisar se processará o agressor na esfera cível ou criminal: **"Eu quero que a pessoa seja punida criminalmente ou punida financeiramente? Se você quer uma reparação financeira, você vai entrar com uma indenização de danos morais, explicando que você teve sua moral abalada e o porquê, explicando qual a situação que você sofreu e porque a pessoa tem que te indenizar"**, diz a advogada.

Caso a opção escolhida seja a punição criminal, é necessário fazer um boletim de ocorrência. Nas duas opções é preciso juntar todas as provas do ocorrido. "Se você gravou a situação, tem que entender como foi sofrida a gordofobia e qual o meio de prova possível. Se for uma conversa de WhatsApp, além de fazer o print, é ideal que você faça uma ata notarial, que é ir no cartório para ele certificar que aquele print não foi adulterado, que aquela mensagem não foi adulterada", relata Mariana.

Neste caso, a mensagem, ainda no aparelho de celular, deve ser apresentada no cartório, que irá se certificar que a prova é válida. Em seguida, a pessoa pode seguir

para a delegacia para abrir a ocorrência.Cada penalização será conforme o crime enquadrado. No caso de danos morais, por exemplo, as punições são multas ou detenção. O valor da multa é decidido conforme a agressão cometida.

1.4 Criminalização da gordofobia

O maior problema pelo fato da gordofobia não ser criminalizada é que o julgamento vai de encontro ao entendimento do juiz, aponta a Coordenadora do Fórum de Gordofobia do Rio Grande do Sul, Dóris Macedo. "Ou seja, mais uma vez vemos o corpo gordo reduzido ao julgamento do outro", afirma. Mariana explica que faz pouco tempo que as pessoas começaram a entender que a gordofobia poderia ser criminalizada. "Tem pouco tempo que os juízes têm considerado o termo gordofobia e têm considerado que a gordofobia é passível de indenização. Então hoje em dia as pessoas estão conseguindo sim, mas isso tudo vem fruto, no que eu acredito, no fortalecimento do movimento antigordofobia", declara.

Atualmente, existem alguns projetos que visam criminalizar esse tipo de preconceito. "No Brasil, diversos municípios têm leis que respaldam as pessoas gordas, mas sob a perspectiva médica, dando acesso a tratamentos e cirurgia bariátrica. Mas a gordofobia vai muito além da perspectiva nutricional", relata Dóris. Para a coordenadora do fórum de gordofobia, os Projetos de Lei (PL) mais relevantes no momento são o 3461/2020 e o 3526/2020, ambos do Senador Romário de Souza Faria (PL/RJ), por abordarem perspectivas de acessibilidade da população gorda.

- **O primeiro proíbe a cobrança adicional de pessoas obesas em transportes e em eventos culturais e tipifica a discriminação nesses contextos e o segundo obriga os estabelecimentos de saúde a disponibilizarem equipamentos médico-assistenciais adequados ao atendimento da pessoa obesa.**

Entre outras situações, é muito comum que pessoas com obesidade tenham que comprar dois ingressos em shows, por exemplo, devido ao espaço que ocupam. E, quando no hospital, existem casos em que o paciente não é tratado com equipamentos que o comporte adequadamente. Ainda que o caso de Thais Carla tenha sido o primeiro a ter a gordofobia na sentença, não é a primeira vez que pessoas vítimas desse tipo de preconceito têm um resultado positivo na justiça. Ano passo, um caso de discriminação teve a condenação por danos morais.

"Em 2020, tivemos o flagrante de gordofobia julgado e condenado pela Justiça do Trabalho de Muriaé, na Zona da Mata de Minas. Uma vendedora de uma loja de bijuterias tinha que cumprir uma meta: a redução de peso imposta por um chefe, sócio do

estabelecimento. A 1ª Vara do Trabalho da cidade condenou a loja a pagar a indenização de R\$ 50 mil por danos morais à funcionária", lembra Doris. Para Doris, a gordofobia antes de tudo é um problema social: "Há uma percepção errada de que o problema do peso é individual e não cultural. Então se faz necessário educar a população, pois a grande responsável pela discriminação é a falta de conhecimento", diz.

Ela relata que em muitos casos a própria terapia médica de pessoas com obesidade acaba não obtendo sucesso devido ao "preconceito enraizado na formação dos próprios médicos". "A obesidade é relacionada a graves problemas de saúde pública. Por isso, os estudos para buscar tratamentos e entender melhor as causas desse quadro precisam receber financiamento apropriado, proporcional à sua prevalência e ao impacto na sociedade", diz.

II. CAPÍTULO

2.1 Padrão do corpo ideal

Todo esse preconceito pode gerar vários danos psicológicos irreparáveis à vítima. No caso de crianças, são descritas alterações no comportamento, gerando transtornos alimentares como bulimia e comportamentos de risco como tabagismo, alcoolismo, e práticas nutricionais erradas, a fim de obter o emagrecimento. Além disso, o bullying também pode influenciar no desempenho de crianças na escola. Os danos se estendem para a vida adulta. Muitas pessoas gordas preferem se esconder em casa para evitar olhares estranhos, não gostam de comprar roupa porque se sentem mal ao pedir os tamanhos necessários. Outro fato relatado é ter vergonha de ir a restaurantes, de comer em público porque se sentem vigiados e julgados. Esses fatos podem provocar depressão, crise do pânico ou crise de ansiedade.

De acordo com estudos, há uma ligação entre o padrão social baseado no peso corporal, estresse psicológico e desenvolvimento de transtornos alimentares em adultos obesos. Pesquisadores analisaram que o preconceito possui um significativo potencial para estimular problemas alimentares e psicológicos, demonstrando que os aparecimentos destas questões estão vinculados a negativos pensamentos psicológicos provocados por atitudes gordofóbicas. As pessoas gordas também sofrem para conseguir emprego. O preconceito também está enraizado no mercado de trabalho, mesmo que este não tenha relação nenhuma com a moda, os empregadores também fazem suas escolhas com base na aparência física. Uma pesquisa chamada Profissionais Brasileiros – Um Panorama sobre Contratação, Demissão e Carreira, mostra que 6,2% dos empregadores assumiram não contratar obesos.

Uma das justificativas das empresas é que os obesos não conseguem se equiparar na agilidade motora dos magros em cargos que exigem isso, bem como profissionais obesos têm maiores índices de comorbidade ao trabalho relacionadas a problemas de saúde e maiores índices de licenças médicas. Toda essa perseguição com pessoas obesas faz com que elas se sintam culpadas e, muitas vezes, ao invés de se unirem e buscarem direitos, essas pessoas tentam fazer cirurgias e dietas perigosas para se livrarem dos traumas que a obesidade traz.

Para se encaixar nos padrões de beleza impostos pela sociedade, mulheres se submetem a procedimentos estéticos que podem custar a própria vida. As mulheres gordas são mais afetadas por esse tipo de preconceito do que os homens. Além do machismo já enfrentado diariamente, o homem ainda pratica a **gordofobia**. Muitos homens – até mesmo homens gordos – deixam de ficar com mulheres gordas porque estas estão fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade, quando querem irritar uma menina as chamam de gordas na tentativa de irritá-las e fazem chacota e ridicularização da mulher gorda entre os amigos e até mesmo familiares.

2.2 Causas e contribuintes para o estigma do peso

Evidências de vários países mostra que quando os indivíduos atribuem as causas da obesidade principalmente a fatores internos, controláveis ou escolhas pessoais, apresentam maior viés de peso, enquanto o reconhecimento das complexas causas da obesidade (incluindo elementos como genética, biologia e fatores ambientais) está associado a níveis mais baixos de viés de peso e menos culpa. Esses achados sugerem que a narrativa predominante da obesidade na cobertura de notícias, campanhas de saúde pública e discurso político - centrada fortemente em noções de responsabilidade pessoal— pode desempenhar um papel importante na expressão do estigma do peso e reforçar estereótipos baseados em peso.

➤ **A obesidade é causada principalmente por excesso de alimentação voluntária e um estilo de vida sedentário**

Embora esse conceito possa parecer uma conclusão simples, dadas as experiências pessoais comuns das flutuações do peso corporal durante períodos de consumo excessivo de energia ou sedentarismo, as evidências suportam uma situação mais matizada. Por exemplo, em um estudo canadense que usou acelerômetros para medir a atividade física, meninas com obesidade deram mais passos por dia do que meninas dentro da faixa de peso normal.

➤ **Obesidade é uma escolha de estilo de vida**

Pessoas com obesidade normalmente reconhecem a obesidade como um grave problema de saúde, em vez de uma escolha consciente. Mais de dois terços dos 3.008

indivíduos com obesidade pesquisado no estudo ACTION consideraram a obesidade como uma ou mais grave do que outras condições de saúde, incluindo pressão alta, diabetes e depressão. Dado os efeitos negativos da obesidade na qualidade de vida, os riscos conhecidos de complicações graves e a redução da expectativa de vida associada a ela, é um equívoco definir a obesidade como uma escolha.

➤ **Obesidade é uma condição, não uma doença**

Rotular a obesidade como doença, fator de risco ou condição tem implicações para o tratamento e desenvolvimento de políticas e pode contribuir para promover ou mitigar visões estigmatizantes em relação aos indivíduos afetados.

➤ **A obesidade grave é geralmente reversível por comer voluntariamente menos e se exercitar mais**

Essa suposição também não é apoiada por evidências. Em primeiro lugar, o peso corporal e a massa gorda são conhecidos por serem regulados por inúmeros mecanismos fisiológicos, além da ingestão voluntária de alimentos e exercícios físicos. Um grande conjunto de evidências clínicas mostrou que as tentativas voluntárias de comer menos e se exercitar mais tornam efeitos modestos sobre o peso corporal na maioria dos indivíduos com obesidade grave.

2.3 Consequências da saúde física e mental do estigma do peso

O periódico científico *Nature Medicine* publicou um consenso internacional pelo fim do estigma ligado ao excesso de peso. Ele foi assinado por mais de 100 instituições, incluindo uma do nosso país. A pesquisa mostrou um estudo abrangente, mas para essa pesquisa, recortamos, apenas, alguns pontos específicos para discussão. Entre eles, questões como: Crianças com sobrepeso e obesidade estão frequentemente sujeitas a provocações e bullying à base de peso na escola.

Em comparação com estudantes com menor peso corporal, adolescentes com sobrepeso ou obesidade são significativamente mais propensos a experimentar isolamento social e estão em maior risco de vitimização relacional, verbal, cibernética e física. Eles também são mais suscetíveis ao desenvolvimento de transtornos de saúde mental, especialmente ansiedade e depressão, além da obesidade, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares na vida posterior.

2.4 Qualidade da assistência e utilização da assistência à saúde

Evidências sugerem que os médicos passam menos tempo em consultas e fornecem menos educação sobre saúde para pacientes com obesidade em comparação com pacientes

mais magros, e pacientes que relatam ter experimentado viés de peso no ambiente de saúde têm resultados de tratamento ruins e pode ser mais provável para evitar cuidados futuros. A obesidade também afeta negativamente o rastreamento do câncer adequado à idade, o que pode levar a atrasos na detecção de câncer de mama, ginecológico e colorretal.

➤ **Estigmatização do tratamento cirúrgico para obesidade**

A cirurgia metabólica (também conhecida como cirurgia bariátrica) fornece um exemplo convincente de como o estigma do peso também pode se estender aos tratamentos para a obesidade. Comparado com indivíduos que perdem peso usando dieta e exercício sozinhos, aqueles que perdem peso através da cirurgia metabólica podem estar em risco de estigma mais forte porque são estereotipados como preguiçosos e menos responsáveis por sua perda de peso. Não é de surpreender que muitos escondam seu estado cirúrgico.

➤ **Estigma do peso e políticas públicas de saúde**

Exemplos históricos de doenças cuja construção social incorporou julgamentos morais sobre o papel das ações dos indivíduos na contração da doença (por exemplo, peste, cólera, sífilis, HIV/AIDS), demonstram que o estigma pode interferir nos esforços de saúde pública para controlar epidemia. Esses exemplos também destacam a importância de iniciativas voltadas para o combate ao estigma e à exclusão social (por exemplo, Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre HIV/Aids e Campanha Mundial de Aids de 2002-2003).

Os esforços de saúde pública até agora têm tipicamente negligenciado o estigma como uma barreira nos esforços para enfrentar a obesidade. Em contrapartida, algumas estratégias de saúde pública abraçam abertamente a estigmatização dos indivíduos com obesidade, com base no pressuposto de que a vergonha os motivará a mudar o comportamento e alcançar a perda de peso através de uma dieta autodiretiva e aumento do exercício físico. Tanto estudos observacionais quanto randomizados controlados mostram que essas estratégias podem resultar no efeito oposto, podendo, em vez disso, induzir a evasão de exercícios, o consumo de dietas não saudáveis e o aumento de comportamentos sedentários, levando à saúde metabólica ruim, aumento do ganho de peso, e menor qualidade de vida.

Algumas mensagens de saúde pública e campanhas antiobesidade apoiadas pelo governo também caracterizam os méritos da prevenção da obesidade como alternativa preferencial aos tratamentos para obesidade estabelecida, como farmacoterapia ou cirurgia, que muitas vezes são considerados mais caros. Trata-se de um equívoco, pois enquadra a prevenção e o tratamento como sendo mutuamente exclusivos, enquanto essas abordagens

devem geralmente ser direcionadas para duas populações distintas, com necessidades diferentes.

III. CAPÍTULO

3.1 Entrevistas e Loja E Modelos Plus Size (Salgueiro-PE).

Foram realizadas entrevistas com algumas mulheres que estão acima do peso. Utilizamos duas formas de coleta de dados. Primeiro, enviamos as perguntas por meio de WhatsApp e depois utilizamos o google formulário. No total, entrevistamos 10 mulheres,4 por via zap e pelo google formulário.

PROJETO DE PESQUISA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tema: A questão da Gordofobia no Brasil.

NOME:

IDADE:

Altura:

Peso:

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

1. Você conhece o termo “Gordofobia”?
2. Gordofobia é um preconceito relacionado a pessoas que estão acima do peso. Você já foi vítima de uma situação na qual foi vítima de preconceito por está acima do peso?
3. Quando e como você começou a ficar acima do peso?
4. Atualmente, mesmo acima do peso, você se sente bem consigo mesma?
5. Quais foram às situações mais difíceis que passou, por estar acima do peso?
6. O que você acha desse modelo de “Corpo Padrão “que a sociedade e a mídia impõe como o corpo ideal?
7. Você já fez alguma “Dieta maluca” para se encaixar nesse corpo padrão?
8. Você acha que a sociedade que a mídia da espaço para quem é gordo?
9. O que você acha da linha “**Plus Size**”?
10. Como você conheceu a loja “Gordinhas na Moda”?
11. Na sua opinião, o que a sociedade pode fazer para amenizar esse preconceito contra pessoas gordas?
12. Qual é a mensagem você diria para alguém que foi vítima de Gordofobia?
- 13.

RESPOSTAS

1º ENTREVISTADA

VIA WHATSAPP

12 PERGUNTAS

NOME : Yara Ferreira da Silva IDADE : 43 anos Altura : 1,68 cm Peso : 105kg

12 RESPOSTAS

1. Sim
2. Não, pois não sei qual seria minha relação.
3. Depois que fiz minha primeira cirurgia.
4. Sim. Não me acho gorda só um pouco cheinha mais sou muito feliz.
5. Só quando vou comprar roupa que não encontro muito fácil.

- 6.uma besteira cada uma tem o corpo que quer.
7. Não. Sempre gostei de comer tudo que gosto.
8. Já foi pior agora estão valorizando quem tem um corpinho a mais.
9. Uma boa alternativa.
10. Através de amigas
11. Investir nesse tipo de roupa para nos gordinhas.
12. Nunca baixe a cabeça pois se ame primeiro do jeito que você é.

2° ENTREVISTADA

NOME : ALEXSANDRA MARQUES IDADE : 46 anos Altura : 1,70 m Peso : 88 kg

1. Sim
2. Já sim.
3. Na adolescência.
4. Durante a pandemia eu fiz um processo de emagrecimento, por sérios problemas de saúde e perdi 45 kg, mas já fiquei muito tempo acima do peso, o que não foi nada confortável para mim.
5. Na hora de comprar roupas.
6. Uma ditadura.
7. Muitas!
8. Começou a abrir espaço a pouco tempo.
9. Muito importante para que as mulheres se sintam bonitas.
10. Através das publicações de uma grande amiga (Lucivânia)
11. Deveriam combater a obesidade com a implantação de disciplinas escolares que ensinem as crianças a comer direito, assim teríamos menos casos de obesidade mórbida.
12. Se cuide, mas acima de tudo, se ame e se valorize

3° ENTREVISTADA

NOME :Lucivânia Matia IDADE :25 anos Altura :1,58m Peso :110kg

- 1.Sim.
2. Sim, muitas vezes.
- 3.Por volta dos 13 anos de idade
4. As vezes sim , as vezes não.É difícil controlar a autoestima de uma mulher obesa que sofre de ansiedade.
5. Não me sentir bem com a roupa que eu queria
Não me achar bonita em uma foto.
Não me sentir a vontade com meu próprio corpo.
6. Ridículo. O corpo ideal é aquele que a pessoa se sente bem nele.
7. Não.
8. Em parte. Aos poucos estamos ganhando nosso espaço.
9. Sim. E eu amo.
10. Claro. Depois que conheci me senti realizada.
11. Demonstrar pra todos que a beleza é você quem faz, e que não importa o valor da sua massa corporal todos podem ser felizes e se sentir bem consigo mesmo.
12. Levanta a cabeça, escolhe sua melhor roupa , se arrume fique lindo ou linda e siga em frente, pois o que importa é você estar bem e não a opinião alheia. Quando as pessoas tentarem de derrubar , te colocar pra baixo com palavras de egoísmo, hipocrisia ou preconceito se mostre superior, pois o Deus do altíssimo céu é quem pode nos julgar não pessoas iguais a nós, sim iguais , pois mesmo com aparências diferentes perante Deus somos todos iguais. Se fortalece no Senhor e ele te dará dias de glória. Sorria e viva pois você merece.

4° ENTREVISTADA

VIA WHATSAPP

NOME: A ENTREVISTADA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR.

- 1.Sim
- 2.Já ouvi algumas piadas.
- 3.Na época de adolescência.
- 4.Não, gostaria de perder bastante peso.
- 5.Comprar roupas bonitas.
- 6.Acho algo muito ruim,porque só uma parte muito pequena da sociedade,sonsegue se encaixar nesse padrão.
- 7.Muitas dietas.
- 8.Tá começando a dar espaço a pouco tempo.
- 9.Achei essa linha plus size ótima.uma salvação para quem está acima do peso.
- 10.Uma amiga me falou da loja.
- 11.A mídia e a escola devem falar mais no assunto e dizer as pessoas que agora, gordofobia é crime.
- 12.Não se deixe abater por piadas preconceituosas.

5° ENTREVISTADA

VIA WHATSAPP

NOME: A ENTREVISTADA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR.

- 1.Sim
2. Sim, na escola.
- 3.Depois do 1 filho
4. Na maioria das vezes, não me sinto bem.
5. No namoro.
6. Acho um sofrimento.
7. Faço direto.
8. Pouco espaço.deveria dar mais espaço.já teve filme que falou sobre o tema,já teve novelas e séries sobre essa tema.mas,ainda,é pouco.tem que ser falado muito mais.
9. Adoro plus size.
10. Vi uma publicação no facebook.
11. As pessoas tem que falar mais nesse assunto na tv,no rádio ,nas redes sociais e na escola.
12. Mais importante que a aparência ,é o caráter de cada pessoa.

3.2 Entrevistas No Google Formulário:

The screenshot displays the Google Forms interface for a survey titled "A questão da Gordofobia no Brasil". The top navigation bar includes a menu icon, the title, a share icon, a star icon, and a purple "Enviar" button. Below the title, there are three tabs: "Perguntas", "Respostas" (which is selected and highlighted in yellow with a "5" badge), and "Configurações".

The main content area is divided into two sections. The upper section, titled "5 respostas", lists five names: Gabriel, Ana Laura, Rafael, Miriam, and Mariana. The lower section, titled "Idade:", also shows "5 respostas" and lists three age values: 28, 22, and 25.

25

46

17

Altura:

5 respostas

1,78

168

1m 73cm

1,65

1,60

Peso:

5 respostas

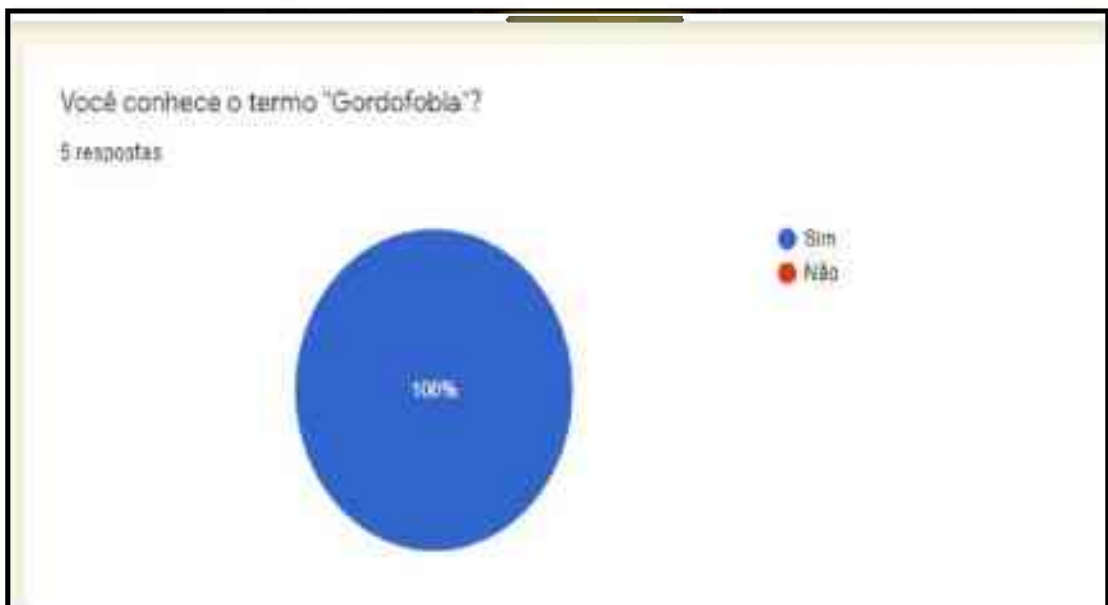
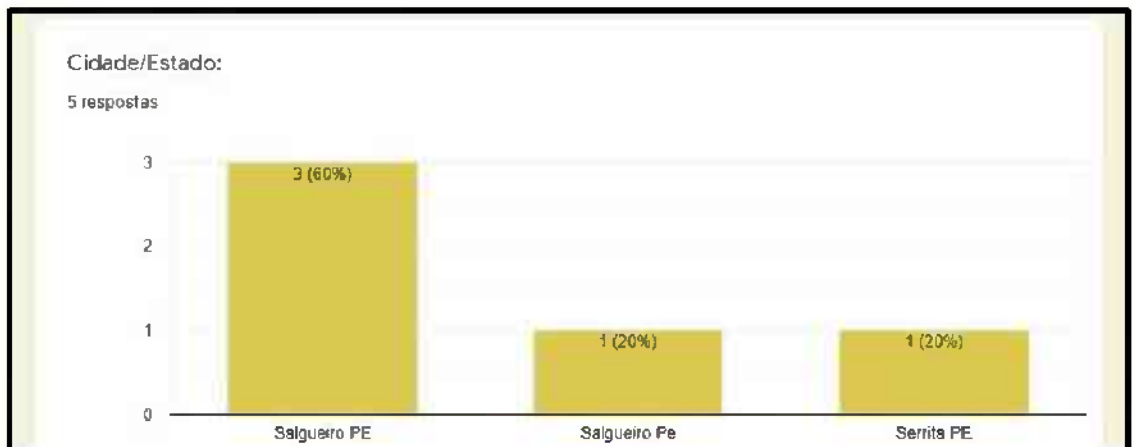
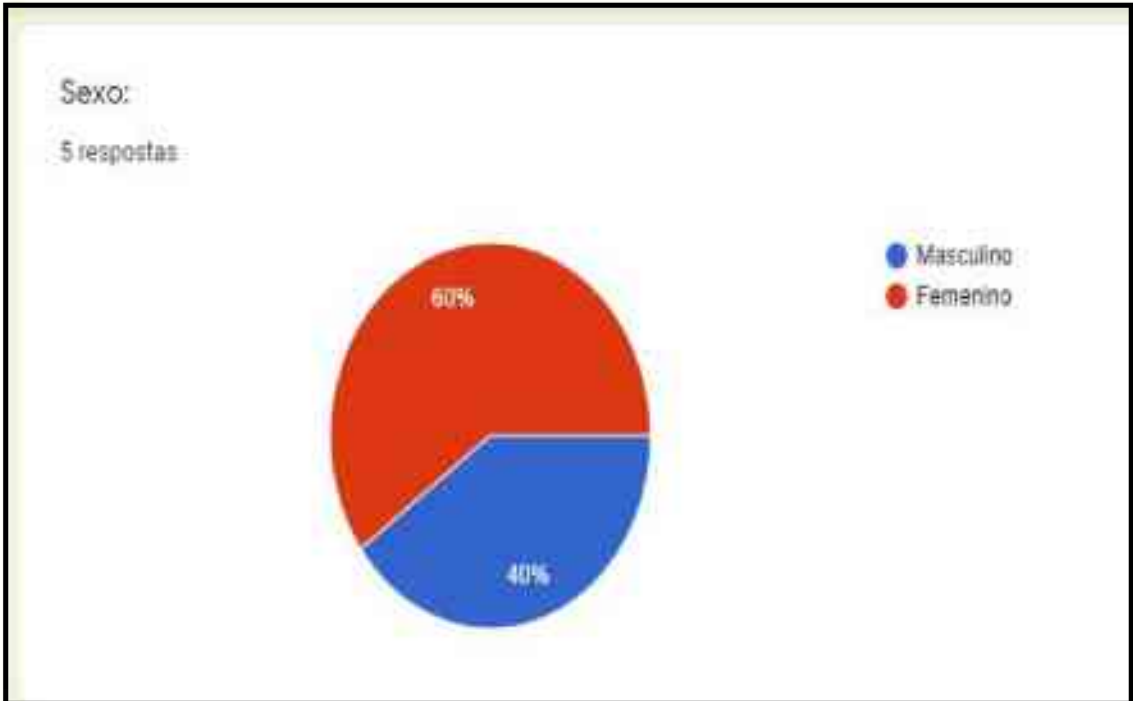
89

88

96kg

78

58



Quando e como você começou a ficar acima do peso?

5 respostas

Na adolescência

Depois do falecimento de uma pessoa próxima desenvolvi ansiedade e pro conta da ansiedade comei mais e engordei.

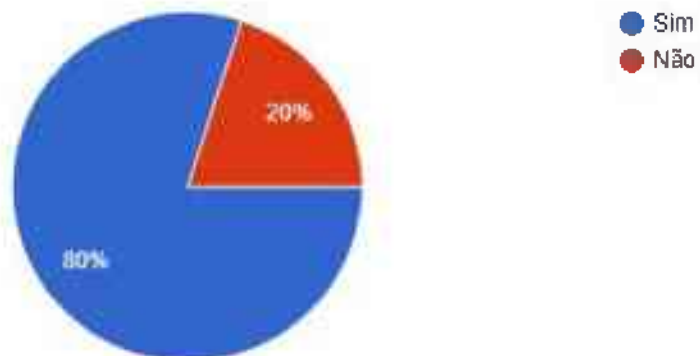
Desde criança eu sou gordo, talvez seja algo genético da família.

Depois da minha gravidez

Eu acho que desde criança

Atualmente, mesmo acima do peso, você se sente bem consigo mesmo(a)?

5 respostas



Quais foram as situações mais difíceis que você passou, em decorrência de estar acima do peso?

5 respostas

Quando tentei ir para academia, eu estava muito animado, mas com um tempo os homens da academia riam de mim, o que não faz sentido, pois me falavam que eu tinha que emagrecer para ir para academia, sendo que as pessoas vão para a academia para ficar em forma. Então agora faço exercícios em praça.

Em clubes, praias ou qualquer lugar para usar biquíni. As pessoas, principalmente as mulheres, ficam me falando que eu deveria usar algo que escondesse mais minha gordura, que eu não devia usar um biquíni e sim um maiô fechado. Esses comentários desnecessários

Comprar roupas é um terror, quando você entra na loja você já percebe os vendedores (magros e em forma) olhando para você como se eu não devesse estar lá.

As piores situações envolvem assentos que são muito pequenos para pessoas gordas ou muito frágeis. É muito desesperador chegar em um local e ter apenas cadeiras de plástico.

Em brinquedos de parque, não consegui ir em alguns brinquedos por que a cadeira ou a trava de segurança não me cabiam. Depois disso não fui mais em parques. Todos ficaram me olhando e me julgando.

O que você acha do "Modelo de Corpo Padrão" que a sociedade e a mídia impõe com corpo ideal?

5 respostas

Mesmo que seja muito mais problemático para as mulheres, os homens passar por algo parecido, justamente em ambientes como academias.

A mídia coloca como corpo ideal o corpo desnutrido, um corpo anoréxico e visivelmente não saudável e insiste em dizer que magro é saudável gordo é doente. Forçando as pessoas a buscarem esse corpo seja por diretas perigosas, podendo desenvolver distúrbios alimentares, ou até mesmo cirurgias sem necessidade

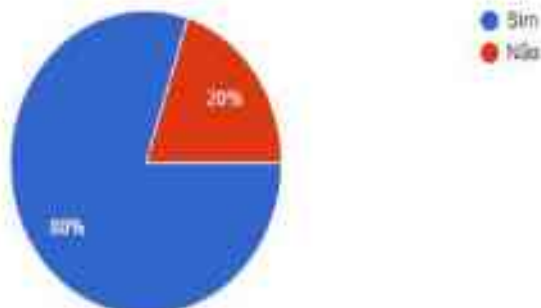
Com toda certeza isso é algo que afeta bastante as mulheres, mas acho que podemos falar também como os homens são afetados pela Gordofobia e pelo modelo padrão de homem sarado, com corpo muito musculoso.

Esse padrão que a mídia impõe, é inatingível tanto para pessoas gordas quanto para pessoas magras. Isso gera uma grande quantidade de insegurança, de ódio pelo próprio corpo e problemas psicológicos quanto alimentares.

É muito ruim, ver as famosas fazendo plástica, como se fosse algo saudável. Em escolas o que mais tem são amigas no banheiro depois do lanche vomitando para ficar magra.

Você já fez alguma "Dieta Maluca" para se encaixar nesse corpo padrão?

5 respostas



Você acha que a sociedade e a mídia dá espaço para pessoas Plus Size?

5 respostas



O que você acha da linha "Plus Size"?

5 respostas

É ótimo ter uma linha acessível especial para a gente.

É ótimo chegar em alguma loja e ter disponível roupas do meu tamanho. Me sinto bem vinda e acolhida. Embora seja algo ainda muito inicial.

Agora está surgindo mais o debate em respeito as pessoas gordas, o que tem refletido no aparecimento de mais roupas, acessórios acessíveis a esse público. Mas é claro que comparado as roupas para pessoas padrão, ainda é preciso crescer mais esta indústria plus size.

É muito bom saber que atualmente a linhas Plus Size tem ganhado espaço nas lojas, porém ainda é preciso seguir crescendo nisso.

Sempre foi difícil achar roupas, sapatos para meu tamanho e minha idade, a linha us size tem ajudado meninas como eu.

Na sua opinião, o que a sociedade pode fazer para amenizar o preconceito contra pessoas gordas?

3 respostas

É importante conscientizar as pessoas que os atos de bullying, discriminação e preconceito delas com outras pessoas tem efeito nas outras pessoas.

Devemos tratar a Gordofobia como tratamos a homofobia, o racismo e toda a desigualdade, lutando contra com todas nossas forças.

Ter mais pessoas acima do peso na mídia. Ter mais vendedores gordos em lojas de roupas fariam eu me sentir mais a vontade. Dar mais visibilidade a essa classe.

Assim como qualquer outra discriminação, o combate é através de diálogo, trazer o debate sobre Gordofobia e explicar que uma pessoa gorda não é uma pessoa doente ou inferior.

Para de julgar o próximo e olhar mais para as próprias atitudes

Qual a mensagem que você diria para alguém que já foi vítima de Gordofobia?

3 respostas

Seja feliz

O seu corpo é seu bem maior, não deixe outras pessoas o desrespeitá-lo.

Seja feliz e nunca se apegue ao que falam de você. As pessoas tendem a deixar as outras infelizes para se sentirem superiores, não permita isso.

Você não está sozinho, as críticas e ofensas, falam mais da pessoa que ofendeu do que da pessoa que foi ofendida. Ame seu corpo, pois ele é perfeito, só mude algo em você se vc mesmo desejar.

Muitas pessoas já me falam que eu vou ser sozinha pq sou gorda, mas minha mãe sempre me falou que para alguém gostar de mim, eu tenho que gostar de mim mesma primeiro.

3.3 Loja Plus Size





Laysa Gonçalves- 1,75 cm - peso atual 127kg (já cheguei a pesar 155 kg, tô em processo de emagrecimento não apenas pela estética pq minha estrutura corporal é essa mas pela saúde mesmo)



Emiliana 1;61 e peso 92



NOME: Hisleide Souza IDADE: 33 anos Peso: 1,65 Altura: 98 kilos



Maria Isadora 1.76 e o Peso 110,00

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos com essa pesquisa que o gordofobia é uma realidade em todos os lugares. É preciso o crime de gordofobia seja mais divulgado na mídia que mais novelas tratem desse assunto, ter mais filme e série com esse tema. As pessoas que foram e são vítimas desse tipo de preconceito devem procurar outras pessoas que já passaram e passam por isso. Pois, isso pode ajudar a superar esses traumas.

Tantas mulheres como homens devem valorizar sua própria imagem e nunca deixar se levar pela baixa autoestima. Cada pessoa deve se empoderar do próprio corpo com ensaios fotográficos, vídeos e imagens. A escola deve abordar mais esse tema, com palestras e debates em várias aulas. Seria interessante que tivesse desfile de moda na escola com modelos Plus

Sizes. Isso também ajudaria a divulgar melhor esse tema e quem sabe assim diminuir o preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[Gordofobia na lei: O que é brincadeira e o que é injúria? \(migalhas.com.br\)](http://migalhas.com.br)

www.ecycle.com.br/gordofobia/

[Entenda o que é gordofobia e quais são suas consequências - eCycle](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estigma_social_da_obesidade)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Estigma_social_da_obesidade

[/www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/09/22/recife-se-torna-a-primeira-capital-do-brasil-com-leis-antigordofobia.htm](http://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/09/22/recife-se-torna-a-primeira-capital-do-brasil-com-leis-antigordofobia.htm)

[Gordofobia: Recife cria leis que buscam enfrentar a discriminação contra gordos \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)

[Gordofobia: o que fazer após ser vítima | São Paulo | G1 \(globo.com\)](http://globo.com)

[O que a gordofobia causa na saúde – e como enfrentá-la | Veja Saúde \(abril.com.br\)](http://abril.com.br)

<https://saude.abril.com.br/bem-estar/gordofobia-causa-na-saude/>



ESCOLA DE REFERÊNCIA DE ENSINO FUNDAMENTAL DOM MALAN

O LADO B TAMBÉM SOFRE

Luis Gustavo Oliveira de Carvalho

SALGUEIRO – PE

2021

Luis Gustavo Oliveira de Carvalho

O LADO B TAMBÉM SOFRE

Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental II
apresentado como requisito para a obtenção de nota
na disciplina TCF do 9º ano na Escola de Referência
Dom Malan.

ORIENTADORES:

Prof^o: Cicera Rosimere Ferreira

Prof^o José Leandro Leite dos Anjos

Salgueiro-PE
2021

O Lado B Também Sofre

Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental apresentado em _____

Avaliado pela banca composta por:

Prof^º: Wilton José Leal da Costa

OBSERVAÇÕES:

Aprovado com nota: _____

Professor (a) da disciplina TCF

Orientador (a)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus pela dádiva da vida!
Aos meus amigos e familiares e aos meus orientadores Rosimeire e Leandro pelo apoio.

Sumário

INTRODUÇÃO	132
CAPÍTULO I	133
1.1 Conceitos e Características	133
1.2 Causas	134
CAPÍTULO II	135
2.1 Contextualização Histórico dos Transtornos mentais	135
2.2 Aumento dos Transtornos Mentais em meio a Pandemia	136
CAPÍTULO III	137
3.1 Análise da visão de um grupo de homens adultos sobre problemas mentais	137
3.2 A Depressão e Ansiedade em Homens (Uma visão Geral)	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas pensam que saúde mental é algo recente, mas não é! Desde antes dos conhecimentos científico, desde antes dos surgimentos dos conceitos de psicologia, algumas sociedades já observavam comportamentos que eles não achavam “normais” e discutiam sobre isso. Muitas coisas mudaram desde a forma de olhar para esse estado de sofrimento psicológico a forma de tratá-los.

Hoje em dias muitas são as formas de enfrentar um Transtorno Mental, porém muitas pessoas por diversas questões se isolam e não buscam ajuda, principalmente o grupo masculino, relacionando isso a um sinal de fraqueza. Muitos intitulam a depressão como “o mal do século”, pois o índice de pessoas que enfrentam esse tipo de situação se torna cada vez maior e buscar compreender tudo que envolve essa problemática é uma necessidade.

Logo, escolhemos o tema buscando desassociá-lo a ideia de Transtornos Mentais de “frescura” e entender se há essa diferença entre homens em mulheres na forma de procurar ajuda.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Nesse primeiro capítulo explicamos tudo que envolve os Transtornos mentais, sendo as informações coletadas nos Sites: ABRATA (2018), Hospital Santa Monica (2018), American Psychiatric Association (2018), Fundação ABRINQ (2020).

1.1 Conceitos e Características

O Segundo o Site do Hospital Santa Mônica: “Transtorno mental é uma disfunção da atividade cerebral que pode afetar o humor, o comportamento, o raciocínio, a forma de aprendizado e maneira de se comunicar de um indivíduo”. Então problemas relacionados a depressão ou ansiedade são Transtornos, ou distúrbios mentais e não uma doença, pois doença envolve fatores que geralmente tem uma causa e sintomas, que são gerais, ou seja são praticamente os mesmos entre cada pessoa, já o transtorno não! Envolve fatores diversos que podem ser intensificados por outra série de fatores requerendo um acompanhamento específico para cada caso.

Os Transtornos mentais são condições psicológicas que afetam a saúde física, envolvendo mudanças na emoção, pensamento ou comportamento, ou envolvendo todas. As doenças mentais estão associadas à angústia e aflição, a problemas em participar de atividades sociais, de trabalho ou familiares e isso pode afetar profundamente a vida da pessoa, acrescentando a tudo isso a sensação de solidão, impotência e em casos graves, entendendo a vida como sem sentido, esses transtornos podem levar ao suicídio.

Esses transtornos ocorrem em todos os lugares do mundo, nos EUA cerca de 19% das pessoas adultas possuem algum problema relacionado a transtorno mental e no Brasil os casos graves chegam a afetar 5% dos Brasileiros. Muitas pessoas que têm algum transtorno não querem falar sobre isso, porém não é nada para se envergonhar! É uma condição psiquiátrica/psicológica. E as condições de saúde mental são tratáveis. Estamos continuamente expandindo nossa compreensão de como o cérebro humano funciona e os tratamentos estão disponíveis para ajudar as pessoas a administrarem com sucesso as condições de saúde mental.

Questões mentais não discriminam, podem afetar qualquer pessoa, independentemente da sua idade, sexo, geografia, renda, status social, raça / etnia, religião / espiritualidade, orientação sexual, formação ou outro aspecto da identidade cultural. Embora a doença mental

possa ocorrer em qualquer idade, três quartos de todos os distúrbios começam aos 24 anos. Esses Transtornos assumem muitas formas, algumas são leves e interferem de maneira limitada com a vida cotidiana, como certas fobias (medos anormais). Outras condições de saúde mental são tão graves que uma pessoa pode precisar de cuidados em um hospital.

O Distúrbio Mental Grave envolve alterações a nível comportamental ou emocional (excluindo transtornos do desenvolvimento e do uso de substâncias) que resulta em grave comprometimento funcional, que interfere substancialmente ou limita uma ou mais atividades importantes da vida. Exemplos de doença mental grave incluem transtorno depressivo maior, esquizofrenia e transtorno bipolar. Destacaremos aqui duas que são muito conhecidas pelas pessoas a Depressão e o Transtorno de Ansiedade.

A depressão é uma doença psicológica, que vai além da tristeza que as pessoas sentem eventualmente e causa sintomas duradouros e tão intensos, que alteram o modo como você se sente, pensa ou como se comporta, e apesar disso, a maioria das pessoas não procuram uma ajuda médica (psicólogo), pelo o fato de acharem que não é uma doença de verdade ou então tem medo do estigma associado às doenças psiquiátricas. Geralmente quem tem depressão nem sempre aparenta ter, você nunca vai olhar para uma pessoa e dizer que ela tem depressão, porque ninguém sabe.

Parte da sociedade ainda trata a depressão como frescura, na maioria das vezes, são pessoas que não tem conhecimento. A depressão não é frescura ela faz com que muitas pessoas levem ao suicídio. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) O Brasil está em oitavo dentre os países com o maior número de suicídios.

1.2 Causas

Como geralmente os Transtornos Mentais iniciam-se nas fases mais jovens da vida, identificamos que as causas entre crianças e adolescentes envolvem dimensões, genéticas, biológicas ou até psicossociais. Então segundo a Fundação ABRINQ as causas se dividem em:

- Fatores genéticos: relacionados ao histórico familiar de transtorno mental (Exemplo: A maioria das pessoas de uma determinada família tem);
- Fatores psicossociais: relacionados a casos de disfunções na vida familiar, no ambiente escolar e outros; e situações de estresse (Exemplos: dificuldades do dia a dia que afetam o lado emocional e Psicológico, como pressão psicológica exercida por muitos pais);

- Fatores biológicos: relacionados a situações de anormalidades do sistema nervoso central, sejam elas causadas por lesões, infecções, desnutrição ou exposição a toxinas;
- Fatores ambientais: relacionados a problemas enfrentados na comunidade (violência urbana) e tipos de possíveis abusos (físico, psicológico e sexual).

Junto a isso, no mundo atual com as desigualdades sociais, em que muitas crianças e adolescentes pedem a seus pais diversos produtos apenas por verem na mídia, muitas nem tem acesso a três refeições por dia. Então condições de vida mais precária, afetam além a saúde física a mental e essas condições de vida carregam consigo a discriminação e desinformação que dificulta o acesso a serviços de apoio. Assim, tudo isso contribuem para que algumas crianças e adolescentes sejam mais vulneráveis a esses problemas.

Condições de Saúde Mental em crianças e adolescentes devem ser diagnosticadas e tratadas por um profissional especialista, ou seja, esse público tem de ter acesso ao acompanhamento feito por um especialista, devendo ser diagnosticadas e tratadas, com base em todo o contexto que afetam a vida diária de cada indivíduo.

CAPÍTULO II

OS TRANSTORNOS MENTAIS DO PASSADO AOS DIAS ATUAIS

Nesse segundo capítulo fizemos uma análise de como foi entendido os transtornos mentais ao longo da história e como eles afetam as pessoas nos dias atuais. As informações coletadas nos Sites: CENAT (2021) e BBC News (2021).

2.1 Contextualização Histórico dos Transtornos mentais

Nas primeiras civilizações, no período neolítico e mesopotâmico (8000 a.C. – 5000 a.C.), essas questões mentais eram relacionadas a crenças sobrenaturais, como: possessões demoníacas, feitiçarias e até vingança de um ser divino. Com isso, na época, acreditava-se que provocar uma rachadura no crânio poderia liberar esse mal da cabeça delas, esse processo nem sempre era fatal e as pessoas ainda poderiam durar alguns anos após essa lesão. Inclusive, esse tratamento foi utilizado por muito tempo e para também outros problemas como enxaqueca.

Foram os egípcios (3100 a.C. – 31 a.C.) que iniciaram com as ideias mais inovadoras a respeito de questões mentais, os curandeiros indicavam como tratamento a realização de atividades recreativas como pintura, dança, música. E assim seguia-se até que os sintomas aliviassem e o indivíduo voltasse ao padrão de “normalidade”. Os egípcios eram muito avançados nos compôs da medicina, provavelmente por questões relacionadas aos processos

de mumificação desenvolvidos por eles. O egípcios também foram os primeiros a descrever o cérebro como a fonte de desenvolvimento mental.

Na idade média (Século V – XV) entendiam-se esses transtornos como ocorrências naturais do corpo. Eram utilizadas diversas formas de tratamento como uso de laxantes e substâncias que induziam o vômito e até faziam uso de sanguessugas extraíndo o sangue na região da cabeça na tentativa de drenar os males que afetavam a mente da pessoa. Nessa época os cuidados eram feitos pela família instalações que realizavam esses cuidados eram poucas, vindo a surgir o primeiro Hospital Psiquiátrico apenas no século VI em Bagdá. Na Europa as famílias que mantinham a tutela de indivíduos com Transtornos eram vistos como fonte de vergonha o que levava a família a geralmente os mantê-los em porões.

Nos séculos XVI a XVIII já se vê uma expansão das casas de trabalho, clero e asilo para os “doentes” mentais. As casas de trabalho eram uma ação da igreja que oferecia alimento, alojamento e cuidados em troca de trabalho e algumas família até doavam algumas quantias para que o clero pudesse manter a tutela desses indivíduos. Como a Igreja não conseguia atender todo esse público surgem os asilos, que com o tempo passaram a concentrara a maior parte desse público. Inicialmente os asilos mantinham essas pessoas sem o mínimo de conforto, subentendo a condições desumanas.

Novos tratamentos surgem-no século XIX em que já se entendia que passavam por problemas mentais teriam de receber cuidados mais gentis para haver melhora. O ambiente deveria ser limpo, ter uma área de exposição solar, fazendo com que os “manicômios” passassem a ser mais agradáveis e bem organizados. Nos séculos XX e XXI ascendem e caem vários métodos, mas os tratamentos com psicofármacos utilizando o componente Lítio se mostrou bastante eficaz se tornando um dos tratamentos/abordagem em saúde mental mais utilizados do mundo.

Além do tratamento com Psicofármacos, há-se uma revolução no tratamento com a expansão de práticas antigas como a meditação e yoga, ou a utilização de atividades como música e da arte, que buscam a autonomia.

2.2 Aumento dos Transtornos Mentais em meio a Pandemia

De acordo com o Site BBC News (2021) mais da metade dos Brasileiros, 53%, afirmaram que sua saúde mental decaiu desde o início da pandemia. A pandemia afetou a rotina de muitas pessoas, principalmente no início em que foram suspensas todas as atividades tidas como não essenciais. As pessoas passaram a ter contato apenas com as pessoas as quais

moram, os contatos com as outras pessoas passaram a ser apenas de forma virtual e isso afetou profundamente a saúde mental de muitas pessoas.

Culturalmente o povo brasileiro é um povo que cultiva laços fraternais com o aperto de mão, o abraço, o beijo na bochecha e com isso esse distanciamento social afetou-se bastante as relações o que pode ter criado em muitos Brasileiros a sensação de solidão. Algumas pessoas perderam sua renda nesse período o que acrescentou mais preocupações, mais problemas a lidar. Segundo um estudo da Fiocruz com outras seis universidades em 2020 “Sentimentos frequentes de tristeza e depressão afetavam 40% da população adulta brasileira e a sensação de nervosismo e ansiedade frequente, por 50% da população”.

O Brasil está entre os países que as pessoas mais tiveram sua saúde mental afetada com a pandemia.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS TRANSTORNOS MENTAIS EM DE HOMENS

Nesse terceiro capítulo explicamos como os Transtornos Mentais afetam o grupo masculino, sendo as informações coletadas nos Sites: Instituto de Psiquiatria Paulista (2019), O Tempo (2021) e gntech (2020).

3.1 Análise da visão de um grupo de homens adultos sobre problemas mentais

Foi elaborado um questionário com 11 questões para ver como os homens vivenciam os seus problemas e como eles veem o atendimento especializado. O questionário foi feito no Google Forms e o Link foi postado em grupos de WhatsApp e obtivemos 12 respostas. Esses homens que responderam o questionário possuem entre 20 e 48 anos sendo a maioria entre 20 e 30, representando 66,7%. Desses, grande parte que são 83,3% se consideram ser mais caseiro e não sair muito. Podendo ser explicado pela idade, uma idade em que as pessoas já são casados e tem filhos e isso já provoca essa necessidade de ser mais caseiro.

Também 83,3% costuma resolver seus problemas sozinho, preferindo não conversar com ninguém sobre seus problemas. Isso é importante para a nossa análise, pois achávamos que os homens, por questões sociais, são mais “fechados” a conversas, a momento que possam demonstrar seus sentimentos. Desses, todos, 100% deles, se consideram mais reservados e não costumam demonstrar seus sentimentos, vai de cada um, mas tem uma certa relação com questões sociais, a sociedade atual ainda é formada em sua grande parte por pessoas conservadoras que impõe que Homem não deve demonstrar seus sentimentos.

O lado emocional de grande parte das pessoas foi afetado com a pandemia, no questionário 91,7% dos homens sentiram que a pandemia afetou seu lado emocional. Destacando a fala de um deles: *“Sim! O trabalho me faz ocupar a mente e no início da pandemia tive que ficar em casa e junto com os problemas familiares, quase me separei da minha esposa kkk”*. Nesse trecho vemos duas coisas importantes: que o trabalho ajuda realmente a ocupar a mente e diminuir ou impedir a sensação ruim de angústia que por vezes pode aparecer; e com a pandemia os casais passaram a conviver mais o que causou um aumento gigante nos divórcios.

Segundo o Site “O Tempo” o número de divórcios no Brasil cresceram 24% no Brasil com a pandemia. Então a pandemia afetou o trabalho e com isso afetou o lado emocional das pessoas que trabalhavam. Outro depoimento diz que a pandemia afetou sim: *“Sim! Minha demanda de trabalho aumentou e minha rotina passou a ser mais estressante”*. Outro ponto é que na contramão muitos trabalhos tiveram que se adaptar com a pandemia, como no caso de professores, por exemplo, que mudaram sua forma de atuar passando a trabalhar, como alguns definem, dobrado.

Como último depoimento, destacamos: *“Eu passei a me sentir mais desmotivado, não estou aprendendo como deveria na faculdade”*. A pandemia trouxe mudanças na educação e muitos alunos não se sentem bem nesse modelo de ensino, se sentem desmotivados, alguns se sentem como se não conseguissem realmente acompanhar e como se estivessem fracassando, isso acrescenta mais pontos aos problemas que interferem no emocional.

Ao fim, Todos (100%) responderam que transtornos mentais como depressão e ansiedade são encarados de forma diferente pela sociedade quanto o assunto e homens. Um deles até destacou *“Sim! Eu mesmo antes de ir ao psicólogo pensava assim”*, antes ele entendia depressão ou ansiedade como frescura, principalmente relacionado a homens e com o atendimento especializado ele passou a encarar isso de maneira diferente. E todos mencionaram que conversaria ou procuraria ajuda profissional se tivessem algum problema, mas percebeu-se que a maioria não sabe em qual momento, qual o momento é necessário ir ao atendimento especializado.

3.2 A Depressão e Ansiedade em Homens (Uma visão Geral)

De acordo com o site “gnitech” a incidência de depressão em homens é mais baixa, porém pode ser uma situação delicada, pois existem alguns agravantes para esse grupo como a baixa procura de ajuda médica, pois existe um “Estigma social de que buscar ajuda é sinal de

fragilidade” e por isso muitos homens evitam atendimentos médicos. As consequências disso são mais graves, pois pelo fato de enfrentar sozinho os sintomas e angústias, o quadro pode evoluir e persistir por mais tempo.

O site da ABRATA destaca que muitos homens até desconhecem estar sendo afetados pela depressão ou ansiedade. As principais formas que ela se manifesta é: Fadiga; Dormir muito ou pouquíssimo; Dor de estômago ou nas costas; Irritabilidade; Dificuldade de concentração; Raiva ou hostilidade; Stress; Ansiedade; Abuso de substâncias; Disfunção sexual; Indecisão; Pensamentos suicidas. Sendo os homens mais velhos, mais propensos ao suicídio e às vezes nem os médicos conseguem perceber a depressão nesse grupo, justamente por serem muito fechados a desabafar. Segundo o site “Cerca de 70% das vítimas mais velhas de suicídio visitaram seus médicos no mês da morte”.

Assim, qualquer alteração deve ser acompanhada de perto por os médicos e tratados às vezes com medicamentos e psicoterapia. Então não se deve pensar que sintomas como os acima descritos são parte normal do processo de envelhecimento, longe disso, pode ser um problema que ao se agravar pode levar a consequências sérias.

Os profissionais que devem ser o apoio no enfrentamento desses problemas são os Psicólogos e Psiquiatras. Esses profissionais, primeiramente farão uma avaliação inicial para definir o diagnóstico e gravidade, para assim definir a melhor forma de tratamento. Os diagnósticos são difíceis e requerem certo tempo e quanto mais cedo ir, melhor vai ser para garantir melhores resultados. Os melhores tratamentos são os que combinam o acompanhamento do psicólogo e do psiquiatra. Mudanças nos hábitos de vida como a prática de atividades físicas pode contribuir positivamente para o tratamento. As saúdes físicas e mentais estão diretamente relacionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com essa pesquisa que os homens realmente tem uma tendência a querer se resolver sozinho, a não demonstrarem bem seus sentimentos e inquietações. O que pode ter relação com estigmas sociais de acreditar que procurar ajuda seja um sinal de fragilidade e as consequências disso podem ser muito graves.

Aprendemos muito com esse trabalho, principalmente porque ele estimulou pesquisas, análise de vídeos e documentários, o que possibilitou compreender mais ainda sobre esse tema, que é tão importante de ser discutido, pois tem muitos homens que passam por

problemas e não buscam ajuda, principalmente por preconceitos enraizados na sociedade. Por isso é importante que haja mais estudos sobre esse tema e campanhas de conscientização.

Campanhas voltadas principalmente aos mais jovens que são mais propensos a desenvolver uma consciência sobre o Tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.abrata.org.br/14546-2/>

<https://hospitalsantamonica.com.br/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-transtorno-mental/>

<https://www.psychiatry.org/patients-families/what-is-mental-illness>

<https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-as-causas-dos-transtornos-mentais-na-infancia-e-adolescencia>

<https://psiquiatriapaulista.com.br/ansiedade-depressao-tratamento-sintomas-problemas-seculo/>

<https://www.otempo.com.br/brasil/convivencia-se-intensifica-na-pandemia-e-divorcios-crescem-24-no-brasil-1.2518317>

<https://gntech.med.br/blog/post/depressao-em-homens>

<https://blog.cenatcursos.com.br/a-historia-da-saude-mental-do-antigo-ao-contemporaneo/>

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>

APÊNDICES

APÊNDICE A - Convite aos professores



APÊNDICE B - Certificado de apresentação

 Rua Carlos Soares de Brito, s/n – Bairro Santo Antônio / Salgueiro – PE
E-mail: escoladomaln@gmail.com
Aut. De Funcionamento Portaria: SECE Nº9904 de 13/11/1991
Publicado no D. Oficial de 14/11/1991 sob Inscrição Municipal: M-703.159
CNPJ – 05.728.288/0001-68
FONE: (87) 3871-0244/3871-3877



CERTIFICADO

De **APRESENTAÇÃO**

A ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO FUNDAMENTAL DOM MALAN CONFERE ESTE CERTIFICADO A _____ POR SUA APRESENTAÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL - TCF, INTITULADO _____, NA DATA DE ____/____/____.

APÊNDICE C- Grupos de estudo (Whatsapp)



APÊNDICE D - Fotos das apresentações dos



TCF's















APÊNDICE E – Caderno com orientações para docentes sobre pesquisa na educação básica

CICERA ROSIMERE FERREIRA

As possibilidades docentes para o trabalho com a pesquisa na escola básica



SUMÁRIO

Apresentação 154

1.1 A Pesquisa como Processo de Aprendizagem	157
1.2 As dificuldades de fazer pesquisa na escola	157
1.3 Deficiências na formação para a pesquisa escolar	158
Em seus estudos, Gasque (2012, p. 47) levanta alguns pontos que evidenciam as deficiências na formação para a pesquisa escolar:	158
II CAPÍTULO	1
CAMINHOS PARA ORIENTAR A PESQUISA NA ESCOLA	1
2.1 Como orientar a pesquisa escolar sob a perspectiva da autora Carol Kuhlthau	1
2.2 Etapas para o desenvolvimento da pesquisa	2
2.3 Fontes de informação na Educação Básica	4
2.5 Estruturação dos trabalhos de pesquisa	6
2.6 Motivação e interesse dos estudantes	6
2.7 Características dos estudantes envolvidos no processo de pesquisa	7
CAPÍTULO III	8
A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DA PESQUISA E A EDUCAÇÃO INTEGRAL	8
3.1 Breve contextualização acerca da educação integral	8
3.2 O Protagonismo Juvenil na educação integral	9
3.3 O lugar do pesquisador na Educação Integral	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13

“A educação deve ensinar o que a vida significa. A escola deve preparar cidadãos urbi et orbi (para a cidade e para o mundo). Agentes da paz, da cultura, da humanidade. Se o objetivo é educar para a democracia, deve-se educar para a verdade, para a justiça, para o saber, para a solidariedade. Isso exige educar pessoas, formá-las para viver entre seres humanos e com eles compartilhar preocupações e sonhos, a partir de pontos de vista diferentes e mesmo contrários, às vezes. Por isso, é indispensável formar pessoas que aprendem a refletir e a discordar, a descobrir as virtudes do consenso. Só se consegue isso privilegiando a formação de espíritos críticos em liberdade.”

Cisneros, 2009.

Apresentação

O presente caderno pedagógico é um material didático voltado para professores da educação básica, com o objetivo de auxiliar os docentes no processo de desenvolvimento das pesquisas com seus alunos. Esse material foi produzido como resultado de uma pesquisa de mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande -PB em 2023, levando em consideração que esse programa exige como resultado da pesquisa, um produto pedagógico que sirva como um facilitador no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Nesse contexto, apresento como produto dessa dissertação, dois cadernos de orientações didáticas para a pesquisa na escola. Sendo um voltado para o acompanhamento do estudante nesse processo de escrita e o outro como um material organizado, com a proposta de despertar no docente, o interesse pela prática de pesquisa, na Educação básica.

A dissertação apresenta como título “As contribuições e Desafios da prática da pesquisa na Educação básica, como recurso pedagógico para as aulas de Língua Portuguesa”, apresento como objeto de estudo a prática pedagógica da iniciação científica na educação básica. Trago como material empírico a minha experiência pedagógica, como professora da disciplina Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental TCEF e de Língua Portuguesa realizada com os alunos do 9º ano, na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro/PE.

Em minha experiência como professora do Ensino Fundamental tenho observado que no momento em que o aluno se depara com atividades voltadas à pesquisa, se vê frente a uma situação conflituosa e, por falta de orientação, sem saber como fazer e onde encontrar materiais sobre o tema solicitado, simplesmente deixa de fazer ou apresenta cópias fiéis de partes de obras ou recorte de textos, sem consciência do crime do plágio cometido. Uma hipótese, entre outras, é que essa problemática esteja relacionada com a formação docente. Questiono se a formação precária dos professores em suas graduações e a falta de aprofundamentos sobre o tema na formação continuada dos mesmos pode resultar na desqualificação da pesquisa no Ensino Fundamental.

No curso superior, disciplinas chamadas “Metodologia do Trabalho Científico” talvez não seja suficiente para que o professor exerça a atividade de orientador, de maneira a se sentir preparado para acompanhar de pesquisas por seus alunos. Nesse contexto, é muito difícil quando esse professor vai ministrar aulas para 1º e 2º grau, conseguir desenvolver ações voltadas ao ensino partindo da pesquisa, ou articulado à prática da iniciação científica.

Uma vez que, ele não construiu essa perspectiva na sua formação acadêmica. Logo, foram questões como essas que me impulsionaram a discutir o lugar da pesquisa na educação básica.

I. CAPÍTULO

1.1 A Pesquisa como Processo de Aprendizagem

- *Como você compreende a prática da pesquisa em sala de aula ?*
-

A pesquisa, como recurso para a construção do conhecimento, é uma atividade complexa a ser desenvolvida no contexto da escola a fim de possibilitar novos conhecimentos ou desfazer conhecimentos estabelecidos, constituindo-se como processo de aprendizagem.

A aprendizagem através da pesquisa deve ser estimulada por um processo didático, que geralmente, é o método de indução.

O professor encaminha o aluno pesquisador a descobrir, por si próprio, o que deverá conhecer, levando-o a querer saber as respostas das questões expostas em aulas ou em trabalhos escolares e/ou científicos. É essencial usar raciocínio lógico, pensamento crítico, poder de interpretação e outras habilidades. “Entra aqui o despertar da curiosidade, da inquietude, do desejo de descoberta e criação, sobretudo atitude política emancipatória de construção do sujeito social competente e organizado” (DEMO, 2003b, p. 82).

1.2 As dificuldades de fazer pesquisa na escola

- *Quais são as dificuldades que você enfrenta na sala de aula, para realizar pesquisas escolares com seus alunos ?*
-

A pesquisa escolar é uma estratégia de aprendizagem reconhecida como valiosa por muitos educadores. No entanto, na prática a pesquisa escolar ainda é inconsistente. Abreu (2002, p. 25) afirma que “[...] existe uma concordância generalizada entre os educadores de que a pesquisa escolar é uma excelente estratégia de aprendizagem [...] mas, na realidade, a situação é bem diferente: ninguém está satisfeito com a pesquisa escolar”.

O modo como a pesquisa é desenvolvida na prática cotidiana da escola não representa a sua importância como recurso de aprendizagem. Acontece que, em muitos casos, o aluno se encontra tão despreparado que tem diversas dificuldades para usar a biblioteca, fazer suas pesquisas, usar a criatividade, elaborar seu próprio texto com base em afirmações científicas.

Do outro lado encontra-se o professor, muitas vezes sem formação adequada e estímulo para ser também um pesquisador. Carvalho (2016, p. 59) aponta, como essencial para a formação básica do professor, “[...] a existência de conteúdos curriculares que o capacite a lidar eficaz e eficientemente com a informação”. A autora reconhece também que a capacitação do professor não se encerra em um curso de graduação, sendo necessária formação continuada que favoreça, ao professor, as competências e habilidades informacionais necessárias a um pesquisador proficiente.

1.3 Deficiências na formação para a pesquisa escolar

- *Como foi a sua relação com a pesquisa no curso de formação para professor*

Em seus estudos, Gasque (2012, p. 47) levanta alguns pontos que evidenciam as deficiências na formação para a pesquisa escolar:

Formação inadequada dos professores para o ensino da pesquisa.



Visão simplista da pesquisa, identificada como mera cópia, síntese ou repasse de conteúdo, sem a reflexão crítica sobre a sua real importância na prática docente.



Inexistência de orientação para buscar e usar a informação desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, o que acarreta, aos universitários, dificuldades em realizar buscas bibliográficas e na produção dos trabalhos acadêmicos.

II CAPÍTULO

CAMINHOS PARA ORIENTAR A PESQUISA NA ESCOLA

Em 2010, foi lançado o livro “Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem”, de Carol Kuhlthau. Traduzido e adaptado por membros do GEBE, sob a coordenação da Profª. Bernadete Campello, o livro mostra que o processo de buscar e usar informações é essencial para a construção do conhecimento e parte fundamental da pesquisa escolar. Essa metodologia ajuda professores e bibliotecários a conduzir a aprendizagem pela pesquisa, fornecendo estratégias para cada fase do processo.

Ressalvo que a perspectiva da minha pesquisa de mestrado não discute a função específica da biblioteca e a figura do bibliotecário nesse processo de produção de pesquisa de alunos na educação básica. Mas, compreendo a importância desses no contexto em discussão.

- *Como você costuma orientar a prática da pesquisa na sala de aula ?*

2.1 Como orientar a pesquisa escolar sob a perspectiva da autora Carol Kuhlthau



Segundo Kuhlthau (2010), há algum tempo, o trabalho de pesquisa era considerado apenas como exercício acadêmico: hoje é visto como essencial para o desenvolvimento da habilidade de definir a perspectiva focalizada de uma questão ou problema, utilizando-se variadas fontes de informações. Desenvolver habilidades de pesquisa como um processo de busca de informações é necessário para muitos indivíduos na sociedade da informação e a habilidade de identificar necessidades de informação, localizar informações apropriadas e utilizá-las para aprender, tomar decisões e resolver problemas é necessária a qualquer pessoa.

Nessa obra, ela faz indagações muito importantes acerca de como preparar as pessoas para viverem uma vida completa e produtiva na sociedade da informação, como trabalhar as habilidades essenciais para que os estudantes possam lidar com informações na busca de soluções para problemas interessantes, explorara como eles podem reunir informações para definir e ampliar o foco e apresentarem seu ponto de vista para uma audiência interessada. A

pesquisa que utiliza a abordagem baseada em processo que combina a aprendizagem de conteúdos com a de habilidades de uso de informações, necessárias para lidar com problemas reais em contextos do mundo real na era da informação.

2.2 Etapas para o desenvolvimento da pesquisa

● Tarefa do 1º estágio


No primeiro estágio do processo de pesquisa, a tarefa dos estudantes é se prepararem para selecionar o assunto. Primeiro precisam compreender o que é esperado deles. Quais são as exigências do trabalho? A experiência prévia que os estudantes possuem com pesquisa influencia o modo como lidam com a tarefa que vão enfrentar. Estudantes mais experientes tentam imediatamente estabelecer os limites do trabalho. Já aqueles com pouca experiência prévia em pesquisa tendem a protelar a tarefa inicial.

● Reações à proposta de pesquisa

Quando um professor solicita um trabalho de pesquisa, a primeira e mais comum reação dos estudantes é um sentimento de apreensão e ansiedade. Alguns descrevem seus sentimentos da seguinte forma: "É como um tipo de medo que me atinge", "Eu me sinto deprimido e pressionado", "Me sinto sobrecarregado com a quantidade de trabalho que terei de enfrentar". Os estudantes precisam restabelecer a confiança em si mesmos e contar com técnicas para gerenciar sua incerteza nesse estágio.


● Vivência do processo de pesquisa

Para o estudante, aprender o processo de busca de informação é tão importante quanto expandir seu conhecimento sobre determinado assunto. O processo de pesquisa consiste na concepção de ideias por meio de informações à medida que elas são localizadas, lidas e compreendidas. As ideias geradas com base em busca bibliográfica levam à necessidade de mais informações, continuamente, até que a busca seja concluída.



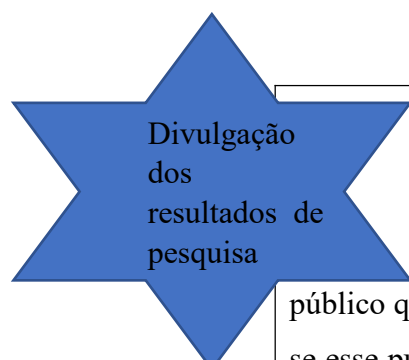
- Criação da necessidade de informação

Em geral, as pessoas começam a buscar informações porque desejam saber mais sobre algo interessante ou problemático. Nesses casos, a motivação surge naturalmente a partir da própria experiência da pessoa. A ânsia por saber mais sobre algo e a sensação de que algumas informações significativas estão faltando são chamadas de “necessidade de informação”. Em uma sociedade baseada em informação, como a nossa, os estudantes devem tornar-se conscientes das próprias necessidades de informação e aprender formas de preencher as lacunas.



Contextualização da pesquisa

Produzir-se o contexto essencial à pesquisa, é necessário, obviamente, um assunto de conteúdo significativo. A busca de informações na biblioteca ou na internet sem um assunto interessante não é nada mais que um exercício vazio. Trabalhos de pesquisa devem ser planejadas valendo-se de conteúdos de disciplinas do currículo. Um método adequado para gerar assuntos de pesquisa relacionados às disciplinas é propor os trabalhos no início do curso, de modo que os estudantes possam perceber assuntos potenciais de pesquisa no espaço das aulas ou durante as leituras que realizam ao longo do ano. Além disso, nas aulas, o professor pode destacar possíveis tópicos para investigação.



Divulgação dos resultados de pesquisa

O professor que propõe um trabalho de pesquisa é tradicionalmente o único público que o lê. Pode-se aumentar o interesse dos estudantes em fazer pesquisas ampliando-se esse público. A pesquisa torna-se uma atividade mais interessante quando eles sabem que outras pessoas vão assistir à apresentação dos resultados do trabalho.

2.3 Fontes de informação na Educação Básica

É perceptível que a internet tem sido a forma mais utilizada para recuperação de informação. Devido à facilidade, rapidez e ao menor esforço, crianças e jovens recorrem instantaneamente à internet quando lhes é solicitada uma pesquisa sobre determinado assunto. Fialho e Moura (2005, p. 204) alertam que “[...] a atual conjuntura requer um preparo dos docentes no sentido de ajudar a desenvolver, nos alunos, uma consciência crítica acerca dos limites do uso das fontes eletrônicas”. Cabe ao professor intermediar e fazer com que os alunos tenham contato significativo com fontes que realmente contribuam para a aprendizagem, sejam estas impressas ou eletrônicas.

Muitas vezes a opção do professor por um tipo de material pode estar ligada à motivação que pretende despertar no aluno. Fontes de informação alternativas estimulam os estudantes a participar das aulas e a se envolver efetivamente com as pesquisas. Materiais audiovisuais, por exemplo, são recursos valiosos que tornam as aulas mais atrativas e as pesquisas mais interessantes.

As fontes de informação mais exploradas na Educação Básica podem ser relacionadas como:

- Literatura infantil e juvenil



A literatura infantil e juvenil possui riqueza e diversidade de textos que estimulam a leitura, a imaginação e a interpretação e enriquecem a escrita. Especificamente a literatura juvenil trata de temas de interesse dos adolescentes.

- Livros didáticos



Os livros didáticos são materiais de apoio pedagógico para trabalhar os conteúdos das disciplinas. É preciso cuidado na seleção e no uso do material para que não ocorra simplificação e fragmentação dos conteúdos, sendo indicada a complementação com outras fontes. Demo (2003a) recomenda que o professor não seja apenas usuário de

material didático, mas que reconstrua seu próprio material de acordo com o contexto da sua atuação.

- Obras de referência



As obras de referência são documentos organizados para consulta de apoio, para iniciar a pesquisa, conhecer um dado específico, oferecer uma visão geral do assunto pesquisado ou esclarecer dúvidas sobre conceitos (CUNHA, 2001). Os mais utilizados na Educação Básica são os dicionários, os guias e as enciclopédias.

- Periódicos, multimeios (vídeos, imagens), jogos educativos e internet.



Periódicos são jornais e revistas que trazem informações atualizadas sobre determinado assunto e ajudam na interpretação de textos informativos. Sejam impressos ou eletrônicos, ajudam a complementar e reforçar conteúdos (BUENO, 2006). Os periódicos científicos são revisados por especialistas em cada área de conhecimento, o que lhes assegura autenticidade da informação que produzem.

- Os livros paradidáticos



Os livros paradidáticos trazem informações para aprofundar e enriquecer o conhecimento em relação a um assunto. Podem ser apresentados em forma de narrativa, assemelhando-se aos livros literários, e, em geral, têm o sentido de estimular atitudes e comportamentos. Podem ser também apresentados como livros informativos, que têm, por concepção, a divulgação científica, a popularização da ciência, da leitura e da pesquisa (CAMPELLO; SILVA, 2018).

2.4 Planejamento do projeto de pesquisa

Planejar um projeto de pesquisa constitui um desafio mesmo para professores experientes. Um projeto bem-sucedido cria necessidades informacionais que motivam os estudantes a buscar informações. Apesar de ser uma tarefa difícil, existem critérios básicos para o planejamento de propostas significativas de pesquisa.

2.5 Estruturação dos trabalhos de pesquisa



Os trabalhos de pesquisa podem ser estruturados de diversas formas, alternando-se de formais a informais, com variações entre os extremos. Trabalhos formais possuem requisitos explícitos e detalhados e requerem coleta de informações durante um período de tempo extenso, além de apresentação escrita com citações e referências bibliográficas. Já os informais podem ser completados em uma única visita à biblioteca e em geral são apresentados oralmente.

2.6 Motivação e interesse dos estudantes

- *Como você costuma motivar seus alunos para realizarem as pesquisas escolares ?*



Um fator importante no planejamento do trabalho de pesquisa é a motivação dos estudantes. A avaliação e a atribuição de nota para motivá-los a pesquisar podem ser levados em conta, mas devem ser considerados sobretudo os fatores de motivação interna. Aparentemente, essa pode parecer uma questão simples já que, de modo geral, os estudantes são motivados por assuntos que possuem significados e interesse para eles. Por essa razão, é plausível pensar que, se tiverem liberdade para escolher qualquer assunto que lhes interesse, estarão devidamente motivados; em outras palavras, quanto menos interferência, melhor.

2.7 Características dos estudantes envolvidos no processo de pesquisa

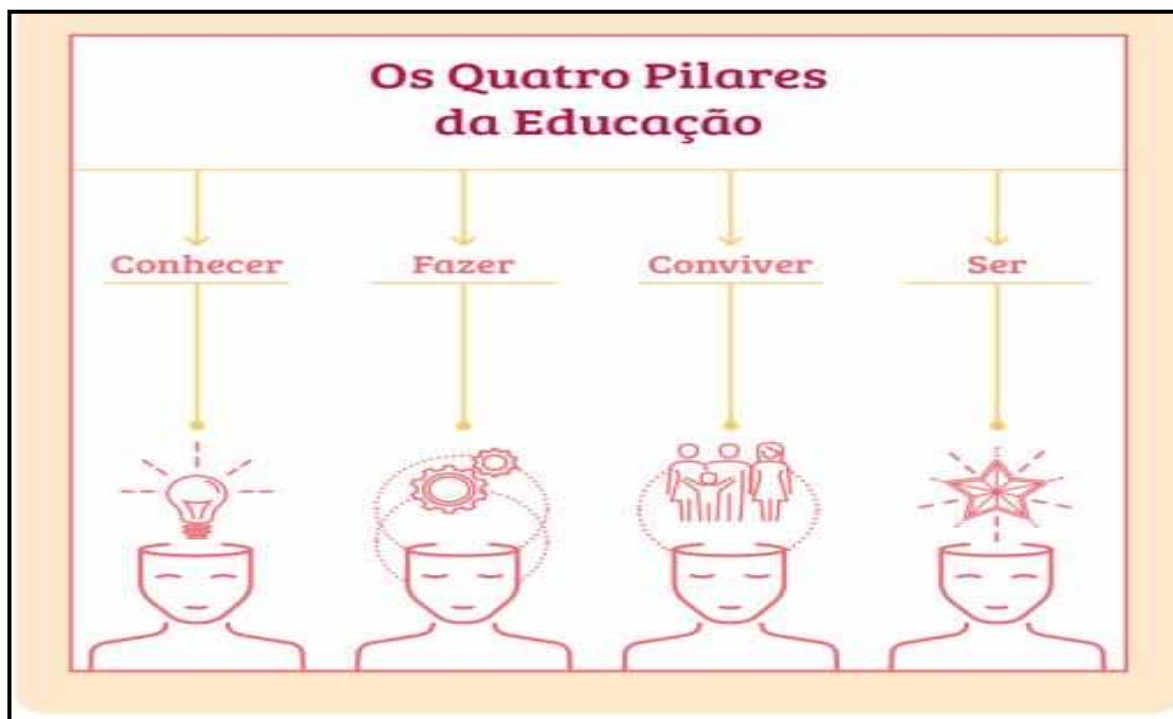
No planejamento de um trabalho de pesquisa, as características dos estudantes, suas habilidades e experiências devem ser levadas em conta. Trabalhos de pesquisa não deveriam restringir-se a estudantes dos níveis mais adiantados; todos podem e devem receber esse tipo de trabalho. No entanto, os trabalhos devem ser planejados sob medida, considerando-se a habilidade, a experiência e o interesse de cada estudante.

CAPÍTULO III

A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DA PESQUISA E A EDUCAÇÃO INTEGRAL

3.1 Breve contextualização acerca da educação integral

No Brasil, o modelo de Educação Integral começa sendo implantada em Pernambuco, em Recife, no ano de 2004. Mas, somente quatro anos depois desses primeiros passos e que foi criada a Lei Complementar Nº 125, de 10 de julho de 2008. O Programa de Educação Integral é baseado na Educação Interdimensional, que como já falado, teve como mentor o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa (2001). De acordo com Costa (2001), esse modelo de Educação considera os quatro pilares da educação: Aprender a ser, Aprender a fazer, Aprender a conviver e a Aprender a conhecer. Nas escolas integrais em Pernambuco, gestores e professores têm recebido formação presencial em Educação Interdimensional, visando a apropriar-se da proposta que incentiva os estudantes a ser protagonista do seu desempenho e sofrer sucesso escolar, além de prepara-los para a vida acadêmica e profissional.



3.2 O Protagonismo Juvenil na educação integral

A palavra Protagonismo, de origem grega, usada no teatro, na literatura e, mais recentemente, na sociologia e na política para ilustração dos atores sociais como agentes principais dos seus respectivos movimentos, cede também à educação o seu uso. Dessa forma, os educadores passam a chamar de Protagonismo os processos, movimentos e dinamismos sociais e educativos, nos quais os adolescentes e jovens, apoiados ou não pelos seus educadores, assumem o papel principal das ações que executam.

O Protagonismo tem grande importância no Modelo da Escola da Escolha. Ele se apresenta como Premissa no Modelo de Gestão e Princípio Educativo, Metodologia de Êxito e Prática Educativa no Modelo Pedagógico. Como Metodologia de Êxito, é oferecido como um dos componentes curriculares da Parte Diversificada do currículo para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Como Princípio Educativo, se torna prática no “chão da escola” por meio

de um conjunto de Práticas Educativas de Vivências em Protagonismo realizadas pelos estudantes de variadas maneiras, em níveis diferenciados de autonomia, nas distintas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

3.3 O lugar do pesquisador na Educação Integral

No quadro Curricular da Escola Integral são apresentadas algumas disciplinas que são consideradas diferenciais da escola regular, são elas: Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil, Práticas Experimentais, Estudo, Iniciação científica e TCEF. A apresentação dos TCEFs acontece somente no 9º ano, como pré-requisito de conclusão do ensino fundamental II. Mas, os estudos do TCEF são iniciados no 8º ano com a disciplina de Iniciação Científica.

O TCEF é uma disciplina interdisciplinar. Uma vez que os temas podem abordar qualquer problemática e ultrapassar todas as disciplinas. As pesquisas são tanto de campo quanto bibliográfica. Cada tema é contextualizado na história até fazer uma ponte com o presente, as entrevistas sobre os temas acontecem de diversas formas, como através de :enquetes no status do WhatsApp e em páginas pessoais no Instagram de cada discente. As enquetes proporcionaram uma excelente atividade de análise de dados, utilizando assim conhecimentos da matemática. Alguns grupos realizaram entrevistas tanto pelo aplicativo Meet quanto em caráter presencial com direito a visita a algumas instituições as quais foram escolhidas pelos grupos de acordo com cada temática.

A produção dos Trabalhos de Conclusão do Ensino Fundamental (TCEFS) acontecem desde o primeiro dia de aula da disciplina do ano letivo. Sendo mais específico, as orientações começam em março. A disciplina tem uma carga horária de 40hs anual, o planejamento das aulas é elaborado da seguinte maneira:

Cronograma da disciplina - TCEF

Nº		Atividades realizadas na disciplina TCEFs
01	Março	Apresentação do conceito e características da pesquisa científica, análise dos TCEFs já apresentados em anos anteriores.
02	Abril	Debates de possíveis temas para a produção das pesquisas,

		escolhas dos temas e divisão dos grupos.
03	Maio	Redefinição e aprofundamento dos temas para produção dos textos, Leitura e análise de artigos científicos sobre os temas escolhidos pelos grupos.
04	Junho	Fichamentos e resumos dos textos pesquisados sobre os temas das pesquisas. Debates das informações obtidas nos textos. Atividade realizada em grupo.
05	Julho	Escolha do título, definição dos objetivos, escrita da justificativa e construção do sumário.
06	Agosto	Escrita e reescrita do 1º Capítulo.
07	Setembro	Escrita e reescrita do 2º Capítulo.
08	Outubro	Construção das enquetes –Execução das entrevistas
09		Escrita e reescrita do 3º Capítulo.
10	Novembro	Correção do texto escrito, organização dos slides e apresentação dos TCEFS.

A equipe escolar decide como será usada a nota dos TCEFs. A minha sugestão é que seja usada como uma nota completa no IV bimestre. Uma vez que ,esse tipo de pesquisa é multidisciplinar .Desenvolve, também, habilidades e competências tanto escritas quanto orais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por último, gostaria de ressaltar resumidamente os resultados obtidos na minha pesquisa de mestrado, título já citado no início desse material. Na busca por algumas respostas, desenvolvi a pesquisa do mestrado seguindo algumas etapas. Logo, compreendendo que desenvolver pesquisa científica na educação básica de fato não é algo tão comum nos currículos escolares no Brasil. Mas, como o próprio título da dissertação propõe refletir sobre as contribuições e desafios da prática da pesquisa na educação básica, como recurso pedagógico para as aulas de língua portuguesa .Me propus a pensar em quais condições seriam possíveis realizar atividades de pesquisa na educação básica, como enfrentar os desafios que atividades como essas apresentam.

Encontrei no percurso dessa pesquisa muitas respostas, muitas surpresas, dúvidas, anseios. Entre elas, cito algumas aqui:

1. Os alunos têm dificuldades de compreender o que de fato é uma pesquisa, seja ela de caráter escolar ou científica. Por isso, acredito que seja preciso abrir espaço nas aulas para discutir a importância da pesquisa científica para a humanidade.

Refletir sobre as seguintes questões:

- Como as descobertas científicas modificaram a vida do ser humano?
- Como essas descobertas ajudaram na evolução da espécie humana?
- É preciso abrir espaços nas formações com os professores, para discutimos questões como:
- Como fazer pesquisa? Quem faz pesquisa? Quem pode fazer pesquisa? Onde é possível fazer pesquisa?

É imprescindível desmistificar esse estereótipo de que fazer pesquisa não pode fazer parte da educação básica, que isso seja somente coisa da universidade, de pessoas superinteligentes de pessoas superdotadas. Nesse sentido, desenvolvi um caderno de atividades com orientações teóricas e práticas para auxiliar os alunos nesse percurso da escrita da pesquisa. Logo, acredito, também, que a disciplina TCEF traz para a educação integral a possibilidade de pensar sobre essas questões.

Em relação a usar as pesquisas como recurso pedagógico para as aulas de Língua Portuguesa, pontuei alguns conteúdos curriculares que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) propõe para o ensino a partir da perspectiva da pesquisa.

Os conteúdos curriculares relacionados a estrutura, características e produção do texto argumentativo são, também, bastante contemplados na produção dos TCEFS, como por exemplo: Gênero textual: artigo de opinião, características composicionais, tipos de argumentos, estrutura do texto argumentativo, defesa de ponto de vista; estratégias argumentativas, Levantamento de dados, informações e seleção de argumentos; Contexto de produção e circulação do texto, relação entre teses, argumentos e posicionamentos; posicionamento crítico e fundamentado e Coesão sequencial entre outros.

Portanto, é imprescindível reconhecer a importância da produção dos TCEFS com o ensino de Língua Portuguesa. Acredito, também, que seja interessante os estudantes apresentarem

primeiro o resumo das pesquisas em uma feira de conhecimento na própria escola para que eles possam ir se apropriando do tema, da apresentação oral das suas pesquisas. Em seguida, há possibilidades desses alunos apresentarem suas pesquisas em eventos municipais e estaduais. Esses TCEFS devem ter um retorno social, o texto além de ficar na biblioteca com espaço reservado, incentivado pelos outros professores para utilizarem em suas aulas, como fonte de pesquisa, devem retornar aos agentes sociais aos setores sociais

REFERÊNCIAS

BARRETO, T. **Modelo Pedagógico**: Princípios Educativos. Instituto de Corresponsabilidade pela Educação: Recife, Caderno 5, 2ª ed., 2019.

BRASIL. EducamaisBrasil. **Educação Básica**. <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao-basica>. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao-basica>. Acesso em 18 de fev. de 2022.

CREI. Centro de Referência em Educação Integral. **Conceito**. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/conceito/>. Acesso em 18 de ago. de 22

FRAZÃO, Sheila Cristina. **A importância da pesquisa na perspectiva do professor de ensino médio**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação básica)-Curso de Educação-Universidade Federal de Goiás(UFG), Goiânia 2022.

KUHLTHAU, Carol Collier, **Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem** Carol Collier Kuhlthau.-Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. Título

original : **Teaching the Library Research Process.**”Traduzido e adaptado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais”.

WIKIPEDIA. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. **Quatro pilares da Educação.** Disponível em: Quatro pilares da educação – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

APÊNDICE F – Caderno com orientações para os alunos sobre pesquisa na educação básica

CICERA ROSIMERE FERREIRA

COMO SER UM PESQUISADOR(A) NA EDUCAÇÃO BÁSICA?



SUMÁRIO

Apresentação

- 1. Capítulo - Iniciação Científica: Conceito e características**
 - 1.1 O que é iniciação científica?**
 - 1.2 Como atua o aluno de iniciação científica?**
 - 1.3 O que precisa fazer para ser um aluno pesquisador?**
 - 1.4 Como ser pesquisador(a) na Educação básica?**

- 2. Estrutura do Projeto de pesquisa**
 - A) Parte externa**
 - B) Parte Interna**
 - C) Elemento textual**

- 3. O Passo a passo do seu projeto de pesquisa**
 - 3.1 Tema**
 - 3.2 Objetivos**
 - 3.3 Problema**
 - 3.4 Justificativa**
 - 3.5 Introdução**
 - 3.6 Metodologia**
 - 3.7 Classificação quanto aos procedimentos técnicos de pesquisa**
 - 3.8 Revisão de literatura**
 - 3.9 Análise de dados**
 - 3.10 Como fazer cronograma de TCC**
 - 3.11 Referências**
 - 3.12 Elementos pós-textuais**

- 4. Painel de sites para fazer a pesquisa**

- 5. Vamos começar a escrever seu projeto de pesquisa?**

- 6. Referências bibliográficas**

A educação deve ensinar o que a vida significa. A escola deve preparar cidadãos urbi et orbi (para a cidade e para o mundo). Agentes da paz, da cultura, da humanidade. Se o objetivo é educar para a democracia, deve-se educar para a verdade, para a justiça, para o saber, para a solidariedade. Isso exige educar pessoas, formá-las para viver entre seres humanos e com eles compartilhar preocupações e sonhos, a partir de pontos de vista diferentes e mesmo contrários, às vezes. Por isso, é indispensável formar pessoas que aprendem a refletir e a discordar, a descobrir as virtudes do consenso. Só se consegue isso privilegiando a formação de espíritos críticos em liberdade.”

Cisneros ,2009.

Apresentação

O presente caderno pedagógico é um material didático, produzido como resultado de uma pesquisa de mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande -PB em 2023

.A dissertação apresenta como título “As contribuições e Desafios da prática da pesquisa na Educação básica, como recurso pedagógico para as aulas de Língua Portuguesa”, apresento como objeto de estudo a prática pedagógica da iniciação científica na educação básica. Trago como material empírico a minha experiência pedagógica, como professora da disciplina Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental TCF e de Língua Portuguesa realizada com os alunos do 9º ano, na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no município de Salgueiro/PE.

A motivação do tema da pesquisa se deu através de inquietações do cotidiano escolar. Por compreender que a pesquisa na escola como relevante para o desenvolvimento da autonomia do aluno e para sua vida acadêmica, percebi, na escola onde leciono, algumas questões as quais considerado relevantes serem debatidas a fim de propor um direcionamento mais pedagógico para o trabalho com a prática de pesquisa na escola.

O tema dessa pesquisa é de suma importância não só para a comunidade escolar, mas para a sociedade como um todo. Uma vez que, a ciência tem o poder de produzir conhecimento e mudar a realidade da humanidade; ela proporciona prazer intelectual a quem pratica e através dos resultados atinge um nível de satisfação também para todos os sujeitos sociais. Mesmo a ciência não trazendo a verdade absoluta, ela busca a aproximação mais completa da realidade. E, para realizar esse processo, a metodologia científica, se tomada como um caminho a ser percorrido, é um instrumento científico que também permite criticar a produção do conhecimento. Porém, geralmente, somente nos cursos de graduação é que os estudantes tem o primeiro contato com as teorias metodológicas que norteiam a produção da pesquisa científica. Nesse contexto, a presente pesquisa analisa uma prática de iniciação científica aplicada na educação básica, por acreditar que seja possível realizar, mesmo com todas as dificuldades, pesquisas com alunos nessa fase.

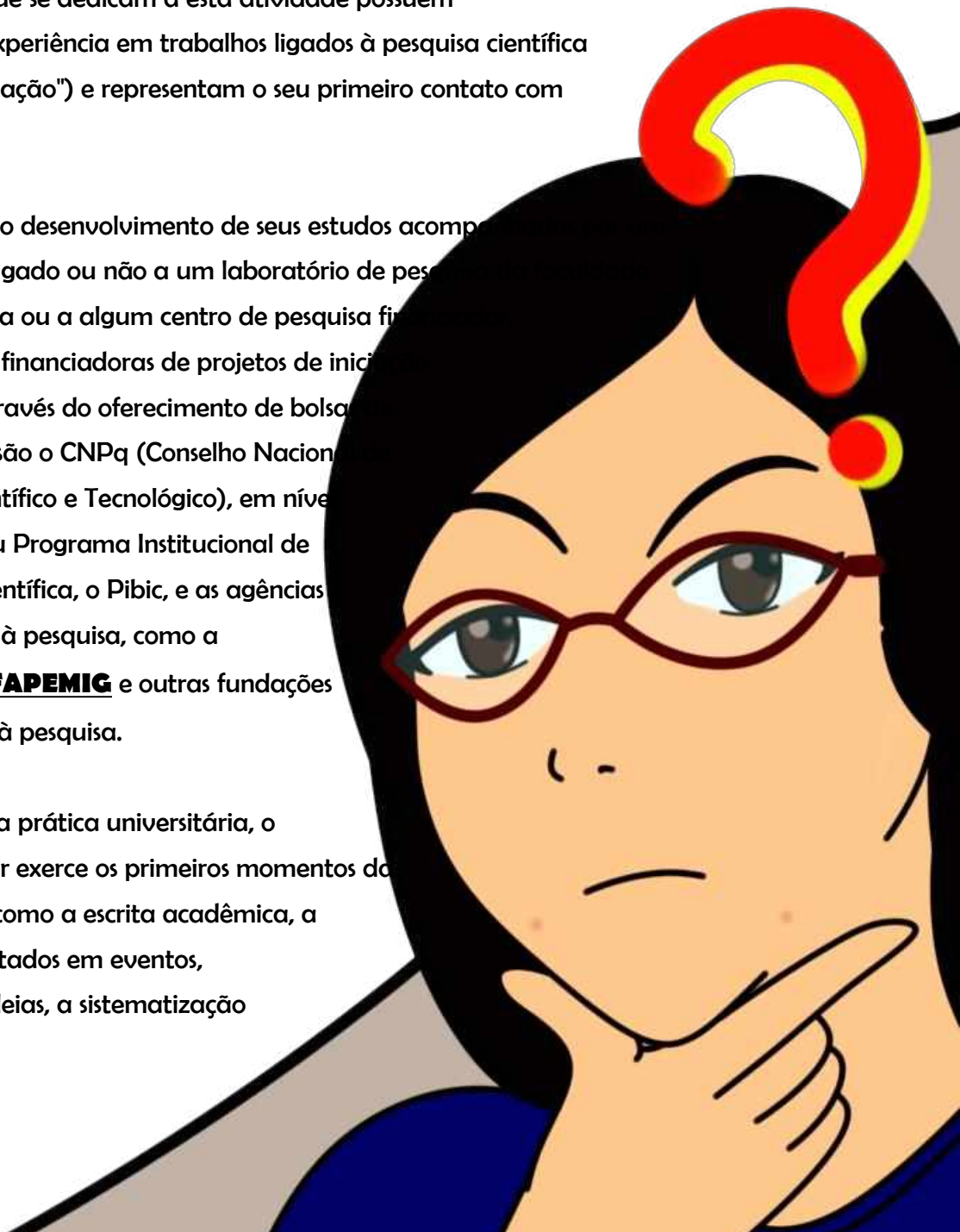
INICIAÇÃO CIENTÍFICA: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

1. O que é Iniciação Científica?

A iniciação científica é uma modalidade de pesquisa acadêmica desenvolvida por alunos de graduação nas universidades brasileiras em diversas áreas do conhecimento. Em geral, os estudantes que se dedicam a esta atividade possuem pouca ou nenhuma experiência em trabalhos ligados à pesquisa científica (daí o caráter de "iniciação") e representam o seu primeiro contato com tal prática.

Os alunos têm o desenvolvimento de seus estudos acompanhado por um professor orientador, ligado ou não a um laboratório de pesquisa na qual o aluno estuda ou a algum centro de pesquisa fixado na universidade. As principais agências financiadoras de projetos de iniciação científica no Brasil (através do oferecimento de bolsas de iniciação científica e incentivo à pesquisa) são o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em nível federal, através de seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, o Pibic, e as agências estaduais de fomento à pesquisa, como a **FAPESP, FAPERJ, FAPEMIG** e outras fundações estaduais de amparo à pesquisa.

Nesta etapa da prática universitária, o estudante-pesquisador exerce os primeiros momentos da pesquisa acadêmica, como a escrita acadêmica, a apresentação de resultados em eventos, a sistematização de ideias, a sistematização



de referenciais teóricos, a síntese de observações ou experiências, a elaboração de relatórios e demais atividades envolvendo o ofício de pesquisador. Um aspecto muito importante da iniciação científica é a formação no campo ético. Um treinamento ético responsável e consistente durante a iniciação científica é uma das maiores contribuições para a formação dos futuros cientistas e cidadãos.

2. Como atua o aluno de iniciação científica?

O trabalho de um aluno de graduação que faz iniciação científica é pesquisar assuntos junto a outros estudantes pesquisadores, criando projeto de pesquisa com professores orientadores e coordenadores já mestres ou doutores, exercendo a oportunidade de desenvolver e descobrir novos produtos ou processos, elementos, máquinas ou até novas teorias.

A carreira dos estudantes estimulados em sala de aula pela iniciação científica tem grande relevância e, em determinadas áreas, produz novos conhecimentos, artigos científicos e gera novas pesquisas científicas. Como pesquisador, o estudante pode receber bolsas de iniciação científica através das agências de fomento (Capes, CNPQ) e de convênios entre instituições e empresas. Também pode seguir carreira acadêmica, futuramente, fazendo parte de instituições de ensino públicas ou privadas, escolas e institutos federais.

3. O que precisa fazer para ser um aluno pesquisador?

Para ser um aluno de iniciação científica, basta se candidatar na sua própria instituição, mediante abertura de editais de iniciação científica. É necessário, também, ter interesse por temas que estejam sendo estudados para se integrar a eles. Em muitos

casos, o estudante também pode ter uma área de interesse que ainda não esteja sendo pesquisada em determinada instituição de ensino e, com apoio de um professor orientador ou coordenador, dê início a novos projetos de pesquisa.

4. Como ser pesquisador(a) na Educação básica?



A prática da pesquisa é uma atividade que faz parte do nosso cotidiano, desde de uma busca simples por algo no supermercado a pesquisa mais estruturadas no ambiente acadêmico. A pesquisa que vamos discutir aqui é científica, ou seja, aquela investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso.

A pesquisa é simplesmente o fundamento de toda e qualquer ciência digna deste nome. Sem pesquisa não há ciência, muito menos tecnologia. Todas as grandes empresas do mundo de hoje possuem departamentos chamados “Pesquisas e Desenvolvimento” (P&D). Os departamentos de P&D estão sempre tentando dar um passo à frente para a obtenção de novos produtos que respondem melhor às exigências cada vez maiores dos consumidores ou simplesmente que permitam vencer a concorrência das outras empresas.

As maiores descobertas que mudaram a história da humanidade partiram de resultados de pesquisas. A invenção da luz elétrica e a internet podem ser a exemplificação perfeita nessa discussão. Outro exemplo muito importante foi em 2020 quando o mundo parou por conta da pandemia do Covid-19. Logo, todos os pesquisadores do mundo inteiro começaram a correr contra o tempo em busca da vacina. No dia 8 de dezembro de 2020, o Reino Unido se tornou o primeiro país do Ocidente a vacinar a população contra o novo coronavírus. O imunizante aprovado para o uso emergencial foi o desenvolvido pela parceria entre a farmacêutica americana Pfizer e a empresa de biotecnologia alemã BioNTech. Pouco tempo depois, a aprovação também ocorreu nos Estados Unidos, no Canadá, na União Europeia e assim em diante.

A pesquisa pode fazer parte de todas as etapas de ensino, desde da educação infantil a universidade, cada etapa será desenvolvida conforme as habilidades e competências correspondentes a cada ano escolar. Na escola integral, por exemplo, no quadro curricular são apresentadas algumas disciplinas que são consideradas diferenciais da escola regular, são elas: Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil, Práticas Experimentais, Estudo, Iniciação científica e TCEF. O estudo do TCEF é iniciado no 8º ano com a disciplina de Iniciação Científica. Mas, a apresentação acontece somente no 9º ano, como pré-requisito de conclusão do ensino fundamental II.

No 8º ano, os estudantes começam a compreender o conceito e características da iniciação científica. Porém, somente no 9º ano, os alunos desenvolvem suas pesquisas junto com seus orientadores. O TCEF pode ser desenvolvido em grupo ou individual, o cronograma das atividades de pesquisas é dividido em todos os bimestres do ano e no final do ano letivo, acontece a apresentação oral dos trabalhos. Nesse dia, todo o corpo docente e discente da escola está envolvido nessa atividade. A avaliação é feita a partir de uma banca de avaliadores, composta por dois professores, eles irão analisar a escrita e a apresentação da pesquisa. A nota da pesquisa será lançada no sistema de notas correspondente ao 4º bimestre do ano letivo.

O TCEF é uma disciplina interdisciplinar que contribui para o crescimento não só intelectual do aluno, mas também cultural, social e político. Uma vez que, os temas podem abordar qualquer problemática e atravessar todas as disciplinas. Quanto aos procedimentos metodológicos, as pesquisas dos alunos podem ser tanto de campo quanto bibliográfica. Uma vez que consiste em um processo que envolve as práticas de linguagem: leitura, escrita, oralidade, análise linguística e a produção textual, compreendo como importante, principalmente, o envolvimento dos professores de língua portuguesa nesse processo, de maneira a articular ensino da língua portuguesa e a iniciação científica.

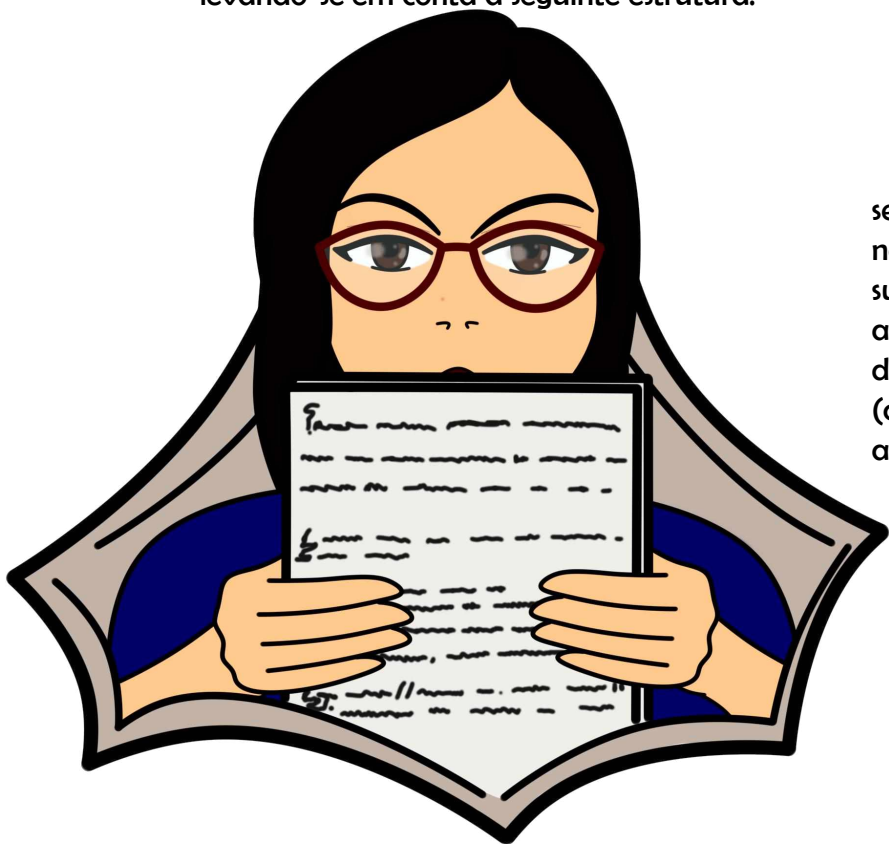
Estrutura do Projeto de pesquisa

A estrutura de um projeto de pesquisa compreende: parte externa e parte interna (elementos pré-textuais e elementos textuais).

Segundo a NBR 15287:2011 a apresentação do Projeto de Pesquisa deverá ser realizada levando-se em conta a seguinte estrutura:

A) Parte externa:

Capa – é um elemento opcional, segundo a NBR 14724:2011, deverá conter nome da entidade para a qual deve ser submetido, quando solicitado; nome do autor; título; subtítulo (se houver); número do volume (se houver mais de um); local (cidade) da entidade onde deve ser apresentado; ano de depósito (da entrega).



Lombada – é um elemento opcional, deve ser elaborada conforme a ABNT NBR 12225. A lombada é a parte da capa do trabalho que reúne as margens internas das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira.

B) Parte interna (elementos pré-textuais):

Folha de rosto – é um elemento obrigatório, segundo a NBR 14724/2011, devendo conter: nome do autor; título; subtítulo (se houver); número do volume (se houver mais de um); tipo de projeto de pesquisa e nome da entidade a que deve ser submetido; nome do orientador; local da entidade onde deve ser apresentado; ano de depósito (da entrega). A folha de rosto que contém os elementos essenciais à identificação do trabalho.

Listas – listas de ilustrações, tabelas, símbolos, abreviaturas e siglas são elementos opcionais.

Sumário – é um elemento obrigatório e deve ser elaborado conforme a ABNT NBR 6027.

É nele que você apresenta os capítulos de seu trabalho e a numeração das páginas. (Cuidado: muita gente confunde sumário com índice).

C) Elemento textual:

É parte em que é exposto o conteúdo do trabalho. Elementos textuais constituem de:



I. Tema e Título

2. Objetivos

2.1 Gerais

2.2 Específicos

3. Problemas

4. Justificativa

5. Introdução

6. Metodologia

7. Referencial teórico

8. Análise de dados

9. Cronograma

10. Referências bibliográficas

11. Apêndice

12. Anexos

O PASSO A PASSO DO SEU PROJETO DE PESQUISA

1. Tema

O primeiro passo para a elaboração de um projeto é a escolha do tema. O tema do seu projeto deve ser escolhido conforme seu interesse no assunto. É preciso conhecer o problema minimamente para perceber coisas que os outros não conseguem ver. Quanto ao título seja, claro, objetivo e direto. Preferencialmente escolha um título pequeno. Título grande demais pode se assemelhar a um parágrafo. O título parte do tema e é o “cartão de apresentação” do projeto de pesquisa.

Delimitação do tema

Delimitar é colocar “limites” para aprofundarmos e até mesmo facilitar o foco de nossa pesquisa. Conceituação do tema, delimitação do problema ou do objeto de estudo, possibilita uma visão geral do trabalho a ser realizado. É importante delimitar as questões ou problemas de pesquisa que se pretende abordar e se for o caso, as hipóteses de pesquisa.

2. Objetivos

Um projeto de pesquisa deve conter objetivos gerais e específicos.

Objetivo Geral

O objetivo geral relaciona-se diretamente ao problema. Ele esclarece e direciona o foco central da pesquisa de maneira ampla.

Objetivo Específicos

Os objetivos específicos definem exatamente o que você espera atingir. Tanto no objetivo geral quanto no específico, sugerimos a utilização de verbos no infinitivo para a descrição dos objetivos.

3. Problema

Você deve apresentar o problema da pesquisa, deve identificar qual o problema ou a questão central do seu projeto, ou seja, em meio ao tema escolhido, a que questão (ou questões) você pretende responder. O problema focaliza o que vai ser investigado dentro do tema da pesquisa.

4. Justificativa

Em linhas gerais, a justificativa é parte do trabalho acadêmico em que se fundamentam as motivações para realizar aquela pesquisa científica. Como o próprio nome diz, é o elemento que justifica o seu trabalho. Você vai mostrar a importância do seu trabalho. Ou então, como a forma que você vai convencer alguém a ler o seu trabalho. Isso porque a justificativa é um elemento importante para a análise de uma pesquisa, principalmente se ela estiver tramitando em um processo seletivo e depender de um aceite, como de mestrado ou de doutorado, por exemplo.

Estrutura técnica da justificativa

A pergunta central deve ser: por que fazer essa pesquisa?

Para responder a essa pergunta, algumas outras questões podem te ajudar. Esse não é um roteiro rígido para escrever a justificativa. É apenas uma estrutura para despertar outras ideias.



***Por que você escolheu esse tema? Qual é a razão para que, dentre tantos outros temas, você tenha escolhido ele?**

***A sua pesquisa pretende resolver alguma questão mal resolvida dentro do tema?**

***Quais são os benefícios que sua pesquisa traz ao assunto?**

***Quais são as razões de ordem teórica que explicavam a relevância do tema? E de ordem prática?**

5. Introdução

A introdução é a primeira parte do texto do seu trabalho. De forma resumida, serve para apresentar um panorama geral da pesquisa. Então, é importante apresentar, à primeira vista, o tema e o problema de pesquisa. Você também deve, de maneira breve, descrever os

motivos para justificar a realização da sua pesquisa. Além de esclarecer os objetivos e a metodologia do trabalho.

Por fim, é interessante que apresente a estrutura dos capítulos da pesquisa.

6. Metodologia

Aqui você deve apresentar como pretende realizar seu trabalho, a partir de quais instrumentos. É o caminho traçado para atingir os objetivos do projeto. Você deve indicar o tipo de pesquisa e as razões para a escolha dos métodos e técnicas adotados. Sinalizar os resultados e conclusões que poderão ser obtidos com a realização da pesquisa. Trata-se de explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda a ação a ser desenvolvida e de tudo aquilo que se pretende utilizar no trabalho de pesquisa: o tipo de pesquisa (de campo; bibliográfica; descritiva; experimental etc.), o instrumental utilizado, como questionários, entrevistas, formulários entre outros.

7. Classificação quanto aos procedimentos técnicos da pesquisa

Os procedimentos técnicos são as características práticas de uma pesquisa. Quanto aos procedimentos técnicos, as pesquisas são: bibliográfica, documental, experimental, ex-post facto, estudo de coorte, levantamento, estudo de campo, estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante.

A) Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica utiliza materiais e outras pesquisas como fontes. Em geral, usam-se livros e artigos científicos.

B) Pesquisa de campo

A pesquisa de campo é uma análise mais profunda de dados coletados de determinado grupo pesquisado. Assim como o levantamento, também é feito questionamento direto às pessoas relevantes ao objetivo da pesquisa. O pesquisador realiza a pesquisa pessoalmente, no local que ocorre o fenômeno. É um procedimento que exige bastante disponibilidade do pesquisador.

8. Revisão da literatura

Talvez seja a parte mais importante de seu trabalho. Por isso, também a mais complexa e onde você deverá dedicar-se mais tempo. Lembre-se que, aqui, você deverá construir um texto bem articulado e bem concentrado. É aqui também que são explicitados os principais conceitos e termos técnicos a serem utilizados na pesquisa, analisando as mais recentes obras científicas disponíveis que tratem do assunto ou que deem embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Nesta etapa você deve articular ideias que conduzam à formulação do problema; ideias estas que deverão estar apoiadas nas referências científicas consultadas.

O que é uma citação?


As citações nada mais são do que referências às informações extraídas de outros trabalhos, como livros, filmes, periódicos, sites e outras fontes que já trabalharam anteriormente com o seu tema. Então, são as citações que dão a certificação de que o trabalho possui um embasamento teórico firme e técnico.

Por que utilizar citações?

É fundamental que você referencie as informações extraídas de outros trabalhos de forma correta. Essas citações devem obedecer às normas da ABNT, que permitem que os leitores identifiquem as fontes de pesquisa do seu trabalho. Ela tende a contextualizar o trabalho na temática, dando **credibilidade** e **registrando** opiniões **similares** ou **conclusões opostas**. Por consequência, quanto mais confiável o trabalho é, maior é sua qualidade científica e técnica. Por essa razão, você não pode escolher apenas citações que te agradam e que confirmam suas hipóteses. É fundamental que as teorias conversem e construam uma ideia nova. Além do mais, é sempre bom lembrar que, se você não citar a fonte original das ideias, acaba cometendo plágio. Então, você precisa ter atenção nisso.

Por que formatar as citações de acordo com as normas da ABNT?

Nesse mesmo contexto, é essencial que você formate as citações de forma correta. Quer dizer: as citações precisam obedecer às normas da ABNT. Isto porque, além de garantir a melhor compreensão da sua ideia, as normas da ABNT padronizam a apresentação do trabalho e afastam a possibilidade de plágio.



“...”

Como fazer os tipos de citações nas normas da ABNT?

Talvez você já saiba, mas existem três tipos de citação: a **citação direta** (curta e longa), a **citação indireta** e a **citação de citação (apud)**. Vamos ver como cada tipo de citação é feita? Sempre dentro do padrão que a ABNT estabelece.

A) Citação indireta

Você pode considerar esses dois pontos no momento da escrita:

* Faça um comentário explicativo, para apresentar a ideia e desenvolver os conceitos e esclarecimentos.

* Desenvolva ou amplie as ideias do texto original, acrescentando exemplos ou comparações.

Não se esqueça que, diferente da citação direta, a citação indireta deve seguir a formatação do texto, **sem recuo ou alteração no tamanho da fonte**.

Exemplo de citação indireta:

- Soares (2009, p. 16) diz que numa sociedade que se divide em classes, a ideologia que domina, de acordo com a ideologia marxista, é a ideologia da classe dominante.
- Em uma sociedade que se divide em classes, a ideologia que domina, de acordo com a ideologia marxista, é a ideologia da classe dominante (SOARES, 2009).

B) Citação direta

Exemplo:

- “São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a **raças** ou a outros grupos humanos” (LARAIA, 1986, p. 17, grifo do autor).

C) Citação direta curta

Por exemplo:

- Segundo Anderson (2006, p. 19) “obviamente, essa é a função da economia: ela busca desenvolver modelos simples e facilmente compreensíveis que descrevam os fenômenos do mundo real.”
- “Obviamente, essa é a função da economia: ela busca desenvolver modelos simples e facilmente compreensíveis que descrevam os fenômenos do mundo real” (ANDERSON, 2006, P. 19).

9. Análise de dados

Uma das etapas mais importantes e difíceis do TCC é a análise de dados. O estudante precisa interpretar corretamente as informações coletadas na pesquisa para escrever a seção de resultados e definir as considerações finais do trabalho. A coleta de dados é fundamental para elaborar uma boa pesquisa. As técnicas mais utilizadas para obter as informações são pesquisa bibliográfica, questionários, observação, entrevistas e a coleta documental. Antes de partir para as técnicas de análise, é necessário identificar o tipo de pesquisa. Há três classificações: exploratória (aumenta a familiaridade com o tema), descritiva (centrada na descrição das características, proporcionando uma nova visão de uma realidade conhecida) e explicativa (um tipo de estudo mais profundo, que identifica fatores que contribuem para fenômenos).

Como se dá a análise e a interpretação?

A análise e a interpretação são dois processos distintos, mas ambos se completam no processo de investigação. Na análise, o estudante procura estabelecer as relações que existem entre os fenômenos estudados. É possível aprofundar o trabalho estatístico, analisando os dados de forma mais detalhadas para obter respostas ou simplesmente levantar perguntas. O momento se revela oportuno para validar hipóteses ou descartá-las. Na interpretação, busca-se um significado mais amplo e atrelado a outros conhecimentos. Um ponto muito importante nesse momento é interpretar os dados utilizando conhecimentos teóricos. A ligação com teoria é importante para atribuir valor à pesquisa. Uma análise de dados quantitativos bem feita não fica vulnerável a erros comuns. A lista inclui afirmações não comprovadas com fatos, erros de cálculo e incapacidade de traçar com coerência as limitações. Portanto, faça a revisão e atente-se a cada detalhe.

Hipótese, hi-pó-te-se, substantivo feminino (sf): suposição que se faz sobre algo, que pode ser verdadeira ou falsa, fundamentando-se em evidências incompletas ou pressentimentos. (michaelis.uol.com.br)

10. Como fazer cronograma de TCC?

Bom, o cronograma não faz parte da estrutura obrigatório do TCC. Pode-se entendê-lo mais como uma ferramenta para aumentar a produtividade e garantir o cumprimento dos prazos de entrega.

Então, de forma geral, as três informações mais relevantes do cronograma são:

- as tarefas que você precisa cumprir;

Entrega do Projeto									x
--------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	---

11. Referências

Elemento obrigatório. Aqui devem aparecer todas as fontes utilizadas no seu projeto. Você deve listar, em ordem alfabética, as referências das obras citadas no corpo do projeto de pesquisa. Para referenciar corretamente tais publicações, siga as normas da ABNT (Referências Bibliográficas NBR 6023)

Em linhas gerais, a referência bibliográfica conforme as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas – é a indicação de autores, título, edição, local, editora e data de qualquer citação feita em um texto. Se você já fez algum trabalho acadêmico, sabe que precisa fazer as referências e citações de acordo com as normas ABNT. Seguir as regras estabelecidas para as referências garante credibilidade ao seu trabalho e respeita as fontes de pesquisa.

Exemplos de Referências de fontes de pesquisa que seguem as normas ABNT:

TIPO DE DOCUMENTO	FORMATO DA REFERÊNCIA	EXEMPLO
Livro com um autor	SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se tiver). Edição (se tiver). Local de publicação: Editora, ano de publicação da obra.	KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
Livro com até três autores	SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, ano de publicação.	ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
Livro com mais de um autor	SOBRENOME, Nome <i>et al.</i> Título: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, ano de publicação.	DILGER, Gerhard <i>et al.</i> Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas de desenvolvimento. São Paulo: Fundação Roxa Luxemburgo, 2016.
Livro com autor desconhecido	TÍTULO DO LIVRO, Local: Editora, ano.	A MULA SEM CABEÇA. Florianópolis: Editora X, 2020.
Referência da Constituição Federal ou	LOCAL. Título (ano). Descrição. Local do órgão constituinte, ano de publicação.	BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

Estadual		
Legislação comum	BRASIL. Lei nº XX.XXX , de dia de mês de ANO. Função da lei. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. XX, n. XX, data de publicação do Diário.	BRASIL, Lei nº 9.029 , de 13 de abril de 1995. Proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização e outras práticas discriminatórias, para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 01, n. 55, 1995.
Artigo de periódico ou revista	SOBRENOME, Nome abreviado. Título do artigo. Título da Revista , Local de publicação, número do volume, páginas inicial-final, mês e ano.	KILOMBA, Grada. A máscara, Revista USP , n. 16, p. 23-40, 2016.
Artigo apresentado em evento	SOBRENOME, Nome. Título do trabalho apresentado. In: TÍTULO DO EVENTO , nº do evento, ano de realização, local (cidade de realização). Título do documento (anais, resumos, etc). Local: Editora, ano de publicação. Páginas inicial-final.	SILVA, João. A contribuição de Paulo Freire na Pedagogia. In: JORNADA DE PEDAGOGIA , nº 3, 2019, Florianópolis. Resumos. Florianópolis: Editora X, 2020, p. 20-50.
Monografia, dissertação ou tese	SOBRENOME, Nome. Título : subtítulo (se houver). Ano de apresentação. Número de folhas ou volumes. Categoria (área de concentração) – Instituição, Local, ano da defesa.	CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser . 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
Obras coletivas ou autorias de entidades	AUTOR, Nome do. Entidade. Título . Local, ano.	SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Cultura. Dados sobre os aspectos culturais de São Paulo . São Paulo, 2017.
Referência de sites ou documentos eletrônicos	SOBRENOME, Nome. Título da matéria. Nome do jornal , cidade de publicação (se houver), dia, mês e ano. Seção (caso exista). Disponível em: URL. Acesso em: dia, mês e ano.	LIMÓN, Raúl. Pfizer afirma que sua vacina contra o coronavírus tem eficácia de 90%. El país , 09 nov. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-09/pfizer-afirma-que-sua-vacina-contra-o-coronavirus-tem-uma-eficacia-de-90.html . Acesso em: 18 nov. 2020.

12. Elementos pós-textuais:

Parte que sucede o texto e complementa o trabalho.

Glossário

Elemento opcional. Elaborado em ordem alfabética.

Apêndice

Elemento opcional. Deve ser precedido da palavra APÊNDICE, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices, quando esgotadas as letras do alfabeto. Aqui entrariam, por exemplo, questionários, formulários de pesquisa de campo ou fotografias.

Anexo

Elemento opcional. Deve ser precedido da palavra ANEXO, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos anexos, quando esgotadas as letras do alfabeto. Assim como os apêndices, os anexos só devem aparecer nos projetos de pesquisa se forem extremamente necessários.

Nota: Lembrando que a forma como são ordenados, podem variar conforme as características de cada projeto, portanto não significa que o processo de elaboração do projeto tenha que seguir essa ordem.

3 PAINEL DE SITES PARA FAZER PESQUISA

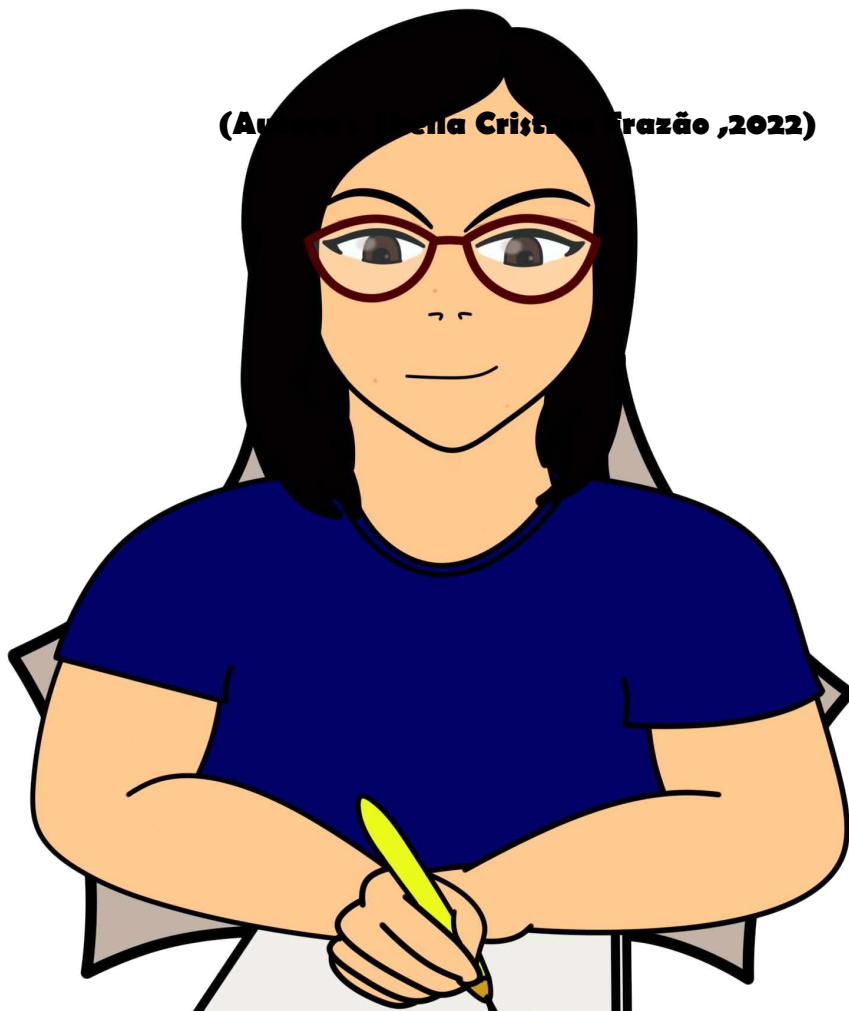
Endereços	DETALHES

BDTD/IBICT https://bdt.d.ibict.br/vufind/	Acesso livre a teses e dissertações defendidas nas instituições de ensino e pesquisa no Brasil.
BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL https://www.wdl.org/pt/	Disponibiliza, gratuitamente e em formato multilíngue, importantes fontes de países e culturas de todo o mundo.
BRASIL ESCOLA https://brasilecola.uol.com.br	Dispõe de mais de 100 mil textos de disciplinas dos ensinos fundamental e médio, referência para vestibular e ENEM.
CIÊNCIA HOJE https://cienciahoje.org.br/	Referência na divulgação científica em todas as áreas, levando em conta o rigor acadêmico e a adequação de forma e linguagem. Permite acesso livre a parte do conteúdo.
DATAVIVA http://dataviva.info/pt/	Plataforma aberta de pesquisa que permite acesso a dados sociais, econômicos, educação, indústria, mercado profissional e outras categorias dos mais de 5 mil municípios brasileiros.
DICIO https://www.dicio.com.br/	Dicionário on-line de português (Editora 7Graus).
DOMINIO PÚBLICO http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp	Biblioteca virtual que tem como principal objetivo promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas na forma de textos, sons, imagens e vídeos.
GALILEU https://revistagalileu.globo.com/	Material sobre ciência, tecnologia, cultura, cinema, artes, séries de TV, sociedade, comportamento, vestibular e ENEM. Algumas matérias são de acesso livre.
GOOGLE SCHOLAR (Google Acadêmico) https://scholar.google.com.br/	Ferramenta de busca, possibilita a localização de artigos, livros, teses, dissertações, entre outras publicações, dentre uma variedade de disciplinas e fontes.

IBGE https://www.ibge.gov.br/	Provedor de dados e informações do País que atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.
MICHAELIS https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/	Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (Editora Melhoramentos).
MUNDO EDUCAÇÃO https://mundoeducacao.uol.com.br/	Conteúdo voltado para estudantes dos ensinos fundamental e médio, nos mais variados assuntos e disciplinas.
NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL https://www.nationalgeographicbrasil.com/	Os principais temas disponíveis são: ciência, viagem, animais, história e meio ambiente.
NORMA CULTA https://www.normaculta.com.br/	Fornece informações relevantes sobre assuntos de

		Gramática da Língua Portuguesa (Editora 7Graus).
PORTAL PERIÓDICOS CAPES https://www-periodicos-capes-govbr.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?		Biblioteca virtual que reúne e disponibiliza produção científica em todas as áreas do conhecimento, nacionais e internacionais, por meio de materiais como e-books, artigos científicos, normas e patentes, dentre outros.
SCIELO https://scielo.org/pt/		Portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na internet.
TODA MATÉRIA https://www.todamateria.com.br/		Site de conteúdos escolares sobre temas variados (Editora 7Graus).
VIRTUOUS https://www.virtuous.com.br/virtuous.php		A Virtuous disponibiliza conteúdos abertos em diversas áreas/disciplinas por meio dos seus portais.
SUPERINTERESSANTE https://super.abril.com.br/		Oferece conteúdo em ciência, história, tecnologia, cultura, curiosidades. Algumas matérias são de acesso livre.
WIKIPÉDIA https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina .		Projeto de enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue com o propósito de fornecer conteúdo livre, objetivo e verificável.
WORLD WIDE SCIENCE https://worldwidescience.org/		Porta de entrada global de ciências composta por bancos de dados e portais científicos nacionais e internacionais, fornecendo uma busca única de bancos de dados de todo o mundo.

(Autoria: Ana Cristina Frazão, 2022)



VAMOS COMEÇAR A ESCREVER SEU PROJETO DE PESQUISA

Vamos começar escolhendo seu tema:

Tema x Título

Tema é o assunto que seu texto vai abordar de forma geral.

Título é um recorte do assunto que irá discutir no seu texto. Você poderá usar sua criatividade. Mas, caso tenha dificuldade em criar o título para seu texto, tenho a seguinte sugestão: um artigo (definido ou indefinido + 3 palavras). Essas palavras, você retira do próprio texto.

Ex :retire uma palavra da introdução que resuma essa parte do texto, retire uma palavra que resuma o desenvolvimento e outra que resuma a conclusão. Prontinho! Seu título estará coerente com o seu texto.

No quadro a seguir, encontrará os temas e títulos dos TCEFS apresentados em 2021.

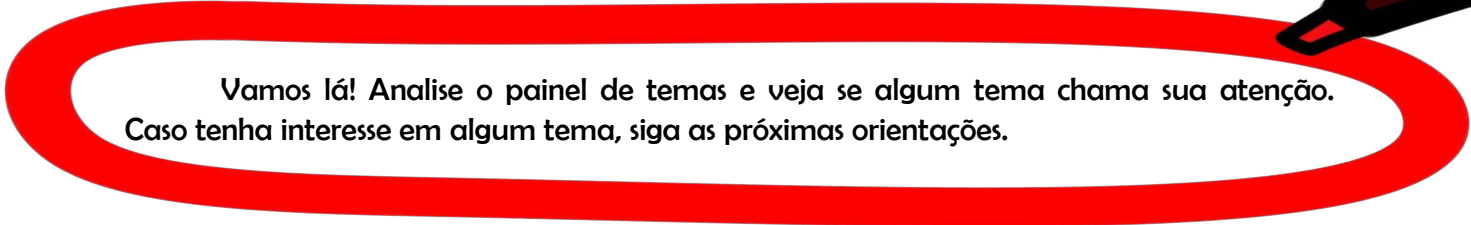
Nº	Temas dos TCEFS	Títulos dos TCEFS
01	Feminismo no Brasil	A Trajetória do Feminismo no Brasil
02	Violência contra a mulher	A luta pela liberdade da mulher
03	Relacionamento abusivo	Relacionamentos abusivos: causas e consequências
04	Trabalho infantil	Um Raio - x do Trabalho Infantil em Salgueiro/PE
05	Moradores de rua	A situação dos Moradores de rua em Salgueiro/PE

- | | | |
|-----------|--|--|
| 06 | Racismo na polícia | Vidas Negras Importam! Pra Quem? |
| 07 | Briga de galo | Briga de galo: Legalizar ou não? |
| 08 | Doação de órgãos | A polêmica da Doação de órgãos no Brasil |
| 09 | Gordofobia | Minha Melhor Versão é GG! |
| 10 | Ansiedade masculina na Pandemia | O Lado B também sofre! |
| 11 | A história de Lampião | A Figura do Cangaceiro Lampião no Sertão Pernambucano |
| 12 | A vida dos caminhoneiros | Caminhoneiros: O lado escuro das rodovias |



Agora é sua vez !!!!

No quadro a seguir, encontrará algumas sugestões de tema. Mas, fica a seu critério escolher algo relacionado aos temas apresentados aqui ou escolher qualquer outro que tenha curiosidade em desenvolver uma pesquisa sobre.



Vamos lá! Analise o painel de temas e veja se algum tema chama sua atenção. Caso tenha interesse em algum tema, siga as próximas orientações.

Para escrever sobre determinado assunto, é necessário ter um bom repertório, uma vez que eles são bem específicos e representam diferentes eixos temáticos, como:

Economia- Educação- Cultura- Meio ambiente- Saúde -Segurança Política entre outros .

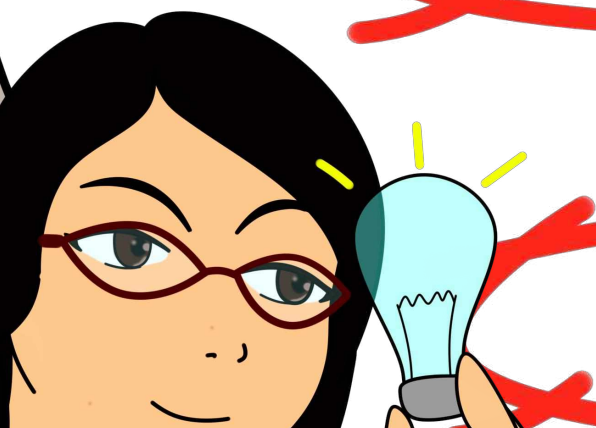
Sugestões de temas

Play-to-earn:os problemas dos jogos para lucrar,e não mais se divertir.
A romantização nos contos de fadas :a representação da inferioridade nas mulheres
Feminicídio no território brasileiro
Desafios para a implantação do nome social no Brasil
Os danos provocados pelo machismo à vida dos homens
Ameaça ignorada:Por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade ?
Benefícios das mudanças ecológicas e o que ainda precisa ser feito
A substituição do caderno por notebooks e tablets:Evolução ou atraso cognitivo ?
Geração naziista:um processo de socorro ou um ato de reafirmação ?
A necessidade de desconstruir o tabu acerca dos cuidados masculinos
Razões para incentivar a adoção de animais de estimação
Conflito no século XXI : Por que os casamentos se tornaram descartáveis ?
A importância da educação prisional no Brasil
Quais são as consequências para a democracia quando a ciência é desacreditada na sociedade ?
As consequências da pressão exercida sobre os jovens
O tabu em relação à educação sexual no Brasil e suas implicações para os jovens
Efeito bolha:o problema agravado pelas redes sociais
A linguagem neutra em debate no Brasil
Gamificação :o futuro do processo educativo
Tráfico humano em questão no Brasil
Alternativas para combate a transfobia no Brasil contemporâneo
Os desafios enfrentados pelos catadores de materiais recicláveis no Brasil .
O estigma associado ao vírus HIV na sociedade brasileira
O uso do celular em sala de aula ferramenta de aprendizagem ou de distração
A questão da fome em tempos de Pandemia
Os desafios no combate à pobreza menstrual no Brasil
Prejuízos da ausência de discussão sobre saúde mental no âmbito esportivo
Maternidade compulsória em debate no Brasil
Debate sobre a gordofobia no Brasil
A banalização das cirurgias plásticas na sociedade contemporânea
Influenciadores digitais e seu impacto nas decisões de consumo
A importância da agricultura da agricultura familiar no Brasil
A questão da fome no Brasil e seus fatores motivadores
Combate ao assédio moral no trabalho
A importância do ensino profissionalizante
O uso de veículos de tração animal no Brasil
A importância da prevenção aos acidentes de trabalho no Brasil
O aumento do vegetarianismo no Brasil
Abandono de incapaz em questão no Brasil
A falta de empatia nas relações sociais no Brasil
O uso e a cobertura do solo no Brasil
Avanços e desafios do direito ao consumidor no Brasil
O aumento do número de profissionais freelancer no Brasil

A desvalorização do trabalho voluntário no Brasil
A digitalização da economia
O desafio de reduzir as desigualdades entre as regiões do Brasil
Os desafios para a valorização da arte urbana no Brasil
Causas e consequências da dependência digital dos jovens na contemporaneidade
Desafios para o combate ao capacitismo em questão no Brasil
A questão do analfabetismo digital no Brasil
Desafios no processo de alfabetização em questão no Brasil
O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira
Abandono de idosos em questão na contemporaneidade
A falta de consciência ambiental em questão no Brasil
A importância do investimento no turismo sustentável no Brasil
Desafios no combate ao abuso sexual infantil no Brasil
A importância das unidades básicas de saúde no Brasil
O empreendedorismo digital em questão no Brasil
O tabu em relação à educação sexual no Brasil e suas implicações para os jovens
A disseminação de imagens não autorizadas na internet e seus efeitos
Stalking: o crime de perseguição no Brasil
A importância da educação financeira na vida do cidadão
A mulher brasileira no mercado de trabalho
A importância da educação prisional no Brasil
A questão do analfabetismo digital no Brasil
Debate sobre os zoológicos: ambientes de preservação ou de desrespeito aos animais?
A prática do catfish e seus perigos
Influenciadores digitais e seu impacto nas decisões de consumo
Desafios enfrentados pelas escolas brasileiras para inclusão de alunos com transtornos de aprendizagem
Ameças de guerras entre nações: impactos da nova crise de refugiados
A relevância da educação midiática no Brasil atual
A importância e as dificuldades de se promover educação política no Brasil
Preservação do planeta: por que parte da população ainda não está disposta a mudar os hábitos em favor do meio ambiente?
Caminhos e perspectivas: a participação feminina na política brasileira
Desafios no combate aos crimes cibernéticos
Desafios para a prática da leitura no Brasil
Os impasses éticos e morais do uso de inteligência artificial
As profissões do futuro e seus desafios
O papel da mulher no futebol
A qualidade da água no Brasil

E aí? Qual será o tema do seu projeto de pesquisa?

Pensando o título...



Agora vamos definir qual será o objetivo geral da pesquisa!

SUGESTÃO DE VERBOS PARA ELABORAÇÃO DE OBJETIVOS (GERAIS)

ABRANGER	ANALISAR	APRECIAR	AVALIAR	COMPREENDER
	CONHECER	CRIAR	INTERPRETAR	OUVIR
		PENSAR	RECONHECER	

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ◆ APONTA
- ◆ ADOTAR
- ◆ APLICAR
- ◆ AMPLIAR
- ◆ AUTORIZAR
- ◆ CALCULAR
- ◆ CARACTERIZAR
- ◆ CATEGORIZAR
- ◆ CITAR
- ◆ CLASSIFICAR
- ◆ COMBINAR
- ◆ COMPILAR
- ◆ COMPARAR
- ◆ COMPOR
- ◆ CONCEITUAR
- ◆ CONCLUIR
- ◆ CONFIRMAR
- ◆ CONSTATAR
- ◆ CONTRASTAR
- ◆ CONVERTER
- ◆ CRITICAR
- ◆ DISTINGUIR
- ◆ DIZER
- ◆ ELABORAR
- ◆ ENUMERAR
- ◆ ENFATIZAR
- ◆ ENUNCIAR
- ◆ ESCOLHER
- ◆ ESBOÇAR
- ◆ ESCREVER
- ◆ ESPECIFICAR
- ◆ ESTABELECER
- ◆ EXEMPLIFICAR
- ◆ EXPLICAR
- ◆ EXPRESSAR-SE
- ◆ FAZER RESUMO
- ◆ GENERALIZAR
- ◆ IDENTIFICAR
- ◆ ILUSTRAR
- ◆ INDICAR
- ◆ INFERIR
- ◆ INVENTAR
- ◆ PESQUISAR
- ◆ PREPARAR
- ◆ PREVER
- ◆ PRODUZIR
- ◆ RECONSTRUIR
- ◆ REDIGIR
- ◆ REESCREVER
- ◆ RELACIONAR
- ◆ RELATAR
- ◆ REPRODUZIR
- ◆ RESOLVER
- ◆ RESUMIR
- ◆ REORGANIZAR
- ◆ REVER
- ◆ SELECIONAR
- ◆ SER CAPAZ
- ◆ SUBDIVIDIR
- ◆ SUBLINHAR
- ◆ SUMARIZAR
- ◆ SITUAR
- ◆ TRADUZIR

Definindo os objetivos específicos

Faça um breve resumo do(a):

Problema

Justificativa



Metodologia

Introdução

Referencial teórico

Anote a sequência das informações que farão parte do seu referencial teórico e se possível já escolha as citações que irá usar no texto.

Referências bibliográficas

Anote os sites que você pesquisou seu tema e os títulos dos artigos acadêmicos e demais textos.



Muito bem!!!! Você conseguiu fazer um rascunho completo da sua pesquisa, agora é a

**vez de colocar todas as ideias em prática e
escrever a versão final.**

Um grande abraço!!

**Ao futuro pesquisador, desejo sucesso em suas
próximas conquistas!!**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: O que é, como se faz, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRAZÃO, Sheila Cristina. A importância da pesquisa na perspectiva do professor de ensino médio. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação básica) - Curso de Educação - Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia 2022.

Sites: Normas ABNT: como fazer a formatação de trabalhos correta (mettzer.com) Acesso em dezembro de 2022.

Iniciação científica – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em dezembro de 2022.

Temas de Redação e Propostas para o ENEM | Imaginie. Acesso em dezembro de 2022.

Hipótese do TCC: como fazer, exemplos pronta para projeto de pesquisa (mystudybay.com.br)